
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
DESENVOLVIMENTO HUMANO E TECNOLOGIAS
(Tecnologias nas Dinâmicas Corporais)**

**PROGRAMA UM COMPUTADOR POR ALUNO:
POLÍTICA PÚBLICA E POLÍTICAS DE SUBJETIVAÇÃO**

CAMILO RIANI COSTA CAZONATTO

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências do Câmpus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Humano e Tecnologias.

Março - 2016

CAMILO RIANI COSTA CAZONATTO

PROGRAMA UM COMPUTADOR POR ALUNO:
POLÍTICA PÚBLICA E POLÍTICAS DE SUBJETIVAÇÃO

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências do câmpus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Humano e Tecnologias.

Orientador: Prof. Dr. Carlos José Martins

Rio Claro

2016

370.285 Cazonatto, Camilo
C386p Programa Um Computador Por Aluno : política pública e
políticas de subjetivação / Camilo Cazonatto. - Rio Claro,
2016
186 f. : il., gráfs., tabs., quadros

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista,
Instituto de Biociências de Rio Claro
Orientador: Carlos José Martins

1. Informática na educação. 2. Tecnologias. 3. Inclusão
digital. 4. Biopolítica. 5. Poder. I. Título.



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Rio Claro



CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: PROGRAMA UM COMPUTADOR POR ALUNO: POLÍTICA PÚBLICA E POLÍTICAS DE SUBJETIVAÇÃO.

AUTOR: CAMILO RIANI COSTA CAZONATTO

ORIENTADOR: CARLOS JOSE MARTINS

Aprovado como parte das exigências para obtenção do Título de Mestre em DESENVOLVIMENTO HUMANO E TECNOLOGIAS, área: TECNOLOGIAS NAS DINÂMICAS CORPORAIS, pela Comissão Examinadora:

Prof. Dr. CARLOS JOSE MARTINS
Departamento de Educação Física / Instituto de Biociências de Rio Claro - SP

Prof. Dr. CESAR DONIZETI PEREIRA LEITE
Departamento de Educação / Instituto de Biociências de Rio Claro - SP

Prof. Dr. MARKO SYNÉSIO ALVES MONTEIRO
Departamento de Política Científica e Tecnológica, Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas - SP.

Rio Claro, 03 de março de 2016

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, aos meus filhos, Moreno e Anita, pela paciência e colaboração ao longo de todo esse processo acadêmico. Muitos dos anseios e desejos que motivaram o presente estudo tiveram neles, e em seus respectivos futuros, a inspiração para acontecer. Sou grato pelo incentivo irrestrito de minha esposa, Camila, que desde que nos conhecemos insistia para que eu fizesse um mestrado. Pesquisadora apaixonada, sempre viu em mim um potencial acadêmico e emprestou-me parte de seu entusiasmo como forma de incentivo e companheirismo. Agradeço aos meus pais pelos valores transmitidos e aos meus irmãos por compartilharem de tais ensinamentos num processo valioso de crescimento pessoal e familiar. Estendo, ainda, a gratidão por poder conviver com uma enorme família, na qual tenho a satisfação de poder ser acolhido em todos os momentos de minha vida. Vocês são o meu porto seguro!

Obrigado Carlos Martins, meu orientador, que soube guiar-me de forma simples e brilhante pelos meandros da filosofia contemporânea, bem como dialogar acerca das dificuldades do processo acadêmico, sobretudo no que se refere à linguagem. Aproveito para, na figura do meu grande amigo e companheiro Julio Pedroso, principal responsável pelo meu processo de ingresso no programa de mestrado, agradecer a colaboração dos demais orientandos do professor Carlos. Tod@s foram fundamentais para as descobertas, bem como para o assentamento das ideias que surgiam em nossas reuniões de grupo.

Por meio do professor Afonso Antônio Machado, coordenador do programa de Desenvolvimento Humano e Tecnologias, felicito os demais responsáveis pela idealização do projeto e pela colaboração na garantia da manutenção das discussões dos temas circunscritos às pesquisas do departamento que colaboram, de forma extremamente séria, com a sociedade como um todo. Ainda dentro do campus da UNESP de Rio Claro, saliento a importância do convívio e da participação nas atividades no Laboratório de Estudos em Políticas Públicas – LEPP, que sob a coordenação do professor Romualdo Dias e comprometimento dos demais membros avança nos questionamentos acerca de uma educação que esteja à altura das potencialidades das multidões.

Para encerrar, destaco a fundamental colaboração dos professores, Marko Monteiro e Cesar Leite que, prontamente, atenderam ao chamado para contribuir nas arguições da qualificação e desta dissertação. Suas colocações foram de grande valia para o aperfeiçoamento e esclarecimento das ideias aqui colocadas. Muito obrigado!

RESUMO

A investigação delineada neste trabalho parte da análise da política pública educacional denominada “Programa Um Computador por Aluno” – PROUCA. A presente pesquisa buscou questionar as estratégias biopolíticas agenciadas enquanto tecnologias de governo na contemporaneidade. Tendo como premissa o embate nas relações entre os atores dispostos em um cenário internacional, as discussões foram circunscritas às possibilidades de resistência e captura, a partir da emissão de *discursos de verdade* acerca da inclusão digital e da necessidade de tornar mais eficiente o processo de aprendizagem a partir do uso de novas tecnologias de informação e comunicação em sala de aula. A leitura crítica de documentos oficiais, que deram sustentação ao Governo Federal na adoção do PROUCA, bem como as indagações junto à *wiki* oficial da ONG, responsável pela disseminação da metodologia adotada na implantação dessa política, possibilitaram o reconhecimento dos atores envolvidos, os respectivos papéis que cumpriram mediante o exercício do poder e a conclusão de que essas constantes disputas estão diretamente imbricadas no regime social, político e econômico vigente.

Palavras-chave

Tecnologias. Inclusão Digital. Política Pública. Biopolítica. Poder.

ABSTRACT

Starting from an inquire on the public policy entitled One Computer per Student Program (PROUCA) [Programa Um Computador por Aluno], the present study sought to assess the biopolitics strategies implemented as government technologies nowadays. Taking the clashing in relationships between the actors on the international setting as its premise, essay's discussion focuses on the possibilities of resistance and capture, trough the assertions made by discourses of truth on digital inclusion and the need to improve the learning process by the use of information and communications technology in the classroom. A critical reading of official documents that gave support to the Federal Government in the adoption of PROUCA, as well as inquiries on the official wiki of the NGO responsible for the dissemination of the methodology adopted in the implementation of this policy, enabled the recognition of the actors involved in it, their roles played through the exercise of power, and the conclusion that these persistent disputes are directly intertwined in the existing social, political and economic regime.

Keywords

Technologies. Digital inclusion. Public policy. Biopolitics. Power.

LISTA DE QUADROS E GRÁFICOS

QUADRO 1 – As escolas do UCA (Pré-Piloto)	53
GRÁFICO 1 – Unidades de Análise PROUCA	65
GRÁFICO 2 – Unidades de Análise do ‘UCA Total’	66
GRÁFICO 3 – Variação Média do IDEB entre 2009 e 2011	67
GRÁFICO 4 – Variação Média do IDEB entre 2009 e 2013	68

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

- 1:1** – Um pra um (um computador para cada aluno);
- BID** – Banco Interamericano de Desenvolvimento;
- BNDES** – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social;
- FNDE** – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação;
- GPS** – Global Positioning System ou Sistema de Posicionamento Global;
- GT** – Grupo de Trabalho;
- G7** – Grupo dos Sete (Estados Unidos, Alemanha, Canadá, França, Itália, Japão, Reino Unido);
- IDEB** – Índice de Desenvolvimento da Educação Brasileira;
- LLECE** – Laboratório Latino Americano de Evaluación de la Calidad de la Educación;
- MEC** – Ministério da Educação;
- MIT** – Massachusetts Institute of Technology;
- OCDE** – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico;
- OLPC** – *One Laptop per Child*;
- ONG** – Organização Não-Governamental;
- Orealc** – Oficina Regional de Educación para América Latina y El Caribe;
- PISA** – Programa Internacional de Avaliação de Alunos;
- ProInfo** – Programa Nacional de Tecnologia Educaconal;
- PROUCA** – Programa Um Computador por Aluno;
- RPN** – Registro de Preços Nacional;
- TIC** – Tecnologias de Informação e Comunicação;
- UCA** – Um Computador por Aluno;
- UCA-Total** – Um Computador por Aluno Total (uma extensão do projeto);
- UIT** – União Internacional de Telecomunicações;
- UNESCO** – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	09
INTRODUÇÃO	10
1. TICS E EDUCAÇÃO	17
1.1. Inclusão digital	18
1.2. Interatividade, a emergência do digital	22
1.3. Educação <i>Menor</i>	28
2. Política Pública e Políticas de Subjetivação	35
2.1. A provocação inicial	36
2.2. Império	41
2.3. Políticas de Subjetivação	45
3. Programa Um Computador por Aluno	51
3.1. Fase 1: Pré-piloto	52
3.2. Fase 2: Piloto – Projeto UCA e outras experiências	56
3.3. Avaliações do Programa	63
CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
REFERÊNCIAS	75
ANEXOS	
Anexo A – E-mail encaminhado a uma das escolas	78
Anexo B – Tabelas do IDEB das escolas do PROUCA	79

*A terapia literária consiste em desarrumar a linguagem
a ponto que ela expresse nossos mais fundos desejos.
Quero a palavra que sirva na boca dos passarinhos.
(...)*

*Não gosto da palavra acostumada.
A minha diferença é sempre menos.
Palavra poética tem que chegar ao
grau de brinquedo para ser séria.”*

Manoel de Barros¹

APRESENTAÇÃO

Em todo manuscrito deste trabalho de mestrado, este foi o único espaço em que me permiti escrever na primeira pessoa do singular. Mas não estou sozinho e trago poesia para equilibrar a tensão. Invoco Manoel de Barros para me acompanhar. Ele que me capturou ao declarar de cara limpa que noventa por cento do que escreve é invenção e “só dez por cento é mentira”. Veja só, justo agora que li, escrevi, refleti, apaguei e reescrevi sobre os tais *discursos de verdade*, me vem um poeta e, escandalosamente, me diz que aquilo que escreve ou é invenção ou é mentira... Onde já se viu?!

Manoel resume grande parte do meu sentimento em relação ao processo de descobertas dessa atividade acadêmica. Talvez o que esteja escrito em boa parte das próximas páginas seja exatamente o contrário do que descrevo aqui. Mas é desse contraste que quero que provem. Aqui a linguagem é *menor* e escapa, como diziam os poetas franceses Gilles e Félix, ou como resumiu nosso filósofo sertanejo que quer “a palavra que sirva na boca dos passarinhos”.

De que me adianta a ordem vigente se ela não *vê gente*? O debate está sendo feito e as cartas estão colocadas à mesa. O uso de tecnologias de governo não são capazes, por si só, de decretarem a falência da esperança, ainda mais ao tratar das novas tecnologias de informática e da educação. É justamente na experiência, no compartilhamento e na ressignificação que estão colocadas as armas para enfrentar a padronização e o controle. E o digital está aí também para ensinar. As novas possibilidades de formatação, a linguagem de códigos-fonte e os softwares-livre são novos modos de criação que podem vir a serem grandes aliados da escola, enquanto local privilegiado para o exercício da *minoridade*. Entender sobre os processos de dominação é fundamental. Usar da liberdade para confronta-los é poético, e, portanto, *menor*.

¹ (BARROS, 2013: p. 46 e 47)

*“É preciso estar com os pés no chão,
e saber que os processos de transformação
não se dão porque queremos, mas sim em virtude
das forças políticas sobre as quais eles se apoiam.”*

Lula (1982)²

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa buscou traçar um recorte, muito bem delimitado, a fim de questionar o grau de influência de tecnologias biopolíticas junto à criação de políticas públicas brasileiras, mais especificamente o “Programa Um Computador por Aluno” – PROUCA. Partiu-se da hipótese de que as relações agonísticas, que permeiam o exercício do poder no mundo contemporâneo, estão agenciadas a partir do aperfeiçoamento contínuo de estratégias do biopoder que, de forma sutil, introjetam nos corpos dos sujeitos modernos um autocontrole com capacidade para estabelecer certa ordem vigente, bem como reproduzir os discursos que visam a consolidação de forças hegemônicas.

O objetivo deste trabalho foi possibilitar o diálogo entre os fatos e os relatos colhidos ao longo da pesquisa tendo como premissa sempre os seguintes questionamentos: a) de que maneira os discursos de democratização relacionados ao acesso às novas tecnologias de informação e comunicação (TICs)³ operam em meio ao conjunto de estratégias de tecnologias de governo?; b) qual a capacidade de influência de tais discursos na criação e implementação da política pública educacional conhecida como PROUCA?

Por tratar-se de um Programa que teve seu ciclo de ações já encerrado, optou-se por uma pesquisa documental trabalhada pontualmente que procurou, a partir de fontes

² O trecho da epígrafe foi retirado de uma publicação do Partido dos Trabalhadores (1982), que transcreve uma entrevista do pesquisador francês Félix Guattari com o então líder sindical, e principal expoente do recém-surgido partido brasileiro, Luiz Inácio Lula da Silva. No contexto da presente pesquisa, a frase cumpre um papel provocativo ao propor inúmeras interpretações a depender da orientação ideológica e partidária do leitor. Há quem dirá que se trata de uma justificativa antecipada para a capitulação do PT pelo sistema capitalista, outros identificarão certa coerência entre a fala e a prática futura daquele que viria a se tornar presidente vinte anos mais tarde. Porém, a intenção foi trazer apenas um recorte temporal, uma vez que o período de duração do PROUCA esteve inserido entre o segundo mandato de Lula e o primeiro mandato de sua sucessora, Dilma Roussef, e induzir a reflexão acerca da capilaridade das estruturas governamentais, sobretudo no atual estágio do neoliberalismo desse início de século XXI, e as margens de ação e manobra que governos intitulados de esquerda possuem ao propor administrar o sistema capitalista.

³ “As novas tecnologias, ou tecnologias digitais, expandiram enormemente a possibilidade de acesso à informação e às formas de comunicação, daí por que migraram de ‘tecnologias de informática’ para serem nomeadas novas tecnologias de informação e comunicação (TICs)” (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2008: p.25).

e documentos oficiais, trazer à tona elementos que viriam a ser cotejados com os fundamentos abordados na revisão da literatura específica, acerca do tema do uso das TICs na educação. Desta feita, buscou-se visualizar o posicionamento de cada um dos atores envolvidos no processo, a partir do questionamento de seus próprios discursos proferidos em locais privilegiados do complexo tecido social contemporâneo.

O principal documento empírico utilizado foi o relatório “Um Computador por Aluno: a experiência brasileira” elaborado pelo Conselho de Altos Estudos e Avaliações Tecnológicas da Câmara dos Deputados, que traz as análises acerca da criação do PROUCA, por parte do Governo Federal, bem como os apontamentos acerca da execução da primeira etapa do programa chamada de “Fase 1” ou “Pré-piloto”, ocorrida em 2007. Em meio às inúmeras citações de órgãos internacionais e de especialistas no assunto, como forma de dar aval ao poder executivo para a adoção do “Um Computador por Aluno” e de tecer recomendações para a continuidade das futuras ações previstas, o relatório avalia que “a disseminação do laptop educacional com acesso à Internet pode ser uma poderosa ferramenta de inclusão digital e melhoria da qualidade da educação” e cita, ainda que “o governo também enxergou nessa estratégia uma possibilidade de inserção da indústria brasileira no processo e, para tanto, resolveu testá-la em algumas unidades de ensino” (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2008: p.15). Apesar de breve, estas primeiras avaliações suscitam algumas interrogações a serem trabalhadas ao longo do estudo, no que tangem os conceitos e estratégias de superação da “inclusão digital”, a melhoria da “qualidade da educação” e a “inserção da indústria brasileira no processo”.

Outra importante fonte de pesquisa foi o conteúdo encontrado do site da ONG *One Laptop per Child* (OLPC) no Brasil, responsável pela disseminação do novo paradigma 1:1⁴ como método de superação do déficit da inclusão digital ao redor do mundo, sobretudo para países em desenvolvimento. Os enunciados contidos na *wiki* oficial da organização trazem informações relevantes sob o ponto de vista crítico da sociedade de controle. São discursos que estão na ordem do dia em relação aos desafios da sociedade contemporânea, mas que ao serem analisados na perspectiva das estratégias biopolíticas de exercício do poder governamental, fornecem outros tipos de interpretações que podem sugerir a colaboração na reprodutibilidade de tais estratégias.

Esclarecidos os métodos, hipóteses e objetivos, cabe circunscrever os presentes temas junto à linha filosófica que permitiu a abordagem das questões. Ao longo de todo percurso estarão elencados conceitos que se relacionam diretamente com a contribuição dada pela filosofia francesa de meados do século XX, sobretudo, na maneira com a qual

⁴ Ilustração utilizada para designar o paradigma ‘um para um’ (1:1) ou um computador para cada aluno.

Foucault estabeleceu seu modo de trabalho. Mais do que contar a história da filosofia o autor desempenhou o papel de problematizar o mundo de forma a desvelar uma ideia de naturalização da vida vigente, principalmente, no pensamento moderno. Sobremaneira, em sua genealogia do poder, o autor busca de forma estratégica destacar a questão do sujeito frente aos agenciamentos e relações de poder enquanto possibilidades de resistência ou captura dos sujeitos modernos. Para Martins (2013), “...o objetivo principal de tais estratégias de luta, segundo Foucault, seria atacar menos uma instituição, grupo, classe ou elite, e mais uma técnica ou uma forma de relações de poder” (MARTINS, 2013: p.87).

As discussões aqui presentes estarão acompanhadas por palavras-chave como biopolítica, biopoder e governamentalidade, neologismos utilizados por Foucault com a finalidade de ir desvelando as estratégias e táticas de exercício do poder, problematizando a questão do sujeito, sem o objetivo de estabelecer uma nova teoria ou metodologia para os estudos do tema. Martins (2006) traz uma possibilidade de introdução à compreensão de maneira mais concisa no que tange a inter-relação desses conceitos ao relatar que “segundo Foucault, a biopolítica caracteriza-se como uma maneira de racionalizar os problemas colocados à prática governamental para os fenômenos próprios a um conjunto de viventes constituídos em população” (MARTINS, 2006: p.6). Porém, essa pesquisa não irá se debruçar na explicação de tais conceitos *foucaultinos*. O pano de fundo para os questionamentos estará no reconhecimento da existência de tecnologias de subjetivação que compõem todo um maquinário responsável por estabelecer modos de existência para fins de consolidação e aperfeiçoamento do (neo)liberalismo. Seguindo, inclusive pistas que o próprio filósofo sugere em uma de suas aulas no *Collège de France*, entende-se que:

“a análise da biopolítica só poderá ser feita quando se compreender o regime geral dessa razão governamental de que lhes falo, esse regime geral que podemos chamar de questão de verdade – antes de mais nada da verdade econômica no interior da razão governamental –, e, por conseguinte, se compreender bem o que está em causa nesse regime que é o liberalismo, o qual se opõe à razão de Estado, ou antes, [a] modifica fundamentalmente sem talvez questionar seus fundamentos. Só depois que soubermos o que era esse regime governamental chamado liberalismo é que poderemos, parece-me, apreender o que é a biopolítica” (FOUCAULT, 2008a: p.30)

A presente pesquisa visa, portanto, colaborar com demais estudos no que se refere à percepção das características do regime vigente, sobretudo na configuração de algumas de suas estratégias contemporâneas utilizadas globalmente e que exercem sobre corpos e populações um efeito de controle individual e ao mesmo tempo totalizante.

Neste mesmo sentido, outro filósofo francês contribuiu bastante com esses aprendizados e foi, inclusive, o disparador de questionamentos acerca do objeto pesquisado. Em um breve, porém complexo ensaio chamado de “*Post scriptum: sobre as sociedades de controle*”, Deleuze retoma os apontamentos de Foucault e aborda a transição dos regimes políticos partindo da ideia de soberania vigente ao longo de toda a idade média, passando pelo liberalismo pensado, a partir de meados do século XVIII, até desaguar no neoliberalismo dos dias de hoje. Foucault também avança nessas mesmas questões, mas foi apoiado na leitura deleuziana que o presente trabalho iniciou-se interrogando os discursos acerca da criação e implementação do PROUCA. Toda essa provocação inicial de Deleuze que compreende um algo novo, sobretudo no tema da educação, pode ser resumida nos seguintes dizeres:

“O que conta é que estamos no início de alguma coisa. [...] No regime das escolas: as formas de controle contínuo, avaliação contínua, e a ação da formação permanente sobre a escola, o abandono correspondente de qualquer pesquisa na Universidade, a introdução da ‘empresa’ em todos os níveis de escolaridade [...] São exemplos frágeis, mas que permitiriam compreender melhor o que se entende por crise das instituições, isto é, a implantação progressiva e dispersa de um novo regime de dominação” (DELEUZE, 1992b: p.225).

Esse tal algo novo, ao qual se refere Deleuze, parecia incompleto no início da pesquisa, mas revelou estar, de alguma maneira, relacionado à emergência do digital e às mudanças no contexto social que se vinha provocando nesse início de século. Interrogava-se se o que estava em trânsito era uma reconfiguração do campo comunicacional e se isto estaria proporcionando um redimensionamento do campo de ação, tanto do emissor, quanto do receptor das mensagens. Nesse novo cenário a escola moderna, centrada na transmissão vertical do conhecimento, teria passado a encontrar grandes obstáculos com a passagem para o horizonte dos relacionamentos interativos de rede, não apenas por testar ou negar o uso de novas tecnologias de informática, mas por não entender que se trata de “um processo em curso de reconfiguração das comunicações humanas em toda sua amplitude” (SILVA, 2012). Ou seja, o novo aluno traz uma bagagem cultural formatada, que anseia por novas formas de interação com o conteúdo a ser aprendido, porém, o professor institucionalizado, formado na sociedade disciplinar e cumpridor de tarefas hierárquicas das mais variadas ordens, insere barreiras intransponíveis nessa relação que se propunha privilegiadas por natureza e impossibilita trocas e aprendizado mútuo. A partir de então, o intuito desse trabalho não foi propor um novo modelo de escola, mas sim, apontar para os descompassos, paradoxos,

correlações de força e resistência provenientes das mudanças em curso, sobretudo a relação dessas mudanças com o uso das TICs, dentro e fora da sala de aula.

Para tanto, a presente dissertação está dividida em três capítulos, cada qual subdividido em três seções proporcionalmente distribuídas em relação ao conteúdo. O primeiro capítulo contém uma revisão da bibliografia específica que dialoga com os autores que embasam, teoricamente, as ideias e descobertas do exercício acadêmico. Na primeira e a terceira seção focaremos dois eixos temáticos da pesquisa: as TICs e a educação, respectivamente. Já a seção intermediária é uma conexão entre os dois temas, a partir da emergência do conceito de *interatividade*. Sobre as novas tecnologias, o debate focou o acesso às mesmas sob a chave do *discurso de verdade* contemporâneo da inclusão digital enquanto estratégia biopolítica de exercício do poder governamental. Já a educação também se viu inserida na lógica de captura do neoliberalismo, mas foi dedicado um espaço para a visualização de novas possibilidades, sobretudo ao identificar a oportunidade de encontrar falhas no sistema para a criação do que vem sendo chamado de *educação menor*.

O segundo capítulo debruçou-se sobre as análises dos discursos que anteciparam a criação do PROUCA no Brasil. Para dar maior sentido e compreensão à hipótese levantada inicialmente foram utilizados, nesse capítulo, muitos documentos empíricos. São discursos pronunciados, em caráter oficial, e que atribuem um valor de responsabilidade capaz de dar corpo às suposições levantadas no estudo. São enunciados governamentais proferidos por meio do documento da Câmara dos Deputados em defesa da ação do poder executivo e também conteúdos disponibilizados pela ONG *OLPC* em sua *wiki* no Brasil e que sugerem o posicionamento oficial da entidade. As três seções estão divididas a partir da relação dos discursos com um tipo de método de análise acerca do entendimento de biopolítica.

O primeiro item descreve parte das condicionalidades do presente sistema que têm nas relações agonísticas o pressuposto da liberdade e expõe que todo o corpo social está imbricado nesse exercício de poder, portanto, o objeto da pesquisa estaria inserido nesse contexto.

Na segunda parte o conteúdo se sobrepõe a uma ilustração sugerida por Negri e Hardt (2005) que descrevem a sociedade contemporânea organizada em uma pirâmide imperial, cujos atores envolvidos no processo de criação e de implementação do PROUCA aparecem cada qual em seu respectivo posto dentro dessa estrutura de poder. E por fim, a terceira seção, sobrepõe os mesmos atores e seus discursos a uma leitura mais focada da noção de biopolítica proferida inicialmente por Foucault e traduzida por

Rose e Rabinow (2006), com destaque para a interpretação de *práticas do self* enquanto modo de subjetivação do sujeito na modernidade.

No último capítulo está exposta a execução do “Programa Um Computador por Aluno” em suas duas fases previstas, juntamente com uma análise dos resultados obtidos a partir de leituras baseadas em outras pesquisas acerca do tema. Resultados estes que se baseiam na premissa do embate eminente entre as capturas do sistema neoliberal e as brechas que dão possibilidade para linhas de fuga no exercício de uma *educação menor*. A primeira seção ocupou-se da primeira fase do programa nomeada de “pré-piloto” aplicada em cinco escolas. A segunda seção focou na segunda fase, chamada de “piloto”, ou ainda, de “projeto UCA” que abrangeu trezentas escolas por todo o país, espalhadas por todos os vinte e sete estados da federação. Na falta de elementos disponíveis, que colaborassem na visualização dos resultados do conjunto total do programa, ou seja, números e/ou características convergentes a todas as escolas participantes da ação, na última seção deste último capítulo foi realizada a tabulação dos números oficiais do principal indicador de qualidade da educação, o “Índice de Desenvolvimento da Educação Brasileira” – IDEB, de cada uma das trezentas escolas de forma a compará-los com a evolução dos números globais, nacionais, estaduais, municipais e escolares no mesmo período da vigência do programa, traçando também um recorte com os dados de outras épocas. O intuito foi visualizar as possíveis mudanças proporcionadas pelo uso de novas tecnologias dentro da sala de aula em comparação às demais escolas que não se utilizaram dos mesmos atributos implicados ao PROUCA.

A introdução dessa nova variável estatística como forma de compreender as imersões em que a sociedade contemporânea está submetida tem o propósito de fazer emergir a realidade dos processos de captura pelas modulações dos controlatos estatais. Estatística é a ciência do Estado⁵ e está estabelecida mundialmente como instrumento de governo, uma vez que se propõe a operar o sistema econômico vigente por meio de cooperações bi e multilaterais. Os questionamentos que surgem aqui atravessam uma dicotomia que tende a expor a predileção por fatores quantitativos em detrimento da

⁵ Foucault, na obra ‘Segurança, Território e População’ explicita tal afirmação ao contrapor a nova realidade da arte de governar em relação ao poder soberano presente em Maquiavel. “...a teoria da arte de governar esteve ligada [...] a todo um conjunto de análises e de saberes que se desenvolveram desde o fim do século XVI e que adquiriram toda a sua amplitude no século XVII, essencialmente esse conhecimento do Estado em seus diferentes dados, em suas diferentes dimensões, nos diferentes fatores do seu poder, e foi isso que se chamou precisamente de ‘estatística’ como ciência do Estado” (FOUCAULT, 2008: p.134)

qualidade dos resultados obtidos. Trata-se de uma racionalidade cifrada que desumaniza os processos na tentativa de minar as possibilidades de resistência.

Por fim, as conclusões dão o tom do presente debate ao interrogar as características mais marcantes dos embates inerentes a essa contemporaneidade. Um viver marcado por constantes conflitos a serviço do exercício do poder, bem como ao surgimento de novas experiências de resistência pautadas pela premissa da liberdade. De acordo com Deleuze:

“Pode-se com efeito falar de processos de subjetivação quando se considera as diversas maneiras pelas quais os indivíduos ou coletividades se constituem como sujeito: tais processos só valem na medida em que, quando acontecem, escapam tanto aos saberes constituídos como aos poderes dominantes. Mesmo se na sequência eles engendram novos poderes ou tornam a integrar novos saberes. Mas naquele preciso momento eles têm efetivamente uma espontaneidade rebelde. Não há aí nenhum retorno ao ‘sujeito’, isto é, a uma instância dotada de deveres, de poder e de saber. Mais do que de processos de subjetivação, se poderia falar principalmente de novos tipos de acontecimentos: acontecimentos que não se explicam pelos estados de coisa que os suscitam, ou nos quais eles tornam a cair. Eles se elevam por um instante, e é este momento que é importante, é a oportunidade que é preciso agarrar” (DELEUZE, 1992a: p.217-218).

Serão, portanto, as singularidades das experiências que irão orientar a capacidade desses embates em pender para o estabelecimento de uma ordem, ou o rompimento com o senso comum. Esse tipo de abordagem inaugurada, sobremaneira por Foucault, coloca-se em destaque mediante a compreensão da modernidade e tudo o que vem atrelado a ela quando se propõe desvelar, mais do que explicar; visualizar estratégias, mais do que determinar condições congênitas e quando se confrontam os interesses de parcelas da sociedade, que historicamente vêm se beneficiando da sutileza das tecnologias de governo, em detrimento dos demais. Compreender tais mecanismos se faz fundamental, sobretudo àqueles que enxergam as potencialidades do exercício da *minoridade*.

1. TICS E EDUCAÇÃO

Est primeiro capítulo está pautado pela imbricação dos dois principais temas desta pesquisa – as novas tecnologias de informação e comunicação e a educação – de modo a questionar ambos sob o viés da influência do exercício do poder por meio de estratégias biopolíticas da sociedade contemporânea. O objetivo foi trazer à tona, os elementos, identificados nos diálogos dos autores, que deram subsídio para o aprofundamento de questões pertinentes para o processo de investigação dessa pesquisa, que foi fundamentada por meio de uma revisão bibliográfica específica.

A primeira seção trata da inclusão digital enquanto *discurso de verdade* próprio desse início de século e questiona a função das TICs imersas em um mecanismo cíclico de mercado que dissemina o desejo de consumo dos aparelhos tecnológicos, que por sua vez passam a coletar dados e informações fornecidas pelo próprio usuário auxiliando na formulação das técnicas de controle utilizadas pelo mercado para disseminar o tal desejo.

A segunda seção discorre sobre uso das novas tecnologias dentro das salas de aula por meio da observação da emergência da interatividade. Foi analisada nessa seção uma proposta acerca da possibilidade de uma reinvenção da escola a partir das características que a nova lógica digital impõe ao social contemporâneo. Neste contexto, foi possível verificar uma relação paradoxal, pois identifica como principal ator capacitado, para a realização de tal mudança, o mesmo agente que reproduz a lógica de mercado e que impede tais alterações em função da manutenção do *status quo*, ou seja, o Estado moderno.

Mas não só de capturas ocupa-se o capítulo. A última seção estará debruçada no contexto da educação, não só apontando as relações de poder, a que a instituição escolar está submetida, mas interrogando as possibilidades, mesmo que remotas, de se escapar da capilaridade do poder governamental. Para tanto tais análises estão permeadas pelo construto da *minoridade*, cuja derivação do conceito de *Menor* esboçado nas obras de parceria entre Deleuze e Guattari, aponta para a possibilidade de coexistirem outros formatos de compreensão da realidade, de forma que a singularidade das experiências carregue em si a potência para escapar dos mecanismos da lógica vigente, trazendo outro sentido para a existência. Inclui-se nestes pensamentos a realidade das novas tecnologias de informação e comunicação no contexto do social, e principalmente, na educação contemporânea.

1.1. Inclusão digital

Ao tratar do tema da inclusão digital, no âmbito da presente pesquisa, e no intuito de ir direto ao cerne da questão, estão dispostas a seguir as discussões acerca dos discursos estratégicos como forma de garantir a disseminação do acesso às TICs de forma universal. O debate está restrito à palavra-chave “acesso” no exercício do biopoder, sem deixar de reconhecer a importância das outras múltiplas interpretações advindas do mesmo campo de pesquisa. Estes discursos carregam em si algo além do contato e manipulação dos aparelhos tecnológicos. Estão imbricados em uma relação política de fundo, cuja disputa pelo poder lhe confere centralidade nos debates sobre o contemporâneo, porém tratados ainda de forma muito superficial. Segundo Santos, “...por mais importante que seja o plano utilitário, este não esgota o modo de existência das máquinas; mas tudo que na tecnologia extrapola a função de uso permanece invisível e não é percebido...” (SANTOS, 2011: p.10). Está exposto nas palavras de Santos um chamado para a politização do tema que abrange as novas tecnologias, sobretudo no que tange as estratégias para sua introdução no campo social da globalização.

Muito se fala, atualmente, em inclusão digital. Trata-se, aliás, de uma das principais bandeiras políticas de governos de todas as esferas neste início de século XXI. Mas ao pretender incluir, teoricamente, parte-se do pressuposto de que existam populações excluídas desse novo mundo de possibilidades que se abre com a emergência do digital. Exclusão tal que considera tanto a falta de acesso ao equipamento de informática em si, quanto ao conhecimento e às informações possíveis de serem adquiridas a partir do uso desses aparatos informacionais. “O acesso à tecnologia tornou-se tão vital que hoje a inclusão social e a própria sobrevivência passam obrigatoriamente pela capacidade que indivíduos têm de se inserir no mundo das máquinas e de acompanhar as ondas da evolução tecnológica” (idem, 2011: p.10). Ao tratar de uma questão tão vital, faz-se necessária a abertura de um parêntese para identificação da gênese dessa condição tão atual.

Foucault, ao analisar o nascimento da biopolítica, contribui para a noção da emissão de novos signos de verdade, ora emitidos pelo poder soberano e agora por meio da racionalidade de um contrato social, enquanto estratégia para a modulação do governo dos corpos, cuja clivagem torna evidente “toda uma porção da atividade governamental que vai passar assim para um novo regime de verdade, e esse regime de verdade tem por efeito fundamental deslocar todas as questões que, precedentemente, a

arte de governar podia suscitar” (FOUCAULT, 2008a: p.27). Esse “ponto de clivagem é importante porque ele inaugura nossa modernidade determinando o modo como nós somos governados hoje” (AVELINO, 2011: p.86). É, portanto, em meados do século XVIII, a partir da racionalização e frequência da enunciação de regimes de verdade enquanto arte de governar que se instaurou a condição moderna enquanto sistema político-social. Desde então, cada época passa a normatizar seus próprios regimes de verdade e a emergência do digital no mundo contemporâneo traz a reflexão acerca dessa roupagem atual da verdade enquanto inclusão digital. Para Godoy:

“os dispositivos informático-comunicacionais efetivamente estão a serviço da opinião, visto ela formar e percutir a moldura cultural, reforçando os vetores normativos, isto é, aqueles em concordância com a verdade de uma época, verdade que ela desvelaria. O caráter estratégico do dispositivo reside, todavia, em que a verdade constitua como uma dobra do Si, permitindo tanto o controle sobre a verdade produzida quanto sobre as subjetividades, os modos de existência que ela determina” (GODOY, 2013a: p.52)

Ao tomar as TICs enquanto objeto de estudos depara-se com uma relação simbiótica cujos fundamentos básicos de existência das mesmas as posicionam de duas maneiras distintas, no espectro do poder governamental contemporâneo. Enquanto objetos de desejo para o consumo de mercadorias tecnológicas, mas também como ferramentas de participação e emissão de opiniões que alimentam o conhecimento fornecendo dados acerca dos indivíduos e das populações para fins de controle daqueles que sustentam tal poder, de forma a garantir “a racionalidade política do contrato, configurada pelo liberalismo dos séculos XVIII e XIX, e pelo neoliberalismo de nossos dias, [que por sua vez] consiste em indexar o exercício do poder na racionalidade daqueles sobre os quais o próprio poder é exercido” (AVELINO, 2011: p.86). De acordo com Santos:

“Há um modo muito mais sutil e perverso da vigilância eletrônica violar a privacidade, método que prescinde da instalação de câmeras no espaço domiciliar e até mesmo do consentimento do vigiado que se encontra superexposto. Trata-se do cruzamento e processamento dos dados que cada um de nós gera ao entrar, sair e transitar no diversos sistemas informatizados e nas diversas redes que compõem a vida social contemporânea” (SANTOS, 2011: p.136)

O autor ainda aponta para “a inocência do usuário do ciberespaço e, principalmente, do usuário brasileiro que, frequentemente, nem sabe da existência dos *cookies*, esses pequenos *bits* de *software* plantados em seu computador para coletar parte de seus dados” (idem, 2011: p. 140). Trata-se da implantação de sistemas de vigilância digital onde o usuário/consumidor das redes digitais fornece informações

acerca de seus gostos e preferências, muitas vezes sem saber que está gerando tais dados. A cada *click*, o conteúdo é processado pelos servidores e repassado aos anunciantes para que estes direcionem suas ações de marketing para o segmento específico apto a consumir determinado produto. Assim, ao visitar o site de uma banda ou procurar pelos gols do time de futebol, por exemplo, os algoritmos identificam essa inclinação por algo e passam a compor o perfil completo do navegante. Ao considerar que em decorrência dessa “aliança entre a tecnociência e a economia, e com o fim da política que dela decorre, os incluídos viram cada vez mais sua condição de cidadãos ser reduzida à de consumidores” (ibidem, 2011: p.127), tais indivíduos tornam-se presas ainda mais vulneráveis sob a perspectiva do controle governamental atual e os modos de construção das subjetividades.

Está se moldando até aqui a inclusão digital enquanto um *discurso de verdade* da sociedade contemporânea que define uma massa populacional excluída a fim de garantir a cada indivíduo desse conjunto a possibilidade de sobrevivência no mundo informatizado. Para tanto, o sujeito deverá atualizar-se, não sem antes a ajuda do Estado que imbricado na lógica econômica e de mercado, torna-se um dos principais emissores de tal discurso de inclusão e deverá, portanto, garantir o acesso às ferramentas necessárias para que o cidadão possa capacitar-se e se ver de fato incluído no sistema. Neste sentido, o documento da Câmara dos Deputados fornece subsídios para que a presente discussão se enverede de forma a fundir-se com o outro ponto chave da pesquisa, e que será tratado com mais detalhes nas seções seguintes, a educação. Mas, sobretudo de forma a garantir novos questionamentos acerca do funcionamento do mercado por parte do Estado. Segundo o relatório:

“Como é a educação escolar que estabelece as bases do tipo de relação futura entre indivíduo e aprendizagem, além de constituir-se, particularmente em países pobres, em fator decisivo de inclusão social e econômica, a disponibilização de tecnologias digitais nas escolas tornou-se foco de políticas públicas” (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2008: p.28).

Ao analisar esta afirmação sob o viés da implantação de políticas públicas, por parte do Estado, já é possível encontrar vestígios de práticas racionalizadas próprias do neoliberalismo. Segundo Lopes (2009), “a inclusão, via políticas de inclusão escolares, (...) funciona como um dispositivo biopolítico a serviço da segurança das populações. Ao estarem incluídas nos grupos (...) as pessoas tornam-se alvos fáceis das ações do Estado” (LOPES, 2009: p.156). E quando mais acima, fala-se na relação entre Estado e mercado, por mercado não se deve entender como local de troca de mercadorias. Neste

modo de subjetivação onde os indivíduos são levados a agir por Si, como forma de empreender sobre a própria vida, fica estabelecido uma relação entre empresários e não entre comerciantes (LAZZARATO, 2008). De acordo com Lazzarato (2008):

“Não é preciso intervir sobre o mercado, uma vez que é o princípio de inteligibilidade, o lugar da veracidade, da medida. Sobre o que se vai, então intervir? Segundo os liberais alemães, é preciso agir sobre dados que não são diretamente econômicos, mas que são as condições de uma eventual economia de mercado. O governo deve intervir sobre a sociedade em si mesma, em sua trama e em sua espessura. A ‘política da sociedade’ como eles a chamam, deve levar em conta e se encarregar dos processos sociais para fazer face, em seu seio, a um mecanismo de mercado. Para que o mercado seja possível, deve-se agir sobre o quadro geral: sobre a demografia, sobre as técnicas, os direitos de propriedade, as condições sociais, as condições culturais, a educação, as regulações jurídicas, etc” (idem, 2008: p. 48)

Assim como a noção de mercado está submetida a uma nova maneira de enxergar além das teorias econômicas clássicas, o correlato trabalho/trabalhador também deve ganhar nova interpretação. Entra em cena aspectos da *teoria do capital humano* onde a formação do indivíduo pressupõe “fazer e gerir investimentos na educação escolar” (ibidem, 2008: p.50), entre outros aspectos, com a finalidade de melhoria e acumulação deste capital. A teoria do capital humano teria demarcado, portanto, a configuração vigente das teorias econômicas clássicas ao converter um “conjunto de capacidades e destrezas em valor de troca” (GADELHA, 2009: p.175), deslocando o foco da nova *economia política* para o comportamento humano, possibilitando estudos e pesquisas de comportamento para o desenvolvimento de tecnologias de governo que viriam a atuar como construtos de subjetivação junto aos sujeitos inseridos em populações demarcadas que internalizam suas próprias condições de reprodutores da própria condição. Para Gadelha (2009):

“as competências, as habilidades e as aptidões de um indivíduo qualquer constituem, elas mesmas, pelo menos virtualmente e relativamente independente da classe social a que ele pertence, seu capital; mais do que isso, é esse mesmo indivíduo que se vê induzido, sob essa lógica, a tomar a si mesmo como um capital, a entreter consigo (e com os outros) uma relação na qual ele se reconhece (e aos outros) como uma microempresa; e, portanto, nessa condição, a ver-se como entidade que funciona sob o imperativo permanente de fazer investimentos em si mesmo – ou que retornem, a médio e/ou longo prazo, em seu benefício – e a produzir fluxos de renda, avaliando racionalmente as relações de custo/benefício que suas decisões implicam” (idem 2009, p.177).

E é na escola que se dará com excelência essa construção de subjetividade que acomete o sujeito da modernidade. Uma das formas de os Estados modernos fazerem

prosperar tal lógica é a partir do investimento precoce na educação das populações para que os indivíduos assimilem, desde cedo, as tecnologias que trazem as condições necessárias para a propagação e manutenção da governamentalidade. Ainda para Gadelha (2009):

“a estreita interface dessa teoria do Capital Humano com a educação está, portanto, na importância que a primeira atribui à segunda, no sentido desta última funcionar como investimento cuja acumulação permitiria não só o aumento da produtividade do indivíduo-trabalhador, mas também a maximização crescente de seus rendimentos ao longo da vida” (ibidem 2009, p.177).

E assim fecha-se um ciclo de capturas onde o regime de verdade acerca da inclusão digital transmite a ideia de que é necessária a democratização do acesso às TICs enquanto forma de sobrevivência de indivíduos e populações no mundo atual. As TICs, por sua vez, despertam o desejo de consumo por estarem inseridas em tal discurso e ao serem utilizadas geram mais dados a respeito do usuário que vai sendo moldado por meio da construção de um perfil de consumo que o insere enquanto cidadão moderno. Aqui é revelado o que há de paradoxal nesta sutil e eficaz estratégia de condução de condutas como tecnologia de governo. Trata-se, portanto, de enredar o cidadão contemporâneo nas novas tramas desta “cidadania virtual” por meio dos apelos e promessas de sua inclusão. O cidadão, por consequência, assumindo as responsabilidades de atualizar-se, frente às necessidades do mercado, faz investimentos em seu capital humano de forma a incluir-se no universo digital como forma de sobrevivência. Observa-se, portanto, para além de sua dimensão meramente instrumental, como recorrentemente o discurso oficial gostaria de significá-lo, as tecnologias de informação e comunicação encontram-se agenciadas por tecnologias de governo e estratégias de captura. Desta feita, a seção seguinte trata dessa introdução das TICs nas escolas de forma a oferecer subsídios para as análises dos próximos capítulos.

1.2. Interatividade, a emergência do digital

A expressão “interatividade”, que intitula a presente seção, foi emprestada de Marco Silva (2012) que faz toda uma análise acerca da emergência do digital, sobretudo para dentro das salas de aula. Sua pesquisa aborda a interatividade enquanto relação homem-máquina, sem reduzir a questão às críticas mais corriqueiras sobre o tema que tendem a diminuir a uma dominação estritamente perversa, na qual o humano sempre sai perdendo. Busca-se, portanto, ampliar o conceito de forma que o mesmo aponte

mais elementos para o objeto de pesquisa que traz a escola para o centro do debate acerca da inclusão digital, mais especificamente no Brasil, com a implantação do PROUCA. O item anterior trata da crítica à inclusão digital inserida no contexto das relações de poder e governamentalidade da sociedade contemporânea. Cabe agora uma abordagem mais ampla como forma de amarrar o tema com a questão da educação, que será aprofundada na terceira parte deste primeiro capítulo.

De início, faz-se fundamental identificar a emergência do digital enquanto reconfiguração das relações comunicacionais da humanidade em toda a sua amplitude. Essa nova configuração molda os agentes de comunicação de forma a minimizar o grau de influência de uma única voz emissora que convencia toda uma massa e potencializa as múltiplas vozes que passam a atuar em rede, tornando muito mais complexa as relações e as formas de acessar e ser acessado. O que não significa dizer que as relações de poder tenham se esgotado, muito pelo contrário. Elas também passam a se reconfigurar a todo o momento e adquirem formatos mais elaborados e sutis de exercício de captura, mas, conseqüentemente, também abrem novas possibilidades de existência das chamadas linhas de fuga.

É importante salientar que tal emergência do digital se dá no auge do neoliberalismo, sistema cuja própria grafia pressupõe algo relativo à liberdade. E quando se fala em capturas e linhas de fuga, se está tratando de uma relação agonística, ou seja, de embate e confronto, na qual “o poder só se exerce sobre ‘sujeitos livres’” (MARTINS, 2013: p. 93). De acordo com Martins, ao analisar a questão das relações de poder a partir da perspectiva de Foucault, “não há relações de poder onde as determinações estão saturadas, mas apenas quando o sujeito pode se deslocar e, no limite, escapar. A liberdade é condição de existência do poder. Não há relação de exclusão entre poder e liberdade” (idem, 2013: p.93). O mundo digital, portanto, e as múltiplas tecnologias que o compõem – e aqui tratam-se tanto das TICs, quanto das tecnologias de governo – estarão permeados, constantemente, por essas relações de capturas, fugas e novas capturas.

A respeito da interatividade, enquanto movimento contínuo e fundamental da conjuntura digital, Silva (2012) traz uma abordagem a partir de três perspectivas. Na esfera tecnológica destaca a nova possibilidade de ter a experiência do conhecimento a partir da manipulação e modificação do conteúdo. No campo mercadológico, questiona de que forma as empresas lançam mão da interatividade para suprir seus objetivos lidando agora com um consumidor que não é apenas mais um mero receptor. Para ele:

“ao mesmo tempo em que o empresário conta com essa tecnologia avançada para vender seus produtos e serviços, ela, por sua vez, reconfigura seu conceito de *marketing* e sua concepção do produto. Ao mesmo tempo: o empresário conta com uma estratégia competente para fazer chegar seu produto ao cliente, e este por sua vez, inscreve-se no produto, no processo mercadológico e na própria tecnologia; esta, por sua vez, inscreve-se nos processos de produção, de venda e de consumo dos produtos e serviços, e também no social” (SILVA, 2012: p.55)

E por fim, no contexto do social, aponta para um novo perfil que converge para a questão do consumo. Para o autor, o digital fragmentou as massas em grupos específicos segmentando os interesses e reconfigurando a atuação mercadológica, ora citada, direcionando a atuação do mercado na oferta direta de produtos e desejos junto aos cidadãos consumidores, mas atribuindo a esse indivíduo certa liberdade de decisão.

Mas é em sua análise acerca da reconfiguração da sala de aula, neste novo cenário, que a análise do autor mais contribui para a presente pesquisa. Para Silva (2012), a nova perspectiva comunicacional pode servir de base para um novo modelo de escola, na qual se rompe a relação do professor ativo que dita o conteúdo para o aluno passivo, que decora a informação. De acordo com o apontado em seu texto:

“o conceito de interatividade – para além de sua utilização em escala planetária como estratégia de venda, como ideologia publicitária ou como dominação da máquina sobre o usuário –, pode significar reinvenção da sala de aula e da escola, em conformidade com o *novo espectador* e na perspectiva da educação que se presta à valorização da vida e do futuro menos ameaçados (idem, 2012: p. 30)

O autor se vale de um tom um tanto otimista, mas que passa também pela ressalva de que isso não vem ocorrendo junto às ações de inclusão digital nas escolas. Mais a frente afirma que “a escola não se encontra em sintonia com a emergência da interatividade. Encontra-se alheia ao *espírito do tempo* e mantém-se fechada em seus rituais de transmissão, quando o seu entorno modifica-se fundamentalmente em nova dimensão comunicacional” (ibidem, 2012: p. 84).

Pode-se dizer que essa escola moderna a que se refere Silva (2012), além de instituição com perfil disciplinador, com a finalidade de docilizar os corpos para extrair dos mesmos a capacidade de colocar em prática suas forças de trabalho, como desvelou Foucault, mantém uma tradição herdada dos tempos da idade média e que perdura até os dias de hoje. Trata-se da padronização do pensamento nomeado por Avelino (2013) como “ortologia dos saberes”. Em um ensaio que resgata o surgimento da Universidade no ano de 1215, como forma de organizar os saberes dispersos pela constituição da chamada Escolástica do século XII, o autor atribui à ortologia o estabelecimento de um

“processo que reduz a singularidade das diferentes espécies de saberes numa única espécie homóloga” (AVELINO, 2013: p. 31). Tal processo, segundo Avelino (2013), teria perdurado ao longo dos tempos até culminar nas estratégias (neo)liberais contemporâneas.

“o liberalismo conservou zelosamente o regime de ortologia dos saberes. E se o fez foi porque é precisamente a ortologia o que confere hegemonia ao seu pensamento e garante duração ao seu poder, do mesmo modo como foi a ortologia o que garantiu a duração milenar da dominação eclesiástica. Esta mesma ortologia, herdada do século XII e cultuada pelo liberalismo, é ela ainda o que faz com que hoje a prática universitária [e escolar⁶] seja uma prática de vassalagem em relação à verdade, tornando os universitário seus principais vassalos (idem, 2013: p.33)

Neste ponto, retoma-se a discussão acerca da emissão de regimes de verdade enquanto estratégia biopolítica do poder governamental, agora sob o signo dos saberes na educação, tanto escolar quanto universitária. Ao avançar no que concerne o tema da presente pesquisa e imbricar o *discurso de verdade* sobre a inclusão digital, que se viu explanada acerca da democratização do acesso às TICs, com a proposta de Marco Silva, em relação à reinvenção da sala de aula, torna-se possível observar uma relação paradoxal existente. Se por um lado a nova sala de aula só é possível a partir do rompimento do pensamento padronizado, preconizado pela relação estanque entre professor emissor e aluno passivo, do outro se encontra a mesma instituição escolar ortológica, agora responsável por receber os novos equipamentos de informática para fins de melhorias no processo de aprendizagem.

Desta forma, pode-se supor que, caso as escolas utilizem os discursos de inclusão digital como simples forma de gerar interesse dos excluídos, em consumir essa novidade, com a finalidade de sobreviver ao contemporâneo, basta introduzir as TICs apenas em substituição aos livros e apostilas, mantendo o formato vertical de transmissão do conhecimento sem a devida consolidação de inovações pedagógicas, para anular as possibilidades de linha de fuga que concernem à emergência da interatividade, almejadas por Silva.

No limite, o que se quer demonstrar com esta última suposição é que esse diálogo entre tecnologias de informática e a educação só pode estar relacionado de maneira transformadora, caso se aprofunde nas questões de fundo da chamada crise das instituições, para além da sua própria existência enquanto condição da sociedade de

⁶ Grifo do autor da presente pesquisa em referência ao que aponta Avelino (2013) em trechos anteriores, onde coloca no mesmo patamar a educação escolar e a universitária no que tange esta relação com os regimes ortológicos de verdade dos saberes.

controle, como aponta Deleuze, e de forma a supera-las. Com o objetivo de ilustrar esta análise, é possível sobrepô-la à observação de Biesta (2013) acerca da *morte do sujeito*, mais especificamente, em relação à *realidade virtual do espaço objetivo*. Ao refletir sobre o questionamento humano que se pergunta “*Onde Estou?*”, ao longo da história do pensamento ocidental, o autor se depara com a sugestão de que o GPS² teria a capacidade solucionar tal questão. Porém, o aparelho tecnológico digital, nada mais é que uma ferramenta capaz de traduzir ou *reidentificar* o ambiente real em termos de um ambiente virtual criado a partir de coordenadas de satélite. De acordo com Biesta:

“O GPS só oferece uma solução para a questão da localização em termos de posição de um ser dentro de um sistema, mas, para fazer essa operação, necessita traduzir o mundo ‘real’ para o mundo do GPS, transformando com isso o mundo real numa realidade virtual. O GPS mostra assim o problema com a ideia do espaço objetivo ou absoluto e também mostra que não pode cumprir sua promessa de providenciar a resposta final para a pergunta ‘Onde estou?’” (BIESTA, 2013: p.68-69).

Ou seja, as TICs são ferramentas com a capacidade de reproduzir a realidade a que estão inseridas. Se um sistema encontra-se em desacordo com a própria lógica de construção abstrata das novas tecnologias, elas, no máximo, fornecerão o reflexo de tal realidade, sem colaborar com transformações almejadas por uns e propaladas por outros.

O otimismo de Marco Silva parece residir na ressignificação da linguagem, ora analógica, hoje digital, como potência para a viabilidade da capacitação autônoma do sujeito condizente com a realidade atual, não de forma a “depositar cegas esperanças em promessas de uma comunicação libertária profética” (SILVA, 2012: p. 202). Para tanto, aponta para três fundamentos da chamada interatividade que podem ser tomados como “agenda de modificações da práxis comunicacional em sala de aula” (idem, 2012: p. 190). Seguem pontuados:

- O emissor pressupõe a participação-intervenção do receptor: participar é muito mais que responder ‘sim’ ou ‘não’, é muito mais que escolher uma opção dada; participar é modificar, é interferir na mensagem.
- Comunicar pressupõe recursão da emissão e recepção: a comunicação é produção conjunta da emissão e da recepção; o emissor é receptor em potencial e o receptor é emissor em potencial; os dois polos codificam e decodificam.
- O emissor disponibiliza a possibilidade de múltiplas redes articulatórias: não propõe uma fechada, ao contrário, oferece informações em redes de conexões permitindo ao receptor ampla liberdade de associações e de significações” (ibidem, 2012: p. 190-191).

De fato, essa nova linguagem que emerge com a interatividade digital apresenta-se de forma inovadora quando comparada à lógica comunicacional vigente e apontada como rígida e vertical, ou seja, pura transmissão de conhecimento padrão, sem possibilidades de criar a partir da interação com os demais atores. Pressupõe, inclusive, que tal mudança, apesar de estar fundamentada nessa nova maneira de decodificar as informações emitidas, independe da utilização das ferramentas TICs para se valer enquanto processo inovador. A simples mudança pedagógica já apresentaria tal caráter libertador de um novo padrão de educação. Mas o contexto social explorado pela presente pesquisa trata das relações de poder no mundo globalizado e nele destacam-se uma série de contradições que tendem a se reconfigurar constantemente, de acordo com a movimentação das peças nesse jogo de interesses. As TICs estão inseridas em processos paradoxais em que ora servem à captura, ora possibilitam o vislumbre dos escapes. Sobre essas relações, Buzato (2007) parece resumir de forma inteligível tais suposições. Diz ele:

“...o embate entre as forças centrípetas e centrífugas se dá em e através de um novo meio, as TIC, o qual está longe ainda de estabilizar-se ou de esgotar seu potencial de inovação. No âmbito da linguagem, podemos dizer que, tal como fizeram com a imprensa na gênese do Estado-Nação, as elites, agora globais, se apropriam crescentemente dessas tecnologias para impor mecanismos de controle e codificação da informação, assim como para legitimar uma consciência verbo-ideológica que lhes é ‘natural’. Entretanto, porque são fundamentalmente híbridas, e porque estabelecem conexões em direções e velocidades que as elites simplesmente não conseguem controlar, as TIC servem igualmente às forças centrífugas, isto é, às forças de descentralização e desunificação que abrem novas possibilidades de inclusão e exclusão. Dito de forma mais simples, na era da globalização, a inclusão é paradoxal; incluir-se é afirmar-se diferente; ser igual é não ser padronizado. Da mesma forma, as TIC são simultaneamente centrípetas e centrífugas: enquanto o código de barras nos unifica, o bloguês nos separa e vice-versa” (BUZATO, 2007: p. 158).

Tanto o tema da inclusão digital quanto a questão da emergência da interatividade, tratadas na primeira e segunda seção deste capítulo apresentam características paradoxais ao que tange a relação entre capturas e resistências no âmbito analítico da governamentalidade contemporânea. Imbricam-se entre si e ganham centralidade quando abordadas junto à temática da educação. Somadas essas três esferas, espera-se elencar elementos suficientes para a discussão do objeto da presente pesquisa, que discute e questiona a criação e implementação do “Programa Um Computador por Aluno – PROUCA”.

1.3. Educação *Menor*

Da mesma forma que os anteriores esse tema é abordado, primeiramente, de uma maneira que procura aproximar a educação do objeto pesquisado. Portanto, as abordagens têm um foco que não despreza as demais nuances acerca de tão grandioso e complexo assunto, mas resgata o cenário contemporâneo estabelecido sob a lógica governamental das disputas de poder no âmbito da globalização contemporânea, que age por meio de estratégias tecnológicas de biopolítica como forma de modular o sujeito, ora inserido na chamada sociedade de controle.

Desta forma, há uma passagem de Deleuze que dispara os questionamentos dessa seção e que serão abordados na sequência. Relata o autor:

“Encontramo-nos numa crise generalizada de todos os meios de confinamento, prisão, hospital, fábrica, escola, família. A família é um ‘interior’, em crise como qualquer outro interior, escolar, profissional, etc. Os ministros competentes não param de anunciar reformas supostamente necessárias. Reformar a escola, reformar a indústria, o hospital, o exército, a prisão; mas todos sabem que essas instituições estão condenadas, num prazo mais ou menos longo. Trata-se apenas de gerir sua agonia e ocupar as pessoas, até a instalação das novas forças que se anunciam. São as sociedades de controle que estão substituindo as sociedades disciplinares” (DELEUZE, 1992b: p.220).

Outrossim, tratam-se de instituições, no caso específico a escolar, que estão permeadas por uma constante crise, própria da contemporaneidade e que carregam em todo seu conjunto de atribuições, muitas esperanças, sonhos e desejos de um progresso do desenvolvimento pessoal e coletivo, mas que está colocada, ao mesmo tempo, como peça importante para a manutenção e reprodutibilidade de uma realidade desigual. A partir dessas duas vertentes da educação, estarão apontadas algumas questões que concernem às estratégias daquilo que se está chamando de capturas e estão relacionadas com a noção de tecnologias biopolíticas de conservação do modelo vigente. Mas o foco principal do presente item está na visualização e conceituação das possibilidades de fuga desses mecanismos e que possam dar subsídios às análises que serão tratadas junto ao objeto pesquisado.

A partir do pressuposto de que existe outra possibilidade de educação, que não a que está colocada pela ação global do sistema neoliberal vigente, é preciso questionar os fundamentos que dão sustentação a essa lógica atual. Os pensamentos de Foucault têm sido grandes balizadores dos questionamentos inerentes a esta pesquisa. De forma complementar à ideia de um contexto social, pautado por uma lógica econômica racionalizada no cerne e a partir da estrutura das disputas do poder, dadas de maneira

globalizada trazidas pelo filósofo francês Biesta (2013) é proposto um diálogo com Levinas a fim de contrapor a quase obrigatoriedade de se colocar o humanismo como principal balizador da educação moderna. Para os autores, não se trata de ser contra a racionalidade, mas de denunciar o tratamento que se dá à educação enquanto via de desenvolvimento da razão que, por sua vez, está colocado como eixo central do progresso da evolução de uma natureza humana. Eles interpelam as desumanidades, sobretudo as do século XX, como o holocausto e os regimes totalitários, realizadas sob o manto do humanismo e criticam a incapacidade do pensamento humanista de se opor a essas desgraças, não acreditando que “a racionalidade pode ou deve ser a medida da humanidade, nem que a racionalidade pode ser compreendida fora dos limites da história humana” (BIESTA, 2013: p.25). Desta forma, ressignificar os sentidos da educação teria como primeira necessidade romper com a racionalidade humanista, enquanto princípio norteador das ações governamentais, bem como inserir as ações racionais dentro do contexto histórico ao qual estão envolvidas. No limite, frente à impossibilidade de interromper tal processo de desenvolvimento, tendo em vista o alto grau de sofisticação ao qual o sistema vem sendo construído e reformado, resta escapar pelas brechas existentes, para que em seguida se inicie um novo processo de disputa devido à reconfiguração das peças em movimento e assim sucessivamente.

Considerando todo o conjunto de características de uma instituição disciplinar moderna em constante crise, bem como as conseqüentes deficiências na parte de infraestrutura física e de recursos humanos, sobretudo no Brasil, torna-se difícil fazer uma *defesa da escola*. Mas Masschelein e Simons (2013) idealizam um panorama capaz de guiar em direção a caminhos transformadores no que tange a educação. Uma viagem que olha para o passado com a finalidade de melhorar o futuro. Um olhar para as origens da escola como forma de resgatar seu potencial democrático, deixado de lado pelas inúmeras reformas que se deram ao longo do tempo.

O ponto de partida para os autores é caracterizar o objetivo original da escola a partir do seu surgimento na Grécia antiga. A tradução mais corriqueira para o termo *skolé* é “tempo livre” e essa parece ser essa a chave para uma defesa da manutenção das instituições escolares. Por tempo livre entende-se a proposta de abstrair do aluno o mundo como ele está colocado, ou seja, permitir à criança viver em um espaço por um período de tempo ao longo do dia onde ele não precise se reconhecer como peça de um sistema global predeterminado, cuja força de trabalho será explorada a partir do desenvolvimento de suas capacidades potencializadas por aquilo que aprendeu. É uma forma de garantir que as experiências vivenciadas nesse ambiente democrático por

excelência – pois na escola, em tese, todos os alunos são iguais diante do professor, independente de sua condição socioeconômica – permitam o contato com aquilo que não se conhece de forma a incitar a exploração e as descobertas de um novo mundo de possibilidades. Nas palavras dos autores, a escola é:

“uma invenção histórica da *polis* grega e foi um ataque absoluto aos privilégios das elites de uma ordem arcaica. É uma intervenção democrática no sentido de que ‘cria’ tempo livre para todos, independentemente de antecedentes ou origem, e, por essas razões, instala a igualdade. A escola é uma invenção que transforma todos em um aluno – e, nesse sentido, coloca todos numa situação inicial equivalente. O mundo é tornado público pela escola. Ela não consiste, portanto, na iniciação em uma cultura ou estilo de vida de um grupo específico (posição social, classe, etc.). Com a invenção da escola, a sociedade oferece a oportunidade de um novo começo, uma renovação” (MASSCHELEIN & SIMONS, 2013: p. 105)

Sempre com o foco nessas qualidades democráticas do exercício do tempo livre, os autores também apontam para as perturbações causadas por essas características junto aos que tendem a perder alguma coisa a partir das possibilidades de transformação dos sujeitos. Sinalizam, portanto, para as maneiras encontradas com finalidade de *domar* a escola por meio de técnicas e táticas aplicadas no decorrer do tempo, de forma a moldar as instituições escolares, tanto de dentro para fora, como de fora para dentro. Entre essas técnicas e táticas encontram-se conceitos corriqueiros nos discursos escolares da atualidade. Expressões como *aprendizagem* com o seu *aprender a aprender*, a própria repetição da necessidade de *reformas*, a *empregabilidade* enquanto requisito necessário, fruto do processo educacional, e as *competências* e *qualificações* para o futuro, dão corpo a estratégias do sistema com a finalidade de restringir o potencial da instituição escolar como fora imaginado e dar espaço para a relação mercadológica entre escola e sociedade. São conceitos que colocam o aluno em posição de definir por si mesmo o rumo a ser tomado, porém com opções pré-definidas de um mundo já dado. Foca-se a especialização do que a criança vai ser quando crescer e que faculdade irá cursar. Desta forma, o aprendizado caminha por uma via que impede que as demais áreas do conhecimento afluam no campo da descoberta e teçam uma rede complexa de conhecimentos a serem explorados e relacionados. Trata-se de um movimento de cunho político que exerce, primeiramente, poder fora da escola até atingir seu interior.

Nesse mesmo vetor de interferência externa, os autores relatam ainda que a *pedagogização*, que responsabiliza os professores pela criação dos filhos, e a *naturalização* que encara o processo de desenvolvimento enquanto seleção natural

(meritocracia) são os outros fatores de quebra dessa lógica de criação do tempo livre e função primeira da escola. Segundo eles, somados à *politização* essas táticas “domam a escola acoplando-a a algo fora dela mesma (sociedade, família e natureza)” (MASSCHELEIN & SIMONS, 2013: p. 121).

Mas é em uma tática que *desescolariza* a escola a partir de dentro que o olhar da presente pesquisa se ateve. Trata-se da *tecnologização* que reúne um conjunto de tecnologias – materiais como a estrutura física do prédio em si, os objetos, os livros, e imateriais como os métodos de ensino e avaliação – com a finalidade de aperfeiçoar o processo escolar. Porém, no contexto atual, o foco desses critérios de qualidade tende a recair sobre a técnica em si e em como aperfeiçoá-la. Surgem novas expressões como a busca pela *eficácia* e *eficiência* que novamente apontam para o alcance daquilo que já está determinado, sendo que agora o objetivo é melhorar a *performatividade* para se chegar mais rápido às metas pré-estabelecidas.

“Especialmente com o aparecimento de ambientes virtuais de aprendizagem (graças às novas tecnologias de informação e comunicação), a escola parece, ou melhor, ameaça tornar-se supérflua para a aprendizagem. De fato, na era digital, a escola concebida como um lugar de aprendizagem, onde a aprendizagem é sujeita ao espaço e ao tempo, na verdade, não é mais necessária. O foco na aprendizagem, portanto, leva a um foco em *ambientes* de aprendizagem e a uma abordagem para a tecnologia da informação e comunicação como tecnologia que ajuda a estabelecer que o tempo de aprendizagem produtivo alcance a eficácia e eficiência máximas” (idem, 2013: p.160).

Na idealização de um novo modelo de escola, que resgate todo seu potencial reprimido, o uso de tecnologias, enquanto ferramentas, e no caso do PROUCA também entram em cena as TICs, deve facilitar a busca pelos objetivos originais e não simplesmente auxiliar na melhora do desempenho de forma que a procura por melhorias na própria técnica é que seja o resultado dos esforços despendidos para se chegar naquilo que já se almeja.

Contudo, confrontar essa relação de superação do sistema, que se está implanta(n)do, em favor de um outro mundo idealizado não é tarefa simples. A racionalização de uma natureza humana faz do senso comum instrumento de defesa do sistema vigente por parte daqueles que deveriam questioná-lo. A sutileza das tecnologias de subjetivação que vão se colocando, internalizam os *discursos de verdade* emitidos e transformam o receptor em advogado de defesa e reproduzidor dos processos de governamentalização. E assim, o contemporâneo vai se moldando. Mais do que idealizar, cabe àqueles que interrogam tais relações desse processo investigar as brechas

que o sistema permite. Nesse sentido, buscar-se-á encontra-las a partir do construto nomeado como *minoridade*, derivação do conceito de *Menor*, que se faz muito caro para a produção conjunta de Deleuze e Guattari. Aqui nestas reflexões, por uma *educação menor* entender-se-á como a existência de possibilidades de ressignificação das experiências vividas no âmbito de uma produção controlada por forças *maiores* de forma a coexistirem, porém dando outro sentido a tais experiências que as diferenciam do todo vigente. Não se trata da substituição de um modelo, tampouco do confronto com o mesmo, mas de dar sentido às produções singulares que escapam à lógica determinada, trazendo para o centro dos significados essa experiência em si.

De acordo com Gallo, “*Menor* é um conceito chave na filosofia produzida por Gilles Deleuze e Félix Guattari. [...] Para os autores, o menor, seja na filosofia, na ciência, na literatura, é o que vaza, o que se produz nas margens, fora dos sistemas de controle” (GALLO, 2013: p. 13).

“*Menor* não significaria, tampouco, vazio ou caos, a partir de uma destruição ou da negação da educação. Aliás, contrariamente ao que comumente entendemos por *menor*, aqui não se chamaria *menor* o infantil, o que tem menos importância, o que, comparado ao maior, tem *status* de inferioridade. Devir-menor, estar, querer estar menor, é postura ativa, é criação. [...] Adotar uma postura de criação menor em educação seria, a partir da educação maior, ou seja, da instituição educação com todos os seus pressupostos, leis, tabus, na sua abstração e concretude, arriscar-se em caminhos sempre novos que se apresentassem (GRUPO TRANSVERSAL, 2013: p. 23).

Neste sentido, ao tratar do contexto das TICs em sala de aula, no âmbito da presente pesquisa, faz-se possível, apenas, antecipar o que não é *menor* nesse tipo de prática. “Não há como planejar o menor. Seu planejamento é posterior ou simultâneo ao seu acontecimento” (idem, 2013: p. 24). Portanto, não é *menor* o uso utilitário dos equipamentos em substituição a velhas mídias. Não é *menor* a reprodutibilidade dos discursos racionais que fazem do processo educacional a porta de entrada para o mercado de trabalho e de consumo. Não é *menor* a interferência estatal no processo para fins de justificar economicamente a viabilidade de projetos. Não é *menor* o foco na criação de novos mercados a partir do pressuposto da sobrevivência das minorias. Enfim, não é *menor* aquilo que não escapa ao *maior*.

Já não é mais possível negar a influência das TICs em todas as esferas do contemporâneo. Seja sob o viés da reprodutibilidade das estratégias de exercício do poder governamental, seja nos aspectos que escapam a tal controle. Nas escolas cada vez mais essas tecnologias de informação e comunicação ocuparão seus espaços de forma a demandarem novas pesquisas e estudos acerca dessas utilizações. No âmbito

destas reflexões pertinentes à presente seção, deste primeiro capítulo, cabe tentar visualizar um cenário cujas ações e perspectivas dão um tom mais crítico quanto à inocência de discursos que tratam as ferramentas como panaceia para a crise da instituição escolar, até como forma de *libertar* essas novas tecnologias. Segundo Masschelein e Simons (2013):

“À medida que a tecnologia se torna cada vez mais entrelaçada em nossas vidas, o livro/escrita como um portador de cultura está cada vez mais sendo substituído por mídias digitais e formas digitais de comunicação com a tela e a imagem como mensageiras de cultura primária. Experimentar a educação tecnológica e digital não significa muito desenvolver caminhos de aprendizagem que resultam em competências básicas nessas áreas. Pelo contrário, o desafio é fazer com que a experiência de *ser capaz de começar* seja possível, particularmente no que diz respeito a aspectos do mundo digital e tecnológico” (MASSCHELEIN & SIMONS, 2013: p. 163).

Trata-se menos de uma questão da técnica em si e muito mais de uma questão metodológica ao possibilitar a introdução de uma lógica digital em substituição ao pensamento analógico, de forma a potencializar o processo educacional e ao mesmo tempo criar uma formação de um *Eu Digital* adaptado aos desafios da contemporaneidade, inclusive aos que estarão inseridos nas capturas dos sistemas de controle. As TICs, comprovadamente, trouxeram uma capacidade sem precedentes para prender a atenção dos usuários e isso pode servir muito bem para as descobertas de um mundo novo, ainda inexplorado, pressuposto de outra forma de educação. Porém, é possível perceber a utilização dessas mesmas ferramentas com o objetivo de ampliar o tamanho do mercado, rompendo a relação espaço e tempo de fronteiras físicas e otimizando a capilaridade do consumo e, conseqüentemente, as necessidades de criar novos modos subjetivação para a manutenção dos ciclos de desejo econômico. Sobre esse fato, Masschelein e Simons (2013) falam em:

“uma capitalização de atenção, com a escola como cúmplice atraente no esforço de reduzir o mundo a um recurso. A TIC certamente torna os conhecimentos e as habilidades livremente disponíveis de uma forma sem precedentes, mas o desafio é saber se e como ela pode, realmente, trazer algo à vida, gerar interesse, ocasionar a experiência de compartilhamento (um ‘bem comum’) e permitir que se renove o mundo” (idem, 2013: p. 165).

Entre as capturas e resistências, próprias das relações de poder contemporâneas, a que estão inseridas, a imbricação dos dois principais temas da presente pesquisa, ou seja, o uso de *novas tecnologias em sala de aula* deve-se recorrer sempre ao tom crítico no que tange a superação da crise da instituição escolar vigente. Dar acesso,

simplesmente ou disponibilizar os equipamentos, tendem a reproduzir as estratégias do poder que retroalimenta os processos de controle dos sujeitos e das populações a partir da racionalização econômica dos discursos em uma lógica liberal de mercado.

Ao longo desse capítulo é possível observar que todo o processo de introdução das TICs nas escolas está permeado por paradoxos que atribuem aos mesmos agentes as responsabilidades de manutenção e superação do *status quo*. Cabe, portanto, ao usuário comum a ressignificação dos usos que faz dessas novas tecnologias, a fim de, em determinados momentos, possibilitar um processo de criação que escape à dominação mercadológica de plano utilitarista desses novos equipamentos de informática. Espera-se que as constatações dessa revisão bibliográfica possam colaborar com outros estudos acerca dos temas abordados. É importante que se diga da existência dessas relações de poder que cada vez mais estão sujeitas à irrelevância no que concerne o cotidiano da sociedade neoliberal. Como foi descrito acima, os próprios usuários tendem a reproduzir os discursos daqueles que detém o poder e não se percebem presos a um sistema de dominação. Portanto, identificar essas questões *maiores*, seja talvez o primeiro passo para o próprio exercício do *menor*.

2. POLÍTICA PÚBLICA E POLÍTICAS DE SUBJETIVAÇÃO

O ponto de partida para as análises deste capítulo foi interrogar as relações de poder enquanto modo de ação entre sujeitos, não ocorridas necessariamente de maneira consensual, mas como estratégias para o exercício do próprio poder sobre a conduta do outro. No cenário escolhido como objeto para esta pesquisa estão presentes atores e entidades que cumprem papéis a partir dos discursos proferidos em defesa de determinados temas. Trata-se de superar a percepção metafísica de construção de figuras soberanas e totalitárias com intencionalidade de manipulação das liberdades individuais, mas mantendo o tom crítico no que tange a identificação de tecnologias de governo que irão agir no interior dos corpos de cada sujeito de maneira individualizante e totalizadora.

O conteúdo está dividido em três partes na intenção de jogar luz a perguntas que surgiram a partir da descrição de um preâmbulo provocador que motivou a adoção, por parte do Governo brasileiro, do ‘Programa Um Computador por Aluno’. As três perguntas têm por objetivo esclarecer *quem* são os atores, *onde* se deram as relações de troca entre eles e *por que* foi feita a escolha pelo caminho, cujas ações deram prosseguimento.

A primeira etapa visa descrever o cenário contemporâneo de ações estratégicas que têm como finalidade o exercício do poder, bem como analisar os discursos proferidos pela ONG ‘One Laptop Per Child’, responsável por tal provocação inicial, a partir de suas próprias declarações em seu site oficial no Brasil e nos documentos analisados.

Em seguida será traçado um paralelo de forma a questionar a semelhança do modo em que se deram as ações dos atores envolvidos no processo de disseminação do novo paradigma 1:1, com uma descrição empírica do contexto social contemporâneo a partir daquilo que Negri e Hardt (2005) vêm chamar de “Império”.

O terceiro ponto tratará de trazer a tona algumas das políticas de subjetivação implícitas em todo o processo analisado, refletindo acerca das consequências que tais estratégias podem acometer junto ao público alvo da política pública educacional. Sobretudo, é no item “c”, deste terceiro ponto, que se desenrola, talvez, o principal modo de subjetivação acerca das possibilidades de captura dos corpos dos sujeitos no exercício do biopoder governamental contemporâneo, que transforma as relações políticas por meio da introspecção de lógicas estritamente racionais e econômicas.

2.1 A provocação inicial

De certo, caracterizar as condições de tempo e espaço a que estão acometidas as ações a serem analisadas se faz necessário e importante a título de contextualização daquilo que se está falando. Para tanto, Gohn e Bringel (2012) traçam um panorama acerca do mundo contemporâneo que retrata o ambiente global ao qual o objeto de estudo está inserido. Segundo os autores:

“No cenário do mundo globalizado a partir do final do século XX, observa-se: a rearticulação das formas de dominação, nova (re)divisão internacional do trabalho entre os Estados-nações operada pelas políticas econômicas contemporâneas e os novos mecanismos de ação dos mercados e agentes financeiros, novas políticas públicas nas quais o Estado passa a ser gestor/controlador e não promotor direto de bens e serviços; e novas práticas sociais em um mundo crescentemente moldado pela complexidade. Esta globalização assimétrica se beneficiará da importância crescente das redes e dos fluxos das novas tecnologias de informação e comunicação (GOHN & BRINGEL, 2012: p.8).

O contexto social moderno está estruturado globalmente de forma que o viver em sociedade rompe fronteiras físicas e culturais e estabelece outros tipos de mediação para o convívio entre as pessoas, com destaque para a emergência do mundo digital. O exercício do poder reconfigura-se na medida em que as TICs estabelecem novos canais de trocas, porém mantém-se enraizado de forma que “viver em sociedade é viver de tal modo que é praticamente inevitável que alguns ajam sobre a ação dos outros” (MARTINS, 2013: p.94). Isso significa dizer, também, que o exercício do poder moderno pressupõe possibilidades de resistência, onde a liberdade do sujeito permite que ele reaja e se recomponha como forma de escapar dessa relação.

A reflexão acerca do discurso que clama pela democratização do acesso às novas tecnologias de informação e comunicação está embasada pela ótica das estratégias de relações de poder, quando os atores envolvidos no processo que antecede a criação do ‘Programa Um Computador por Aluno’ no Brasil foram interrogados. Foi no Fórum Econômico de Davos, em 2005, que o norte-americano Nicholas Negroponte desafiou os demais países a se engajarem no desafio de universalizar o acesso às novas tecnologias de informação e comunicação por meio da possibilidade de garantir a cada criança o seu próprio computador. Segundo o documento da Câmara dos Deputados, “...o governo brasileiro traduziu esse lema no propósito de garantir ‘um computador por

aluno' (UCA) nas redes públicas de ensino..." (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2008: p.14).

Este preâmbulo suscita três questionamentos que estarão arrolados ao longo do capítulo como forma de investigar as relações dos envolvidos em decorrência de uma hipótese que pressupõe a existência de um agenciamento político-tecnológico que exerce o poder internacionalmente a partir de um lugar não claramente estabelecido, agindo de forma independente ao consentimento de seus interlocutores. Desta forma, pergunta-se: quem é Nicholas Negroponte? Qual a importância de organizações de nível mundial como o Fórum de Davos no cenário global contemporâneo? E por que o Brasil optou por responder a esse chamado utilizando a sua rede de ensino?

Responder a essas perguntas exige responsabilidade para não cometer injustiças quanto ao julgamento das intencionalidades de cada um dos envolvidos. A nobreza social de um tema não mantém as pessoas que o praticam imunes ao exercício do poder vigente, assim como o viés mercadológico de uma ação não necessariamente a desabona, enquanto possibilidade, de angariar benefícios no campo social, sobretudo junto àqueles que mais necessitam. Portanto, seguindo a proposta de Foucault, trata-se de problematizar o tema do poder a partir da forma como ele é exercido e não como ele se manifesta (MARTINS, 2013).

Dito isto, já é possível trazer o olhar junto ao principal defensor da popularização das TICs, Nicholas Negroponte, que além de pesquisador é um dos fundadores da ONG '*One Laptop per Child*' (OLPC), entidade que direciona seus esforços na divulgação do modelo 1:1, principalmente junto a países em desenvolvimento, justificando que a utilização de laptops em larga escala culminaria numa revolução do processo de aprendizagem das crianças em fase escolar. De acordo com as descrições que constam na *wiki*⁷ no Brasil, o laptop educacional desenvolvido trata-se de "uma poderosa ferramenta de aprendizagem criada especialmente para as crianças mais pobres que vivem nos lugares mais remotos" e fundamenta as ações da entidade em três premissas:

- “1) Aprendizagem e educação de qualidade para todos são essenciais para alcançarmos uma sociedade justa, equitativa, econômica e socialmente viável;
- 2) Acesso a laptops móveis em escala suficiente oferecerá reais benefícios para o aprendizado e proporcionará extraordinárias melhorias em escala nacional;

⁷ http://wiki.laptop.org/go/OLPC_Brazil - último acesso em 07/01/2016

3) Enquanto os computadores continuarem sendo desnecessariamente caros, esses benefícios continuarão sendo um privilégio para poucas pessoas.”

A partir dessas descrições é possível focar em uma questão de linguagem que envolve o uso do termo aprendizagem associado diretamente a uma finalidade econômica. Mesmo que de forma não intencional e implícita, a linguagem da aprendizagem pode ser interpretada como uma argumentação moderna que ressignifica a linguagem da educação. Segundo Biesta (2013):

“o surgimento da nova linguagem da aprendizagem pode ser também relacionado com desenvolvimentos políticos e socioeconômicos mais amplos, particularmente com a erosão do Estado de bem-estar social e o aparecimento da ideologia de mercado do neoliberalismo” (BIESTA, 2013: p.36).

Para o autor, o surgimento dessa nova linguagem não é de todo ruim, porém, ela tende a descrever a educação como “uma *transação econômica*, isto é, uma transação em que (1) o aprendiz é o (potencial) consumidor, em que (2) o professor, o educador ou a instituição educacional são vistos como provedor” (idem, 2013: p.37). Em tese, a reprodução desse tipo de opinião pode ser interpretada como parte de um instrumento estratégico da sociedade de controle. Sobretudo, ao focar em determinado segmento desamparado do campo social, no caso, “as crianças mais pobres que vivem nos lugares mais remotos” e instrumentaliza-las a fim de inclui-las econômica e socialmente, “antecipa-se a oferta de produtos que não compreendem exclusivamente coisas, mas os comportamentos que são nelas embutidos” (GODOY, 2013a: p.41). De acordo com o que descreve Ana Godoy:

“O modelo comunicacional, por meio do qual o controle se individualiza, articula, assim, política e mercado; fundindo o cidadão no consumidor, produzindo a figura do Comunicador e constituindo uma subjetividade capitalística, tal qual a denominou Guattari (1987), que consome e produz identidades em redundância com uma maioria em nome da qual a opinião fala” (idem, 2013a: p.41).

Neste caso, complementando as constatações do primeiro capítulo, a inclusão digital se insere num conjunto de *discursos de verdade* que converte os excluídos em tópico, tema ou questão daquilo que se discute reforçando a atribuição de obrigações aos mesmos que dependem do Estado (ibidem, 2013). Ainda para Godoy: “A estratégia do controle na modulação dos fluxos de opinião, por meio dos axiomas, é fazê-los corresponder a segmentos determinados. Eis então o reino da opinião tal qual Foucault já o havia apresentado, por toda parte a polícia, em parte alguma a política” (idem,

2013: p.49). Opinião, que se refere, provavelmente, àquela proferida pela ONG em suas atribuições e premissas, ou ainda a que será atribuída às crianças quando, de posse de seus equipamentos de aprendizagem, estarão aptas a investir em seu próprio capital humano. O contemporâneo passa a exigir do sujeito moderno um constante processo de aperfeiçoamento e para tanto é preciso desenvolver tecnologias que permitam um aprendizado permanente, bem como formas autônomas do próprio indivíduo controlar seu destino dentro dessa lógica. Os autores Saraiva e Veiga-Netto trazem um pouco desse novo cenário:

“Um sujeito em permanente processo de aprendizagem, em permanente reconfiguração de si, é o que se estaria pretendendo que a escola formasse a partir dessa estratégia pedagógica. Entendemos que o *aprender a aprender* significaria tornar-se empresário de si, colocando-se num processo de gestão daquilo que (...) é chamado de capital humano pelo neoliberalismo. Gerir seu capital humano é buscar estratégias de multiplicá-lo. À escola caberia ensinar essas técnicas de gestão” (SARAIVA & VEIGA-NETTO, 2009: p.199).

No texto a expressão *aprender a aprender* é a internalização de um discurso que tem por objetivo levar a empresa à escola. Trata-se de uma das técnicas para *domar* o conteúdo escolar – também mencionadas no primeiro capítulo – de forma a minimizar os efeitos democráticos que a escola poderia trazer se não estivesse contaminada pelo discurso econômico. Talvez seja a forma mais reveladora de apresentar ao aluno um mundo já determinado. Ou seja, não cabe aí a descoberta de experimentar alguma coisa que ainda não foi revelada, mas aprender a dominar as técnicas já estabelecidas e que servirão para enfrentar os problemas do velho mundo (MASSCHELEIN & SIMON, 2013).

Ainda no bojo da emissão de opiniões, a fim de ilustrar essa relação da proposta educacional enquanto compromisso com a lógica econômica, a pesquisa encontrou na *wiki* da *OLPC* no Brasil, na aba “Artigos em português” a divulgação de um *link*⁸ que direciona para uma comunidade virtual que discute tecnologia. No artigo sob o título “De corpo e alma no Laptop do MIT”, ao anunciar o produto, Jaime Balbino (2006) relata que:

“O objetivo é que seja distribuído por governos nacionais de países em desenvolvimento dentro de um novo modelo de ensino público e inclusão social. Além de integrar de forma harmoniosa a tecnologia e a educação, este projeto também coloca em pauta vários outros aspectos sócio-econômicos, principalmente ao dar status de consumidor às comunidades em extrema pobreza (a grande maioria da

⁸ http://www.dicas-l.com.br/educacao_tecnologia/educacao_tecnologia_20060906.php . Acesso em 08/01/2016

população mundial) e ao ajudar a redefinir as prioridades da evolução tecnológica recente (velocidade, capacidade, poder de processamento) em benefício de aspectos gerais (eficiência, baixo custo, necessidade). Esta é uma iniciativa inovadora não em virtude da tecnologia empregada, mas pela possibilidade de provocar uma reordenação social e política sem precedentes nos países e comunidades onde for implementado” (BALBINO: 2006).

Para além dos discursos e opiniões emitidas, identificar uma ONG na defesa das questões tecnológicas chama a atenção no que tange os interesses de tal organização ao considerar os computadores e equipamentos de informática como máquinas que correspondem à sociedade contemporânea. Ao descrever os tipos de máquinas próprias de cada tempo, por exemplo, Deleuze afirma que a existência desses aparatos modernos “não é uma evolução tecnológica sem ser, mais profundamente, uma mutação do capitalismo” (DELEUZE, 1992b). Segundo o autor, essa tal mutação seria a forma encontrada pelo sistema capitalista de transferir a fábrica para a empresa e reside na capacidade de interferência e controle das máquinas de informática enquanto ferramenta de dispersão própria da governamentalidade. Tentar caracterizar uma ONG, por certo não é tarefa simples, pois se trata de um tema imerso em um processo histórico complexo que possui múltiplas facetas. “As definições amplas em excesso têm por objetivo ou tornar as ONGs panaceia para todos os males ou criticar incondicionalmente sua atuação” (TEIXEIRA, 2003: p. 22). Mas identifica-las, a partir de suas próprias ideias, sua posição diante do cenário internacional estabelecido enquanto *locus* de atuação das relações de troca no exercício do poder moderno, não tem por objetivo incorrer nessa dualidade simplista.

Tendo em vista os diferentes modelos de ONGs internacionais e seus objetivos, buscou-se nesse artigo visualizar a posição da OLPC e questionar se sua atuação está mergulhada numa legítima luta em defesa de direitos, ou está motivada por interesses tais que acabam por reproduzir, conscientemente ou não, as estratégias do projeto neoliberal globalizado, assim como na provocação pela universalização das TICs imbricado na disseminação da nova linguagem da aprendizagem analisada anteriormente. Em um estudo acerca das articulações internacionais, em tempos de globalização, Vieira (2012) aponta para importantes características de redes transnacionais que permeiam uma luta bem intencionada frente ao sistema mundial de economia (neo)liberal. Ao analisar outros pesquisadores ela diz:

“as redes transnacionais se diferenciam de outros tipos de articulação, por estarem baseadas em princípios e valores compartilhados, os quais motivam a sua formação e, além disso, defendem os direitos de outros e não de seus membros.(...) As ações não seriam motivadas por

interesses, mas sim por valores, caracterizando-se, então, como ações puramente morais. Diferenciam-se das ações racionais, baseadas em cálculos de custo-benefício, assim como das ações de solidariedade que pressupõem um vínculo entre os que são defendidos e os que defendem” (VIEIRA, 2012: p. 193)

Em uma análise específica acerca de redes transnacionais, a autora acaba por opor duas formas de atuação das ONGs, porém sem o julgamento de valor sobre qual é o melhor dos modelos. Chega a esboçar, inclusive, uma crítica aos que defendem um viés mais *puro* para as ações dessas redes transnacionais, mas que não aprofundam na análise das razões pelas quais elas surgem. Por sua vez, este breve descritivo oferece pistas que aloca o presente objeto de pesquisa ao conjunto que pratica *ações racionais*, segundo suas próprias descrições e de acordo com o documento da Câmara dos Deputados. Tal documento afirma que “a alternativa proposta pela OLPC é levar computadores portáteis de baixo custo para crianças do mundo em desenvolvimento, a fim de que sejam utilizados como ferramenta educativa” (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2008: p.40). Além da segmentação da condição de subdesenvolvimento do principal público alvo da organização, neste caso, o que mais chama atenção é a preocupação da entidade com o baixo custo dos equipamentos, indicando uma ação racional e econômica justificando um custo-benefício que de acordo com outros autores citados por Vieira (2012) tende corroborar com as perspectivas do (neo)liberalismo.

Na busca por mais elementos e focando a tentativa de interrogar os discursos da entidade liderada por Negroponte, segundo seus próprios posicionamentos, encontra-se ainda no mesmo documento de análise o relato de que “a estratégia adotada pela OLPC foi a de divulgar a proposta primordialmente junto aos governos dos países em desenvolvimento, a fim de viabilizar a compra de grandes lotes – o que ajudaria a reduzir custos – e a distribuição gratuita” (idem, 2008: p.40). Observa-se aqui, novamente, a mesma relação custo-benefício na indicação da compra de grandes lotes para redução dos custos que se somam à presença de um elemento solidário, também indicado por Vieira (2012), quando se propõe a distribuição gratuita dos equipamentos.

2.2 Império

A primeira das três perguntas que surgiram mediante ao preâmbulo que descreveu a provocação de Negroponte, na tentativa de propor a universalização das TICs, foi discutida no primeiro item. Neste, será tratado o segundo questionamento que está relacionado ao papel das organizações de abrangência mundial, no caso o Fórum de

Davos, além de continuar a abordagem acerca das ONGs, acrescidas da participação de outras peças fundamentais que complementam esse jogo de tabuleiro. Para tanto será traçada uma sobreposição do papel desses atores junto ao esboço de um tecido social no formato piramidal que Negri e Hardt (2005) traçam de forma puramente empírica na tentativa de observar as estratégias de poder do que chamam de “Império” construído por meio de ações de biopolítica.

Começando a descrição pela camada de baixo, juntamente com outras organizações que representam interesses populares, as ONGs formam “a ampla base do triângulo do poder global” (HARDT. NEGRI, 2005: p. 335) e em parte, podem vir a atuar em favor do grande capital integrado. Observa-se que esses atores, as ONGs, são colocados em cena possibilitando interrogar quanto ao *modus operandi* disparador dos questionamentos acerca da influência do neoliberalismo nas políticas públicas brasileiras. Esse entendimento se faz necessário para que, em seguida, seja questionado o papel das novas tecnologias em torno de todo esse processo de subjetivação. Para eles:

“Alguns críticos sustentam que as ONGs, por estarem fora do poder do Estado e geralmente em conflito com ele, são compatíveis com o projeto neoliberal de capital global e o ajudam. Enquanto o capital global ataca os poderes do Estado-nação de cima, dizem eles, as ONGs funcionam como ‘estratégia paralela ‘de baixo’ e apresentam a ‘face comunitária’ do neoliberalismo. De fato, pode ser verdade que as atividades de muitas ONGs sirvam para promover o projeto neoliberal de capital global, mas é preciso ter o cuidado de assinalar que isso não define, adequada e categoricamente, as atividades das ONGs. (idem, 2005: p. 334).

É preciso reforçar que o objetivo dessa discussão é buscar pistas que remetam às respostas para este estudo que busca questionar a influência do exercício de poder governamental global nas políticas públicas, mais especificamente no ‘Programa Um Computador por Aluno’. Longe de pretender generalizar e desqualificar o papel das ONGs no cenário internacional indaga-se, a partir das descrições dos documentos analisados, o quanto o programa em questão pode estar atravessado pelas influências do jogo de poder.

Seguindo com a ilustração da pirâmide imperial, na camada intermediária, juntamente com os Estados-nação de economia global que servem de filtro para o fluxo de ofertas de necessidades de consumo, encontram-se as redes criadas por empresas transnacionais enquanto mediação política e controle de tais fluxos monetários de renda, de população, de mercadorias e tecnologias. Segundo Negri e Hardt (2005), “as empresas transnacionais constroem vastas redes de comunicação e oferecem a satisfação das necessidades” (HARDT. NEGRI, 2005: p. 333). Cabe, então, aos Estados

disciplinar suas próprias populações em relação a tais necessidades, muitas vezes por meio da criação e implantação de políticas públicas. O documento da Câmara dos Deputados mostra que a partir da proposta do paradigma 1:1, de uma iniciativa da OLCP, surge o *laptop XO* de baixo custo, conhecido como *laptop de 100 dólares*. A partir daí grandes empresas transnacionais do setor de informática e parceiras da OLCP adotam o mesmo propósito e passam a criar seus protótipos a fim de estabelecer relação com iniciativas que proponham a adoção do 1:1, além de criar alternativas próprias na busca de superação da inclusão digital. Segundo o relatório da Câmara:

“Juntamente com o desenvolvimento do XO, começaram a surgir outros protótipos, como o ClassMate, da Intel, o Mobilis, da Encore e, mais recentemente, o EEE, da Asus. Surge, assim, um mercado segmentado de notebooks, os laptops educacionais. Entre as características mais recorrentes estão: custo reduzido (em comparação com os laptops comerciais), tamanho menor e maior robustez – para ser manipulado por crianças – e baixo consumo de energia.

O desenvolvimento desses novos equipamentos ocorreu em paralelo com o lançamento de iniciativas mais amplas de inclusão digital, como o exemplo da Intel, que financia projetos de promoção de acessibilidade às TICs e conectividade em várias partes do mundo. Ela acumulou experiência no mercado de TICs nas escolas em virtude de ter colaborado ou financiado projetos em vários países, como Costa Rica, Chile, Argentina, Índia, Nigéria e Brasil. De acordo com a empresa, já foram investidos mais de um bilhão de dólares em programas educacionais em mais de cinquenta países, com foco nos alunos e na capacitação de professores.

A Intel também investe na disseminação de experimentos com o paradigma Um para Um, em especial nos Estados Unidos. A empresa argumenta que ambientes ricos em tecnologias e conteúdos digitais encorajam a aprendizagem centrada no aluno, colaborando em reformas educacionais” (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2008: p. 42-43).

A inovação no desenvolvimento de mercadorias a serem ofertadas aos governos emergentes no embalo da criação e implementação de novas políticas públicas requer uma observação atenta sob o olhar dos estudos acerca da governamentalidade. Neste caso, esse tipo de ação abre-se em duas vertentes distintas, mas que se entrelaçam ao longo do percurso. Primeiro ao propiciar a criação de um novo mercado para a venda de laptops educacionais, cuja estratégia para venda dos equipamentos em grande quantidade passa, primeiramente, pela doação de aparelhos para testes de utilidade, e em seguida adentrar aos certames de concorrência para a venda propriamente dita dos equipamentos a serem utilizados na aplicação efetiva da política pública. Sobre a implementação da primeira fase do PROUCA observa-se que:

“Com relação aos equipamentos, a Intel doou oitocentos laptops Classmate, que passaram a ser usados pelas escolas do Rio de Janeiro

e de Tocantins em agosto de 2007. A OLPC cedeu 275 computadores XO para o Rio Grande do Sul e mais 275 para São Paulo, distribuídos em dois lotes principais entregues em março e agosto. Já a escola do Distrito Federal recebeu 40 protótipos do Mobilis, doados pela Encore, introduzidos em sala de aula a partir de agosto, também em 2007” (idem, 2008: p. 87).

Porém, essa estratégia garante também a possibilidade de instrumentalizar, ou seja, dar condições de acesso e conhecimento junto à utilização de equipamentos de informática para as populações periféricas, uma vez que o ambiente virtual está estabelecido como local privilegiado de relações sociais e transações comerciais no século XXI. Na chamada Era do Acesso “a transferência de propriedade entre vendedores e compradores dá lugar ao acesso, a curto prazo, entre provedores e clientes operando numa relação de rede” (SANTOS, 2011: p.142). Já a tarefa do poder público, neste cenário, é garantir que a roda continue girando e, para tanto, “as ações do Estado, quando estes opera em consonância com uma lógica de mercado, devem ser desencadeadas para que mesmo aqueles que não possuem formas de gerar seu próprio sustento consigam recursos para girar, mínima e localmente, uma rede de consumo” (LOPES, 2009: p.156).

Por fim, segue-se no intuito de encontrar subsídios que joguem luz no segundo questionamento que surgiu a partir da provocação inicial de Negroponte acerca do lugar privilegiado em que tal discurso foi proferido. Torna-se intrigante saber que decisões de cunho educacional, tão caras para muitos pesquisadores e para a população em geral, são tomadas a partir de discussões de fóruns econômicos. É fato que os rumos dos países, no contexto da modernidade, tendem a ser analisados sob a lógica do desenvolvimento econômico e assim sendo, a educação é ponto estratégico para tanto, pois trata da formação dos cidadãos que irão conduzir tal processo de desenvolvimento. Porém, esse tipo de situação não converge para o desejo de uma educação mais libertária, que não exige o cálculo reacional e econômico para fins de formação e aprendizado, sobretudo quando o eixo central da discussão tangencia o discurso da inovação pedagógica.

Fato é que Davos, em conjunto com outras organizações mundiais que abarcam um grupo seleto de Estados-nação como o G7, Clubes de Londres e de Paris, segundo descrição de Negri e Hardt (2005), exerce o controle dos instrumentos monetários primários globais com capacidade para regular as trocas internacionais e compõem a primeira camada da pirâmide imperial, dando forma à ilustração proposta por esta pesquisa. A sobreposição dos atores e suas respectivas ações e discursos nesta

organização hierárquica parece esboçar com certa fidelidade o cenário político que culminou na viabilização, criação e implementação do PROUCA no Brasil. Isso permite avançar nos questionamentos acerca da existência de um padrão global extremamente sutil e articulado de agenciamento biopolítico em função do exercício do poder governamental. Para encerrar este ponto e dar sequência às demais possibilidades de interrogar os fatos, há que se destacar, ainda, que neste jogo, os autores complementam o raciocínio dizendo que:

“...no cume estreito da pirâmide está a única superpotência, os Estados Unidos, que detêm a hegemonia sobre o uso global da força – uma superpotência que pode agir sozinha mas prefere fazê-lo em colaboração com outros, debaixo do guarda-chuva das Nações Unidas...” (HARDT & NEGRI, 2005: p. 331).

2.3 Políticas de subjetivação

A presente pesquisa entende que os discursos apontados nos documentos empíricos assemelham-se à orquestração ilustrada em Império. Sem prejuízo a esse raciocínio, também concorda que “para Foucault, o biopoder não emerge ou serve para dar suporte, a um único bloco de poder, grupo dominante, ou conjunto de interesses” (RABINOW & ROSE, 2006: p. 31), pois entende que é importante levar em consideração as modulações contemporâneas a que estes ensaios sobre biopolítica também estão submetidos. Desta forma, é possível sobrepor os mesmos movimentos dos personagens e instituições elencados até o momento como parte da engrenagem que movimentou o processo de criação da política pública educacional conhecida como PROUCA, com outros três pontos que Rabinow e Rose destacam ao esboçar o conceito de biopoder. Os autores sugerem que:

“o conceito de biopoder procura individualizar estratégias e configurações que combinam três dimensões ou planos: uma forma de discurso de verdade sobre os seres vivos; um conjunto de autoridades consideradas competentes para falar aquela verdade; estratégias de intervenção sobre a existência coletiva em nome da vida e da morte; e modos de subjetivação, nos quais os indivíduos podem ser levados a atuar sobre si próprios, sob certas formas de autoridade, em relação a estes discursos de verdade, por meio de práticas do self, em nome da vida ou da saúde individual ou coletiva” (ibidem, 2006: p. 37).

Sob a égide da inclusão digital, discutida no primeiro capítulo, observa-se mais um jogo de cenas que contempla as dimensões conceituais de biopoder mencionadas por Rose e Rabinow como sendo a proposição original de Foucault. Seguem destacadas:

a) Uma forma de *discurso de verdade* sobre os seres vivos e um conjunto de autoridades consideradas competentes para falar aquela verdade:

O documento da Câmara dos Deputados utiliza-se de uma série de apontamentos feito por entidades e organizações de dimensão global para qualificar a justificativa da opção do governo brasileiro pela adoção do modelo 1:1. Entre elas encontramos a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico), BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento), MIT (Massachusetts Institute of Technology), o PISA (Programa Internacional de Avaliação de Alunos), UIT (União Internacional de Telecomunicações), além de pesquisadores e especialistas da área de tecnologias. Tratam-se de figuras amplamente conhecidas no cenário internacional que, sobre as respectivas titularidades, parecem pesar uma espécie de aura positiva que valoriza a agenda de tudo aquilo que é dito e realizado, minimizando questionamentos e dúvidas acerca das intenções de cada ação ou proposta de estabelecimento de regras e padrões.

Esse conjunto de autoridades competentes estabelece um *discurso de verdade* que a todo o momento tende a comparar numericamente as experiências com o uso de TICs em países desenvolvidos para estabelecer uma relação de necessidade para os excluídos dos países em desenvolvimento. Ao imbricar na dimensão do indivíduo determinam, segundo discurso da OCDE, que quando lhes é negado o direito de desenvolver as habilidades exigidas pelas novas TICs, estes “tornam-se cada vez menos capazes de se inserir e de participar de economias e sociedades crescentemente dependentes de tecnologia” (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2008: p.25). Eis o *discurso de verdade* acerca das novas tecnologias que pautam o futuro dos seres humanos do século XXI.

b) Estratégias de intervenção sobre a existência coletiva em nome da vida e da morte:

Neste ponto é possível retomar o terceiro questionamento feito anteriormente durante a discussão do preâmbulo, acerca do por que o Brasil ter optado por responder à provocação de Negroponte por meio da sua rede de ensino. Como já mencionado, é possível entender enquanto estratégia global a determinação da Educação como eixo central no debate acerca do desenvolvimento individual e coletivo dos sujeitos e, conseqüentemente, dos Estados-nação em que vivem. Neste caso, a vida e a morte estariam simbolizadas por um *darwinismo social* onde o acesso à informação será o principal garantidor da sobrevivência na sociedade contemporânea.

“Como é a educação escolar que estabelece as bases do tipo de relação futura entre indivíduo e aprendizagem, além de constituir-se, particularmente em países pobres, em fator decisivo de inclusão social e econômica, a disponibilização de tecnologias digitais nas escolas tornou-se foco de políticas públicas”. (idem, 2008: p.28)

Assim como o todo desse jogo de tabuleiros que se tenta interrogar, tal estratégia não parece ser necessariamente uma questão de opção para os países em desenvolvimento. Trata-se de estar inserido no processo de globalização iniciado em meados do século XX e dele usufruir e ser usado. Assim, resume Gadelha (2013):

“Em linhas gerais, trata-se do seguinte: na nova ordem econômica e social, como vimos anteriormente, um indivíduo (mas também uma coletividade, uma região, uma nação) só existe e só interessa ao sistema, na medida em que possa acessá-lo (em suas redes, serviços, informações, fluxos e processos) e/ou na medida em que seja por ele acessado. Como afirma Castells, estar ‘desconectado da rede é equivalente a não existir na economia global’; aquele que ‘não existe’ para essa economia, torna-se, portanto, irrelevante para ela” (GADELHA, 2013: p.27).

Vale ressaltar que Castells expõe, ainda, que “na nova economia, os mercados, o trabalho especializado, o capital e a tecnologia estão se concentrando cada vez mais nos países da OCDE” (CASTELLS, *In*. GADELHA, 2013: p.28). Novamente, não se trata de uma relação metafísica em que países emergentes são simplesmente manipulados como se estivessem à deriva nas correntezas de um oceano comandado pelos países desenvolvidos. Está mais para uma estrutura complexa de alcance universal que se utiliza estrategicamente dos movimentos geopolíticos que ocorrem no âmbito social, cultural e econômico, para fim de garantir o exercício do poder governamental de forma que, sutilmente, tenha-se a nítida impressão de que todos, de alguma estão se beneficiando dessa dança.

c) Modos de subjetivação, nos quais os indivíduos podem ser levados a atuar sobre si próprios, sob certas formas de autoridade, em relação a estes discursos de verdade, por meio de práticas do self, em nome da vida ou da saúde individual ou coletiva:

É na construção deste item que se encontra o elemento mais importante da presente pesquisa. Identificar modos de subjetivação que, como dito anteriormente, são replicados de forma padronizada ao redor do globo e incidem diretamente nos corpos dos sujeitos em benefício de uma estrutura organizada a partir do viés econômico em substituição às relações políticas da sociedade, requer muita atenção e possui uma enorme relevância frente aos desafios da contemporaneidade. A internalização sutil

dessas tecnologias políticas cada vez mais transforma a noção da realidade em algo estático e próxima de um fim. Atualmente, encontram-se de forma corriqueira discursos de naturalização desses processos de construção social como se os mesmos surgissem a partir de uma condição humana congênita e imutável defendendo, inclusive que a sobrevivência coletiva não resiste fora desse sistema e fora de um mercado autorregulado.

Mais do que o simples uso das TICs, de acordo com a Câmara dos Deputados (2008), no caso do PROUCA – que é a tradução do projeto original de Negromonte, cujo conteúdo está baseado, principalmente, nas ideias de Seymour Pepert, um teórico influente na área de informática educativa que “defende que a aprendizagem essencial à criança é o ‘aprender a aprender’” (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2008: p.44) – a ideia central parece ser a de preparar as crianças para o que irão encontrar no mundo competitivo que as espera. Mas o que isso significa, de fato? Estas questões propõem novas pistas para análise dos atuais modos de subjetivação, sobretudo no que tange a teoria do capital humano e sua relação com o ensino escolar. Está colocado no primeiro item deste capítulo a abordagem acerca de uma *linguagem da aprendizagem*, a qual está submetida à lógica dos discursos e premissas da OLPC. Tal noção parece avançar para a possibilidade de transformar o processo educacional, enquanto a principal fonte para um investimento pessoal dos *indivíduos-microempresas* na medida em que a acumulação permitiria um aumento do rendimento de produção dessa mão de obra qualificada, concomitante à maximização dos próprios rendimentos ao longo da vida (GADELHA, 2009). A essa relação entre capital humano e a educação, Gadelha (2009), propõe a reflexão acerca da emergência de uma cultura do empreendedorismo. Para ele:

“De todo modo, os indivíduos e as coletividades são cada vez mais investidos por novas tecnologias e mecanismos de governo que fazem de sua formação e de sua educação, num sentido amplo, uma espécie de competição desenfreada, cujo progresso se mede pelo acúmulo de pontos, como num esquema de milhagem, traduzidos como índices de produtividade. E são avaliados de acordo com os investimentos que são permanentemente induzidos a fazer para valorizarem-se como micro-empresas num mercado cada vez mais competitivo. O novo empreendedor já não pode mais ser caracterizado com um passivo na contabilidade das grandes empresas e corporações; na verdade, há quem diga ele já não é mais nem mesmo um ativo, senão um investidor, uma espécie de sócio que investe na empresa em que trabalha o seu capital humano” (idem, 2009: p. 180 – 181).

Para tanto, se faz necessário dar condições de autonomia para que os indivíduos utilizem a prática do *self* enquanto forma de sobrevivência junto às condições perversas do contemporâneo. Neste sentido as tecnologias abrem-se novamente em duas grandes

vertentes abordadas de forma incessante ao longo da pesquisa: enquanto aparato e equipamento tecnológico (TICs); mas também enquanto modo de subjetivação (tecnologia do eu). Dar acesso à primeira forma de tecnologia parece desprender estratégias para aplicar a segunda forma. De acordo com Godoy:

“A composição entre condições culturais e acesso à informação poderia ser colocada, então, sob a chave do capital humano: seu crescimento, acumulação e melhoramento. Todavia, a necessidade de formar e aperfeiçoar, de ‘fazer e manejar inversões na educação escolar, na saúde, na mobilidade, nos afetos, nas relações de todo tipo’ (Cardoso Jr, 2002), diz respeito não somente à correção ou regulação de comportamentos que seriam considerados danosos (prescrição), mas à produção (incitamento) de comportamentos que não cessem de responder ao problema da inovação. Faz-se necessário, portanto, mobilizar toda uma série de dispositivos que permitam atuar sobre o nível e o conteúdo do capital humano, isto é, que permitam intervir no conjunto de condições da vida, buscando a constituição de subjetividades afeitas às solicitações de escolhas e decisões num universo de possíveis já dados” (GODOY, 2013a: p.43)

Conclui-se baseado no trecho acima que ao politizar o tema das novas tecnologias em seu aspecto de governança, ou ainda em seu viés utilitarista, depara-se com uma série de dispositivos que conotam ao uso de estratégias biopolíticas que visam a disputa pelas relações de poder da sociedade contemporânea. Seja via teoria do capital humano ou pela adoção da nova linguagem da aprendizagem, é nas políticas educacionais que estão alocadas parte das estratégias com a finalidade de manutenção do poder governamental e hoje é impossível desconsiderar a influência das tecnologias de informática neste processo. O sujeito é levado a agir por si mesmo de forma a superar os problemas do mundo e será na escola que irá adquirir as habilidades para tanto, onde as escolhas estarão limitadas a um raso universo de possibilidades pré-estabelecidas.

Seja na esquematização do *Império* ou na dificuldade de reação junto à dinâmica do poder que atua de forma global junto aos Estados-nação, o mundo contemporâneo se vê completamente imbricado nesses novos processos de dominação. Em relação ao PROUCA, os discursos e ações dos atores envolvidos apontam para tal exercício do poder globalizado. ONGs, empresas transnacionais, especialistas e governos agem de forma a colaborar com algumas das estratégias biopolíticas supramencionadas ao longo do capítulo, independente da intencionalidade de cada agente em questão.

Os discursos giram em torno de estabelecer uma otimização na aprendizagem dos alunos, para que estes venham a enfrentar individualmente os desafios do mundo. Assim, constrói-se uma subjetividade tal que, adquirir um equipamento de informática

passa ser a primeira etapa em direção à sobrevivência na era digital. Desejá-lo torna-se um imperativo, consumi-lo é condição natural, manipulá-lo é gerar dados sobre si, substituí-lo é obrigação frente às obsolescências e tornar a compra-lo é a maneira mais eficaz de manter a roda da economia girando.

Nesse círculo vicioso quase nada parece escapar. Pouco se questiona. A panaceia do digital muitas vezes está a sobrepor as novas possibilidades. É preciso questionar e ficar atento às ações dessas estruturas do poder governamental. No entanto, encerra-se esta etapa da pesquisa com mais uma pista sugerida por Deleuze. Há que se pensar em como não se deixar capturar pelos tentáculos do poder. E estratégia se combate com novas estratégias. Segundo o filósofo, “as sociedades de controle operam por máquinas (...) de informática e computadores, cujo perigo passivo é a interferência, e o ativo a pirataria e a introdução de vírus” (DELEUZE, 1992b: p.223). O vírus só se torna eficaz quando se encontra dentro daquilo que se quer combater. Ele tem que estar no interior das estruturas para liberar seus códigos e modificar o sistema. Não adianta, portanto, estar alheio ao processo da contemporaneidade. A partir dessas afirmações, se faz fundamental não negar a existência de tais dinâmicas, muito menos querer estar do lado de fora. Isso seria abdicar de um potencial combativo que deve ser feito entendendo do que se trata e estabelecendo, na medida do possível, novas estratégias.

3. PROGRAMA UM COMPUTADOR POR ALUNO

Neste capítulo será discutido o processo de aplicação do “Programa Um Computador por Aluno” na prática, em suas duas fases de implantação. A primeira fase nomeada de Pré-piloto foi realizada ao longo do ano de 2007, o que permitiu a publicação do documento que serviu de principal referencial teórico para a presente pesquisa, elaborado pelo Conselho de Altos Estudos e Avaliação Tecnológica da Câmara dos Deputados, intitulado “Um Computador por Aluno: a experiência brasileira”. Nesta etapa foram contempladas cinco escolas que fizeram uso de laptops educacionais doados por empresas interessadas na disseminação de novas tecnologias em países emergentes.

Ainda em pequena escala, a segunda etapa possibilitou a ampliação do alcance das TICs nas escolas para toda a extensão do território nacional brasileiro englobando cerca de trezentas escolas espalhadas pelos vinte e sete estados da federação. No decorrer do capítulo, além da experiência local serão apontadas questões que envolvem a América Latina, mais especificamente o caso de países como o Uruguai que, da mesma maneira, busca superar os limites e barreiras da chamada exclusão digital.

Antes da avaliação de alguns dos resultados numéricos do programa e do desempenho do conjunto de escolas envolvidas no PROUCA, está presente uma breve reflexão a respeito da experiência do programa enquanto possibilidade de escapar à lógica avaliativa dualista que opõe sucesso e fracasso como forma de mensuração. Esta análise se deu numa troca de e-mails, com um integrante envolvido na implantação do PROUCA, e se mostrou importante para pensar na proposta de inovação pedagógica como ferramenta para as linhas de fuga das estruturas de poder vigentes na contemporaneidade.

Por fim, o capítulo é encerrado com uma metodologia de avaliação que buscou nos números do IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Brasileira) uma forma de enxergar os resultados do PROUCA de maneira global, distanciando-se das análises pontuais de cada localidade, à qual está inserida a maior parte das pesquisas e estudos científicos acerca do tema. Tudo isso sem deixar de lado o olhar para a questão da influência que os discursos de democratização do acesso às TICs, apontadas no capítulo anterior, exerceram em todos esses resultados práticos e subjetivos da experiência com o programa.

3.1. Fase 1: Pré-piloto

Como em toda política pública, a implantação do “Programa Um Computador por Aluno” foi atravessada por uma série de processos, ideias, interesses e decisões desde a provocação inicial, acerca da democratização do acesso às TICs, até a sua execução e conclusão. Nesse caso específico, um conjunto de argumentos foi projetado a fim de justificar uma mudança de paradigma em relação ao formato ideal para a popularização das TICs em sala de aula nas escolas brasileiras, o que significa dizer que o sucesso do modelo serviria de base para as ações futuras acerca do tema. Vale ressaltar que mais do que o simples uso de novos equipamentos de informática o PROUCA teve o propósito de introduzir uma inovação pedagógica a partir das novas tecnologias, fato que, diante das crises enfrentadas pelos sistemas educacionais, poderia atrair olhares mais simplistas direcionados a uma panaceia que descartaria toda uma gama de complexidades acerca do processo.

Para evitar tal equívoco, ao menos três pontos foram levados em consideração para que as análises a seguir dialoguem com os objetivos principais da presente pesquisa. Primeiro, foi fundamental considerar a relação dos usuários com os laptops educacionais, não apenas dentro, mas também fora do ambiente escolar, com capacidade para influenciar, inclusive, outras pessoas que os cercam como amigos, vizinhos e familiares. O tema da inclusão digital aponta para os potenciais de mudanças na qualidade de vida que o acesso às TICs possibilita dentro de um contexto social, portanto, ainda que o PROUCA não consiga atingir por completo seus objetivos pedagógicos, mantém-se a possibilidade de visualização de algumas linhas de fuga para além dos muros das escolas.

Em segundo lugar foi necessário ficar atento quanto às dimensões geográficas e características genéricas dos discursos que no âmbito da globalização tendem a impor modelos homogeneizados a Estados-nação com particularidades distintas, e que quando observadas sob a ótica de uma racionalidade econômica própria do neoliberalismo pode até parecer viável, mas ao serem confrontados com fatores externos podem carregar complicadores com capacidade de comprometer todo o conjunto do processo. No caso dos laptops educacionais, o principal mote foi o baixo custo para aquisição dos mesmos.

Por fim, mas não menos importante, seguindo a mesma linha de raciocínio das particularidades de cada localidade mencionadas acima, foi considerado que no Brasil, país de dimensão continental e marcado por uma desigualdade histórica nas mais diversas esferas, o número de variáveis tende a ser bem maior e pode agravar ainda mais

as dificuldades a serem enfrentadas. Isso fica evidente já na primeira fase do programa onde se encontraram diferentes perspectivas acerca de infraestrutura e condições adversas ao ambiente que circundavam as cinco escolas (Quadro 1) contempladas com os equipamentos, impondo grandes desafios, principalmente acerca da melhor metodologia a ser adotada para cada situação e, em seguida, qual seria a mais viável para a fase posterior do programa.

Quadro 1 – As escolas do UCA

ESTADO	RS	SP	RJ	TO	DF
ESCOLA	Luciana de Abreu	Ernani Silva Bruno	CIEP Rosa Guedes	Dom Alano M. Du Noday	Centro de EF nº 1 (Paranoá)
REDE	Estadual	Municipal	Municipal	Estadual	Estadual
ALUNOS	400	1.200	400	911	1.000
PROFESSORES	50	50	26	34	76
TURNOS	3	4	2	3	3
ETAPAS	EF e EJA	EF e EJA	EF	EF e EI	EF e EJA
LAPTOPS RECEBIDOS	275	275	400	400	40
DATA DA DISTRIBUIÇÃO	março/agosto	março/agosto	agosto	agosto	maio
LABORATÓRIO INFORMÁTICA	não	sim	sim	sim	sim
IDEB 2005 Anos iniciais EF	4	3,9	2,6	5	3,7
IDEB 2005 Anos finais EF	3,6	-	4	4,1	2,6

Fonte e elaboração: Consultoria Legislativa/Câmara dos Deputados. Ideb: Inep/MEC.

Considerando que as duas fases tiveram o propósito de testar a aplicabilidade do programa em micro (5 escolas) e pequena escala (300 escolas), o documento da Câmara dos Deputados relata a existência de impasses encontrados logo no início da primeira fase e que deveriam ser suplantados na sequência das ações. Um desses entraves, por exemplo, possui relação direta entre os almejados benefícios pedagógicos da introdução das TICs em sala de aula e sua viabilização econômica. A lógica monetária do baixo custo dos aparelhos que fora tratada como solução para a disseminação das novas

tecnologias tornou-se um empecilho, uma vez que para além da aquisição e distribuição dos equipamentos, também seria necessário considerar a capacitação de docentes, adaptação física das escolas, aquisição de mobiliário específico, viabilidade de conexão à internet, construção de redes wireless, desenvolvimento de softwares, entre outros aspectos, elevando as perspectivas do montante final. A grande questão é que mais a frente esses mesmos problemas continuam e passam a ser determinantes para a viabilidade de algumas das iniciativas o que leva a acreditar que as respostas para tais problemas não foram superadas da forma como deveriam, mesmo com o questionamento levantado nas considerações finais do relatório da Câmara dos Deputados (2008), dizendo que:

“a explicação estritamente econômica, ainda que de importância e de grande valor científico, é um tanto quanto simplista. É válida para responder aos porquês do fenômeno, mas não responde a uma questão fundamental para os gestores das políticas públicas e educação e para a sociedade como um todo: existe de fato alguma vantagem na aplicação de laptops em projetos educacionais, quando comparados aos desktops?” (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2008: p. 133).

Torna-se válido questionar, também, se esse tipo de reincidência trata-se de mera ingerência na continuidade das etapas ou se há, de fato, influência direta do tal apelo econômico e racionalizado exercido por meio da capacidade de convencimento dos especialistas internacionais que fortaleceram os *discursos de verdade* sobre a democratização do acesso às TICs, e que por sua vez deram sustentação e guiaram o Governo brasileiro na adoção do PROUCA.

As análises acerca das iniciativas, tanto no Brasil quanto em outros países apontam para o fato de que a superação das dificuldades técnicas parece restringir-se à individualidade do usuário e o modo que o mesmo se relaciona com as plataformas virtuais ao invés de uma mudança de postura e comportamento que uma eventual nova lógica pedagógica teve ou teria capacidade de oferecer.

No caso brasileiro, pouco se viu de mudança na questão didático-pedagógica do modelo vigente na rede pública de ensino. Dentro da sala de aula até foi possível observar algumas alterações na relação professor-aluno, principalmente junto aos docentes que se engajaram efetivamente na proposta apresentada. Nesta primeira fase, praticamente todos os professores passaram por processos de formação para se adaptarem ao uso dos novos equipamentos, mas essa melhoria não se refletiu na totalidade das escolas participantes e sendo pontual, não foi possível considerá-la fator determinante enquanto possibilidade de fuga das capturas de subjetivação que os

discursos embasados na governamentalidade neoliberal exerceram na escolha do formato do programa de acordo com os argumentos apontados no capítulo anterior.

Nos parâmetros desta pesquisa, escapar está relacionado mais à experiência do usuário do que à transmissão da informação por si só. O conhecimento, talvez o principal vetor que objetive a educação, pode ser entendido como a informação experienciada (PEDROSO, MARTINS & MILITO, 2011) e no caso do objeto de estudo em questão só virá a ser potencializado caso haja mudanças no sistema nacional de ensino como um todo, para além do uso de novas ferramentas e ao caminhar, principalmente, em direção a novos modos de relacionar-se com os processos de aprendizagem vigentes. Os estudos apontam para o fato de que a totalidade do ‘Programa Um Computador por Aluno’ não foi capaz de realizar tal feito, até mesmo porque os objetivos principais deram lugar à busca pela viabilidade técnica e logística da distribuição da tecnologia deixando para estados, municípios e gestão das escolas a responsabilidade de adaptação às condições necessárias para a execução das ações. Isto não significa dizer que não houve avanço no que tange as possibilidades de existência de algumas linhas de fuga, mas estas se tornaram ainda menos visíveis.

A iniciativa que mais chamou atenção na primeira fase foi a experiência de Porto Alegre que, dentre as cinco escolas contempladas, foi a que encontrou e viabilizou as condições para experimentar o modelo 1:1 em toda a sua extensão, permitindo, inclusive, que os alunos levassem os laptops para casa. Essa mobilidade e possibilidade de familiarização do usuário de forma saturada, ou seja, vinte quatro horas por dia, sete dias por semana, parecem ter garantido uma forma mais eficaz de apropriação do equipamento e da tecnologia e jogou luz a “uma revalorização do trabalho em grupo e um maior senso de cooperação entre os colegas” (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2008: p.134). De maneira geral, esse incentivo a uma maior interatividade social foi percebida em todas as iniciativas da fase pré-piloto, porém nas demais ficou restrita aos perímetros do ambiente escolar.

Entende-se que a emergência da cultura digital, a qual o contemporâneo está inserido, pressupõe um novo paradigma de relação pessoal mediada por uma estrutura comunicacional global, onde por meio de um computador pessoal é possível conectar-se com qualquer outro ponto do mundo que esteja também conectado a essa rede. Essa estrutura, tanto física por meio de cabos e servidores, quanto eletromagnéticas a partir de ondas de rádio e satélites, depende de decisões técnicas, mas também políticas para que possam existir, portanto, estão sujeitas a interferências positivas e negativas ao que concerne o exercício do biopoder globalizado.

3.2. Fase 2: piloto – Projeto UCA e outras experiências

A segunda fase do programa, também conhecida como Projeto UCA, garantiu a entrega dos laptops educacionais para cerca de trezentas escolas contemplando todos os estados da federação. Seu início foi postergado devido a dificuldades no processo licitatório dos equipamentos ocorrido em dezembro de 2007. Basicamente, houve uma discrepância brutal entre as projeções iniciais estabelecidas pelo governo e os valores finais apresentados pelas empresas, muito provavelmente porque a provocação inicial feita por Negroponte em 2005 tinha como principal apelo a oportunidade de disseminação de equipamentos de baixo custo – cerca de cem dólares – mas desconsiderava algumas particularidades como as dimensões continentais da rede pública de ensino no Brasil. No edital de licitação a empresa vencedora deveria garantir, além dos equipamentos, a entrega dos 150.000 (cento e cinquenta mil) laptops nos vinte e sete estados brasileiros e a manutenção periódica dos relativamente frágeis objetos. Entre outros fatores o ocorrido proporcionou uma elevação considerável no valor final dos computadores. A empresa Positivo Informática S.A. que ofereceu o menor preço no pregão estabeleceu um valor unitário que correspondia a R\$ 654,00 (seiscentos e cinquenta e quatro reais), quase o dobro dos iniciais cem dólares propostos e justificou a questão alegando tratar-se de um “projeto extremamente complexo, a ser desenvolvido em um país de dimensões continentais, com garantia de três anos, instalação em todas as escolas, com desembalagem e configuração de servidor” (idem, 2008: p. 127). Em fevereiro de 2008 a licitação foi revogada e caberia, então, ao Poder Executivo avaliar e encontrar alternativas aos impasses encontrados no processo.

Essas dificuldades viriam a ser superadas em 2009 com a disponibilização de linhas de crédito para aquisição dos laptops educacionais, via financiamento, por parte das escolas interessadas, por meio do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), e a regulamentação definitiva do ‘Programa Um Computador por Aluno’ se deu a partir do Decreto nº 7243, de 26 de julho de 2010. Neste mesmo ano deu-se início à segunda fase do programa com a entrega dos equipamentos nas trezentas escolas contempladas.

Nos inúmeros relatos de experiências em torno do projeto-piloto, foi percebida claramente a inexistência de um formato padrão único de desenvolvimento das ações em torno do uso do laptop educacional. A diversidade de condições socioeconômicas dos estados, municípios, bairros e escolas, que se estendem por todo território nacional, também impossibilitaram a consolidação de uma experiência que pudesse se tornar

referencial para a universalização dessa prática de utilização das tecnologias em sala de aula. Todavia, o conjunto de experiências, tanto positivas, quanto negativas garante um acúmulo de informações para futuras políticas públicas a serem aplicadas a todas as esferas governamentais.

Demais países da América do Sul também enfrentam os desafios da inclusão digital na busca por adequação às demandas contemporâneas de desenvolvimento social e econômico. É aqui na região do Cone Sul que se encontra mais difundida a tentativa de implementação do paradigma 1:1. Tanto no Brasil quanto em outros países os impactos da inclusão digital por meio das redes de ensino tendem a extrapolar os limites da sala de aula. Poucos estudos têm se debruçado acerca das influências que o uso dos laptops educacionais traz para a família dos alunos quando estes tem o direito de levar os equipamentos para casa, sobretudo no caso de populações mais pobres. De acordo com a literatura observada, nas escolas os avanços ainda são muito tímidos, pois o desafio é muito maior que a distribuição das novas ferramentas, cujo uso permite manter a mesma lógica de transmissão de informação já utilizado na ausência da tecnologia.

Em relação aos aspectos positivos dentro do ambiente escolar, além de ampliar o senso de colaboração e espírito coletivo, mencionados anteriormente, há que se destacar o envolvimento de alunos e funcionários num esforço de divulgação das ações e resultados relativos ao desenvolvimento dos programas. Enquanto caminhava a segunda fase do PROUCA, uma rápida pesquisa pelos buscadores na internet direcionava o internauta aos blogs pessoais das escolas envolvidas no programa, ampliando a participação de pais e demais colaboradores, proporcionando transparência e informação acerca do trabalho realizado com as crianças.

Já na experiência uruguaia, disparada a partir da mesma provocação de Negroponte em 2005, portanto sujeita às mesmas condicionalidades acerca dos discursos da ação global com seus atores e instituições, o programa pode ser observado de forma universalizada. O *Plan Ceibal (Plan de Conectividad Educativa de Informática Básica para el Aprendizaje en Línea)*, trata-se de uma das políticas públicas mais conhecidas em relação ao uso de computadores em sala de aula e propôs a entrega dos computadores XO, ou ceibalitas, como são conhecidos para todos os alunos e docentes de todas as escolas da educação pública do país, garantindo também a conectividade à internet. No Uruguai, a partir desse olhar totalizado, foi possível notar que o apelo aos avanços do campo social também superaram as instâncias educativas, abrindo mais precedentes de exploração ao que concerne aquilo que se tem chamado de linhas de fuga no âmbito desta pesquisa. Segundo Winocur e Vilela:

“Os principais resultados de avaliações 2008-2009, destacam que: o Plano Ceibal aumenta substancialmente a presença de computadores e o acesso à internet em casas de nível socioeconômico baixo; a avaliação social em torno do uso de computadores é majoritariamente positiva; as crianças se envolvem, em grande medida, com seus pares e a maioria ensina os demais a utilização, sobretudo a seus pais; tende a equilibrar a alfabetização digital de crianças do campo e da cidade, assim como entre as crianças de setores favorecidos e desfavorecidos; os irmãos mais velhos são os principais usuários da família, seguido pelas mães; a família usa o XO principalmente para o entretenimento e na busca de informação; CEIBAL reduz o tempo que muitas crianças passam em frente da televisão, mas não altera significativamente seu comportamento com outras crianças, embora motiva-os para ir à escola, sobretudo nos setores socioeconômicos mais baixos⁹” (Winocur y Sánchez Vilela, 2013: p. 40).

Essas pesquisadoras contribuem ainda com uma reflexão maior acerca da apropriação das novas tecnologias por parte de famílias mais pobres no Uruguai e os aspectos culturais das tecnologias enquanto meios de comunicação. Elas se apegam às inúmeras variáveis e contradições que podem ocorrer entre o acesso e a exclusão, a celebração e a negação aos novos modelos e políticas que abrangem o tema da inclusão digital (DUSSEL, 2014). Ao que tange os laptops XO, Dussel complementa:

“O XO é um artefato cultural, se inclui numa série maior de relações com os meios e instrumentos tecnológicos como o rádio e a televisão. Com as ceibalitas se observa uma possibilidade de vínculo mágico com o ‘maravilhoso técnico’ (Sarlo, 1992), como houve em dado momento com o rádio e o cinema. Como a tecnologia é algo que não se termina de entender e ocupa um lugar de fascínio e temor, parece que surgiu de repente e, portanto, pode-se caminhar da mesma maneira. Assim, dizem as autoras, a conexão ou a desconexão determinam de maneira dramática a capacidade de dispor de toda a riqueza de conhecimento provido pelos computadores. O conhecimento é algo que está aí fora, a um click de distância, porém esse click pode não se dar nunca, ou não ser efetivo¹⁰” (idem, 2014: p.157).

Estas análises sobre o caso do Uruguai provocam um deslocamento da reflexão acerca da crise nas instituições escolares onde o uso das tecnologias muitas vezes é tratado como a panaceia para tais problemas. Por tratar das contradições da contemporaneidade, a discussão sociocultural que se trava, a partir da politização das novas tecnologias, ajuda a expor os interesses por detrás dos grandes discursos acerca do tema, mas também faz emergir as possibilidades de resistência inerentes a todo processo de luta por poder.

⁹ Traduzido pelo autor.

¹⁰ Traduzido pelo autor.

Neste mesmo sentido, voltando para o Brasil, cabe destacar, um estudo de caso sobre um pequeno município contemplado com o UCA-Total, a fim de dar visibilidade a situações que, também surgiram em outros casos e para além das escolas, atravessam campos de disputa diversos como a ocupação do espaço urbano, a cooperação mútua e a relação de pessoas, até então invisíveis, com novas possibilidades de trabalho e renda. O UCA-Total faz parte dessa segunda fase do PROUCA e envolveu seis municípios onde todas as escolas públicas foram apreciadas com a chegada dos laptops. São eles: São João da Ponta (PA), Barra dos Coqueiros (SE), Tiradentes (MG), Santa Cecília do Pavão (PR), Terenos (MS) e por fim Caetés (PE), incluído posteriormente.

Em um trabalho sobre São João da Ponta, interior do Pará, Pereira e Gussi (2014) analisam as ações do UCA-Total nos âmbitos econômicos, sociais e educacionais. De início constataram que em nenhuma escola foi feita a adequação do espaço físico para receber o programa, problema encontrado já na primeira fase do programa e que não foi superado junto aos municípios e escolas contemplados pela segunda fase. Quando muito, uma das escolas chegou a receber armários para guardar e recarregar os equipamentos, mas por uma diferença de voltagem da rede elétrica, tal feito foi prejudicado. Menos da metade das escolas visitadas em função da pesquisa possuíam conexão com a internet, sendo que dessas a maioria localizava-se na zona urbana e apenas uma na área rural. Na relação dos estudantes com a cidade o que foi percebido é que a praça era um local privilegiado de convívio e aprendizagem entre os estudantes uma vez que possuía sinal de internet por meio de um programa de inclusão digital do Governo do Estado. O artigo aponta para a formação de comunidades práticas neste ambiente e uma potencialização do letramento digital a partir dessa interatividade social, o que por si só é de grande valia. No ambiente familiar os benefícios foram identificados acerca da possibilidade de aumento da renda a partir do acesso à rede e o incentivo à informatização de estabelecimentos comerciais. Já no âmbito educacional foi observado apenas o uso da internet como principal fonte de pesquisas, em substituição aos livros e jornais. Entre outras questões os autores concluem dizendo:

“Observamos em São João da Ponta que o projeto UCA, inicialmente inserido com objetivos educacionais, não vingou na escola, local primeiro de atuação, e foi para a comunidade, que estabeleceu um conceito de inclusão digital para as práticas e usos na vida cotidiana, possibilitando não só conhecer outras realidades pela internet, mas também buscar na rede informações realmente válidas em suas vidas, como: emprego, estudos e cursos com indícios de uma inclusão sócio digital aos participantes” (PEREIRA & GUSSI, 2014: p.571).

O caso de São João da Ponta parece resumir bem as impressões que o processo de descoberta ao longo da realização da presente pesquisa, incluindo leituras de outros pesquisadores acerca do PROUCA, trouxeram. Contradições que colocam frente a frente discursos economicistas, que trazem a necessidade de democratizar o acesso às TICs, mas que esbarram no alto custo da complexa infraestrutura necessária, sobretudo no Brasil. Que focam na inovação pedagógica, mas ganham espaço fora dos perímetros das escolas. Enfim, de certo modo parece ter sido dessa maneira que o PROUCA como um todo foi se estabelecendo. Um processo com entraves encontrados desde o início e cujo andamento e encerramento não foram diferentes.

Da metade para o fim do processo de investigação acadêmico, por exemplo, os dados a serem coletados foram ficando cada vez mais escassos. Ao final de 2014 o programa já apontava para o desfecho, considerando um prolongamento da previsão inicial para o término das ações junto aos municípios. Porém, houve uma súbita “retirada do ar” da principal fonte de informações acerca das ações, o sítio virtual oficial que era acessado a partir do endereço www.uca.gov.br. Esperava-se que mesmo com o término do programa os registros, dados e fontes oficiais pudessem permanecer acessíveis como forma de possibilitar novas leituras e interpretações do todo ocorrido. Mas foi uma luta em vão. Os órgãos governamentais responsáveis foram contatados, o Ministério da Educação por meio de seu portal da transparência e os departamentos do MEC por email porém esses passaram a tratar o programa de forma muito superficial. Atualmente, o PROUCA é descrito no portal do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) apenas como “um registro de preços (RPN) do FNDE para que os estados e municípios pudessem comprar com recursos próprios ou com financiamento do BNDES”¹¹. Ou seja, toda informação oficial acerca das ações realizadas tornaram-se inacessíveis o que prejudicou de alguma forma o andamento do desse estudo.

Buscou-se ainda o contato com escolas e pessoas envolvidas na fase piloto na tentativa de encontrar informações acerca desse encerramento das atividades e também na busca de se estabelecer, mesmo que tardiamente, uma relação de diálogo para fins metodológicos que previa uma netnografia junto ao conjunto de escolas e pessoas envolvidas. Mas o que sobressaiu foi uma nítida sensação de temor e descaso que a maioria das pessoas contatadas tinha ao tratar do assunto. A essa altura, a conclusão era de que a continuação do trabalho dependeria, exclusivamente, de um levantamento bibliográfico. Também foram enviados e-mails, mensagens nos blogs escolares e

¹¹ Disponível em <http://www.fn.de.gov.br/programas/programa-nacional-de-tecnologia-educacional-proinfo/proinfo-programa-um-computador-por-aluno-prouca> - último acesso em 08/07/2015.

realizados contatos telefônicos, porém, praticamente não houve retorno dos responsáveis sobre as questões que envolviam o tema.. Um raro contato foi estabelecido, via telefone, com uma das escolas, cuja localidade, nome e responsáveis não serão mencionados, na tentativa de preservá-los minimamente de qualquer interferência externa, uma vez que a situação gerou muito desconforto, dúvida e insegurança por parte do contatado para tratar do assunto. A vice-diretora dessa escola atendeu ao telefone e indicou o coordenador pedagógico, que não estava no momento, para ser o interlocutor. Antes de desligar, porém, fez questão de adiantar que o PROUCA já não estava mais sendo aplicado na escola e que todo equipamento já havia virado sucata. O primeiro diálogo com o coordenador pedagógico só foi possível após duas tentativas por meio de ligações telefônicas. Após esse contato, foi solicitado pelo coordenador que os demais fossem realizados via email. Sendo assim, em 08/04/2015 foi encaminhado um email com questionamentos acerca do programa (Anexo 1). Sem retorno, o mesmo conteúdo foi reencaminhado em 22/04/2015. Dias depois mais alguns contatos telefônicos foram estabelecidos, mas o coordenador não foi encontrado para dar os esclarecimentos necessários.

Por fim, foi possível estabelecer um último diálogo, realizado por email, com outra pessoa envolvida no processo. O conteúdo destoa das demais análises realizadas, abre brechas para reflexões acerca de novas possibilidades e aborda questões que parecem traduzir a essência do processo vivido com a pesquisa. A identidade da pessoa também foi preservada. Segue descrição:

“o Projeto UCA, estruturado em pilotos em todas as unidades federativas, em escolas rurais e urbanas, estaduais e municipais, em aldeias e quilombolas, ensino Fundamental e Ensino Médio, ou seja, nas mais diferentes realidades da educação brasileira, foi um exercício de descoberta.

Assim sendo, houve o que alguns chamarão de fracasso, houve o que alguns chamarão de sucesso. Mas o UCA não nasceu para ser sucesso ou fracasso; ele nasceu para testar o uso de tecnologia móvel de forma imersiva na educação básica pública do Brasil.

Hoje, com certeza por causa do Projeto UCA, sabemos que algumas coisas são essenciais para que a escola incorpore tecnologias digitais e, em especial, as móveis, que vão além de infraestrutura.

Por exemplo, um modelo de organização de aulas com 40 ou 50 minutos não serve. Professores constantemente capacitados. Ações por projetos, para além do isolamento de disciplinas.

[...] Haverá um curso de especialização em educação na cultura digital que o MEC oferecerá no ProInfo. [...] Posso assegurar-lhe que no desenho dessa (nova) formação muitos dos indicadores que obtivemos no UCA foram considerados, para permitir uma formação mais adequada de professores, consideradas as várias situações nas quais ela ocorrerá.

Quando o Mercadante assumiu o MEC estivemos em reunião com ele. Mostramos a realidade que o UCA mostrou como indicadores para o projeto que ele queria conduzir com o tablet. Ele acabou simplesmente distribuindo tablets, o que não recomendávamos.

Não sei se você encontrará um documento que compile uma avaliação geral do projeto. Até porque eu penso que caberia ao MEC organizar algo assim. [...] Mas não vi um relatório final, não sei se há (deveria haver, com certeza).

O Projeto UCA, é bom frisar, era de inovação pedagógica com tecnologia inovadora (laptop). Ou seja, ele se assentava fundamentalmente em questões pedagógicas” (email recebido em 06/05/2015).

Essa última troca de e-mails tornou-se fundamental para assentar algumas das impressões em relação ao PROUCA. Trata-se de um olhar objetivo e que se apoia na experiência em si como forma de avaliar o conjunto da obra. Na seção seguinte está descrita parte do processo de pesquisa realizado e que por encontrar algumas dificuldades gerou certo desgaste e fez com que o foco se mantivesse na dualidade fracasso *versus* sucesso.

Mas essa leitura surge para dialogar diretamente com um dos objetos da pesquisa, revisados ao final do primeiro capítulo, que é o olhar para aquilo que escapa à lógica vigente, sobretudo na educação, uma *educação menor*. A fala deste interlocutor desperta para uma possibilidade de pensar outra forma de ver a política pública, outra forma de enxergar a educação. Uma avaliação que se desprende dos cálculos econômicos e foca no processo e no aprendizado, o que por si só poderia ser a própria inovação pedagógica proposta pelo programa. As descobertas advindas da experiência propõem um rompimento com as técnicas vigentes, como a questão do formato temporal das aulas. Questiona o modo estabelecido de ensino e de aprendizagem.

Ao citar que “houve o que alguns chamarão de fracasso, houve o que alguns chamarão de sucesso” o interlocutor tende a apontar para a não totalidade de percepções como esta por parte dos demais envolvidos na ação. De fato, o objetivo do programa não foi tratar da experiência em si enquanto fator de descoberta de algo, até então inexistente, tendo os notebooks como formas de mediação para tais descobertas. Os objetivos pareciam resvalar sempre na reprodução ou interferência dos interesses maiores, identificados já nos discursos de anunciação da lógica 1:1. Talvez essa fala tenha sido uma das possibilidades alcançadas, de fato, pela presente pesquisa de visualização de alguma linha de fuga das condições governamentais subjacentes à prática de inclusão digital do PROUCA. Não cabem conclusões fechadas para essa análise da ação *menor*. Portanto, a ideia aqui será encerrar com uma reflexão que tenta

pensar a experimentação da minoridade, não como procedimento estanque, mas como uma reticência vivida e não programada. Para Godoy:

“...não interessa aquilo que uma maioria determina em relação a uma minoria sejam elas quais forem, mas o modo pelo qual uma minoria, uma maioria se tornam menores. Nesse sentido, um procedimento sempre está às voltas com a singularidade daquilo que se dá sob o signo do encontro sendo já, ele mesmo (o procedimento), uma complicação de linhas...” (GODOY, 2013b: p.123).

3.3. Avaliações do Programa

Ao longo da pesquisa, a grande dificuldade foi encontrar elementos que possibilitassem uma leitura global dos resultados do PROUCA. Demais estudos que tratam do tema, na maioria das vezes partem de experiências locais e trazem informações restritas à prática e ao cotidiano de determinada escola ou até mesmo de uma cidade específica. Dificilmente encontra-se conteúdo avaliativo do programa como um todo, principalmente durante e após a realização da fase piloto.

Ficou estabelecida, no processo de implantação do PROUCA, a subdivisão de pesquisadores em grupos de trabalho, entre os quais se destacou um grupo de trabalho de Avaliação responsável por estabelecer parâmetros que contribuíssem no levantamento de informações acerca das ações. Há quem diga que estes procedimentos são inovadores no processo de avaliação de políticas públicas, uma vez que propõe métodos qualitativos focados nas possibilidades de emancipação do aluno, indo na contramão da frieza do cálculo racional que tende a apontar apenas a eficiência do desempenho baseado nas tomadas de decisão estatais. Segundo Cappelletti:

“Essa atitude científica diante da avaliação com pressupostos epistemológicos estruturalista/funcionalistas, que visa um conhecimento objetivo e tecnológico, na busca incansável da diminuição de custos financeiros/operacionais e maior produtividade, reduz o papel do avaliador apenas ao de planejador, arquiteto, com foco na instrumentação.

No PROUCA a opção foi a de se contrapor a avaliação como controle, optando por uma proposta de avaliação voltada para a emancipação dos participantes pela formação em ação.

Emancipar é eximir as pessoas da tutela de outros, tornando-se independentes livres. É conquista humana efetivada pela práxis que possibilita a superação da dicotomia teoria/prática.

Na avaliação do PROUCA a emancipação sempre se fez presente no horizonte das reflexões/ações, na busca de modelos mais globalizantes, com forte apelo social, fugindo das proposições caracterizadas como controle e buscando a participação dos envolvidos como condição compulsória e o processo como necessariamente formador” (CAPPELLETTI, 2012: p.7).

Todavia, para viabilizar tais propostas optou-se por um processo de descentralização das avaliações, tendo em vista a complexidade dos fatores que englobam uma política de proporções nacionais, em um país das dimensões e diversidades do Brasil. Assim, mesmo que mais à frente organize-se oficialmente uma avaliação global do programa, o que se encontra disponível, até o presente momento, são resultados de experiências pontuais das localidades envolvidas.

Dadas as impressões acerca do encerramento do programa, bem como a forma em que as propostas foram sendo organizadas a fim de dar continuidade em outros programas de inclusão digital, como o ProInfo, por exemplo, pairam dúvidas a respeito da possibilidade de tais avaliações globais, se elaboradas mais a frente, terem a efetiva publicidade junto ao público em geral. Talvez sirvam de elementos para novas ações governamentais e pesquisas acerca do tema, o que por si só é de fundamental importância, mas é possível que se percam enquanto conclusão de um trabalho realizado com capacidade de expor resultados sejam eles positivos ou negativos.

Desta forma, com a finalidade de tentar enxergar pontos comuns nas centenas de experiências, esta pesquisa propôs uma leitura das variações dos números do IDEB, uma vez que este se tornou, coincidentemente, à mesma época da criação do PROUCA, a principal ferramenta de avaliação da qualidade da educação no Brasil. O levantamento de dados junto ao site oficial de consulta dos números do IDEB¹² se deu ao longo de todo o mês de março de 2015 e foi estabelecido de forma a possibilitar o cruzamento de dados de cada unidade escolar do programa, com suas respectivas metas estabelecidas e suas inter-relações com as localidades de âmbito municipal, estadual e nacional. Além da divisão geográfica, tais números possibilitam uma leitura bianual dos índices, cuja divulgação por parte do governo federal iniciou-se no ano de 2005 e teve como último levantamento o ano de 2013. Para fins desta pesquisa, a principal referência entre o conjunto de números apontados foi a evolução entre os IDEBs de 2009 e 2011, por entender que foi justamente neste intervalo de tempo que as possibilidades de mudanças mais significativas que o PROUCA poderia oferecer estaria inserida, uma vez que a entrega dos computadores para as escolas se deu neste período, entre os meses de abril e outubro de 2010.

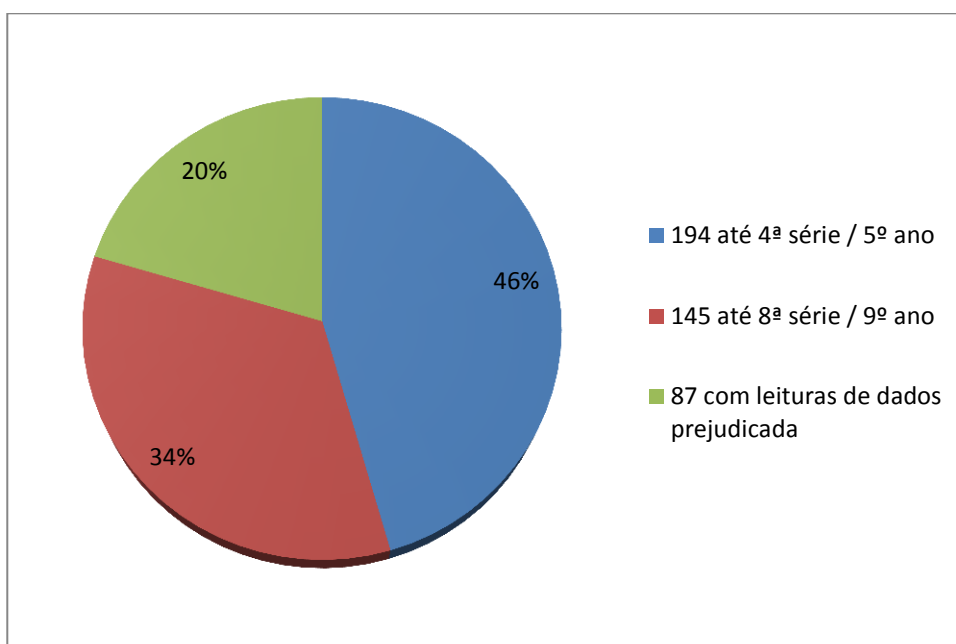
Desde o início, a estratégia do projeto piloto estabeleceu o envolvimento de cerca de 300 unidades escolares para o cumprimento das ações propostas. Porém, nos quadros de levantamento (ANEXO 2) pode-se notar que parte dessas escolas

¹² www.ideb.nep.gov.br

compreendem os primeiros anos do ensino fundamental (até 4ª série / 5º ano) e outras abarcam os anos finais do fundamental (até 8ª série / 9º ano), havendo também as que conciliam ambas as grades de ensino. Assim, para possibilitar uma análise mais fiel dos dados, essa diferenciação entre os anos foi explicitada, uma vez que os números nacionais, estaduais e municipais tendem a variar de acordo com o período compreendido. Portanto, para além das cerca de 300 (trezentas) escolas analisadas, há um levantamento total de 426 (quatrocentos e vinte e seis) do que se pode chamar de ‘unidades de análise’.

Logo nas primeiras análises algumas dificuldades foram encontradas. Conforme pode ser observado no Gráfico 1, cerca de 1/5 das unidades de análise possuíam leituras insatisfatórias, o que poderia acarretar em uma interferência significativa nas leituras dos números finais.

Gráfico 1 – Unidades de Análise PROUCA

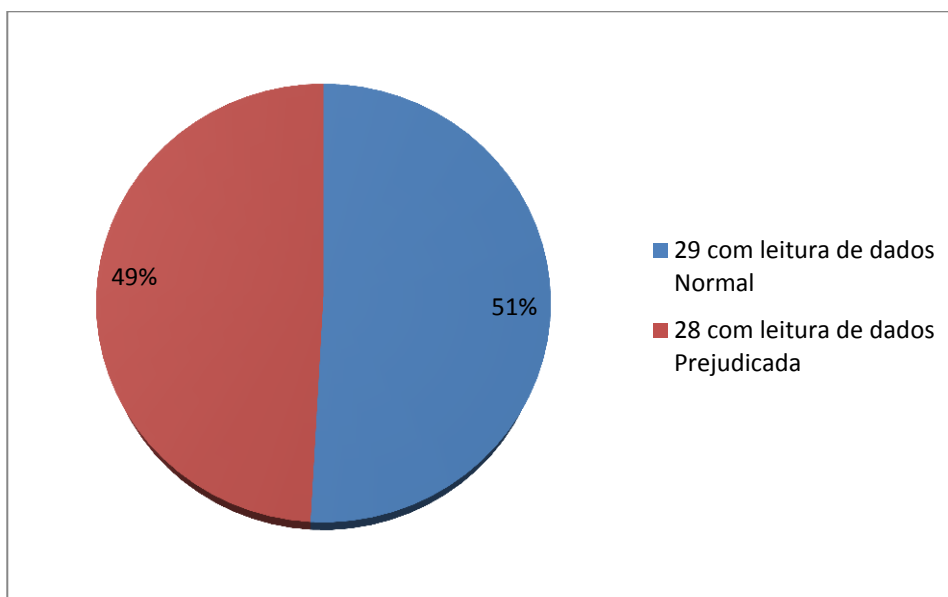


Fonte: elaborado pelo autor baseado no levantamento de dados junto ao site do IDEB

Tendo em vista a escassez de informações na busca de dados qualitativos devido a retirada do site oficial do PROUCA da internet e da resistência dos demais envolvidos em dialogar acerca do programa, a leitura dos números ganhou um viés crítico, sobretudo para questionar o porquê dessas leituras que se apresentavam de alguma forma imprecisas. Tais inquietações se amplificaram ao tomar como base apenas os municípios do ‘UCA TOTAL’, braço do projeto que propôs abranger a totalidade das escolas públicas de 6 pequenos municípios, com o objetivo de garantir uma visualização

mais global dos avanços provenientes da utilização de um computador por aluno. De acordo com a lista oficial de escolas contempladas pelo PROUCA¹³, das 57 unidades de análise destes municípios do UCA Total, 28, cerca de 50%, possuem algum tipo de interferência nos dados, inviabilizando qualquer aprofundamento a partir desta metodologia. Tal análise poderia nos apontar, para os acertos ou dificuldades de gestão individual de cada unidade escolar, frente a uma possível eficácia do programa como um todo, uma vez que estes coletivos estariam respaldados pelas mesmas condições de tempo e espaço em relação a cada ente da federação. Porém, novamente, a falta de informações, principalmente no período entre 2009 e 2011, parece se tratar de uma ação proposital para, de fato, prejudicar a leitura global dos números. Se não, ao menos, retrata uma indiferença do poder público quanto à importância da divulgação da totalidade desses dados.

Gráfico 1 – Unidades de Análise do ‘UCA Total’



Fonte: elaborado pelo autor baseado no levantamento de dados junto ao site do IDEB

Descartando todas as unidades de análise, que de alguma forma tiveram as informações prejudicadas, a pesquisa focou na variação real dos números do IDEB entre os anos de 2009 e 2011. Ora, se o programa se propõe inovador em termos pedagógicos, era de se esperar, ao menos, que o principal índice nacional de avaliação do desenvolvimento da qualidade do ensino apontasse para um aumento minimamente

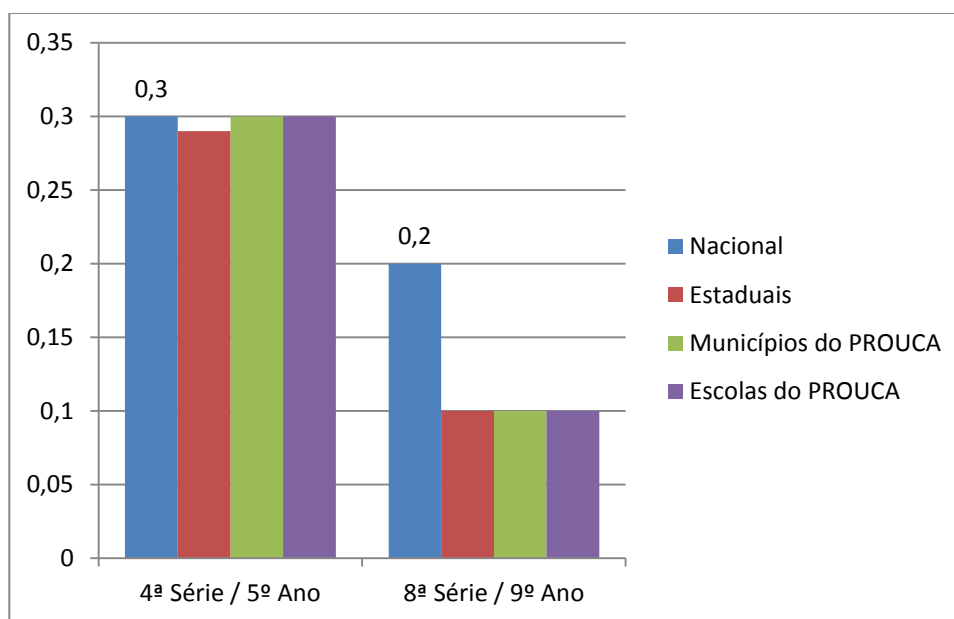
¹³ Download realizado em 27/01/2015 através do endereço eletrônico:
https://www.fnde.gov.br/sigetec/consulta/consulta_programa_rel.php?popup=S&height=500&left=160&width=800

significativo entre o momento que antecede a utilização dos notebooks educacionais e o passo imediato do ensino já com o uso da nova tecnologia em sala de aula.

No entanto, o que mais chama a atenção é uma diminuição considerável destes números em 104 das 339 unidades analisadas, cerca de 30%, totalizando uma queda de 0,48 pontos, em média, entre os anos de 2009 e 2011. Ao considerar a média geral nacional, ou seja, que no conjunto de escolas públicas do país independente do programa, houve um aumento de 0,3 pontos para escolas da 4ª série do 5º ano e outros 0,2 pontos para escolas de 8ª série do 9º ano e que em apenas 4 (quatro) estados houve recuo do índice neste mesmo período, nem mesmo o fato de a totalidade das escolas do programa terem alcançado uma elevação de 0,3 pontos em média torna-se algo relevante.

Conforme o Gráfico 3, em termos numéricos, o conjunto de escolas participantes do PROUCA no máximo igualou aos números das demais escolas do país que não vieram a fazer o uso de um computador por aluno em sala de aula por meio desta política pública em questão.

Gráfico 3 – Variação Média do IDEB entre 2009 e 2011



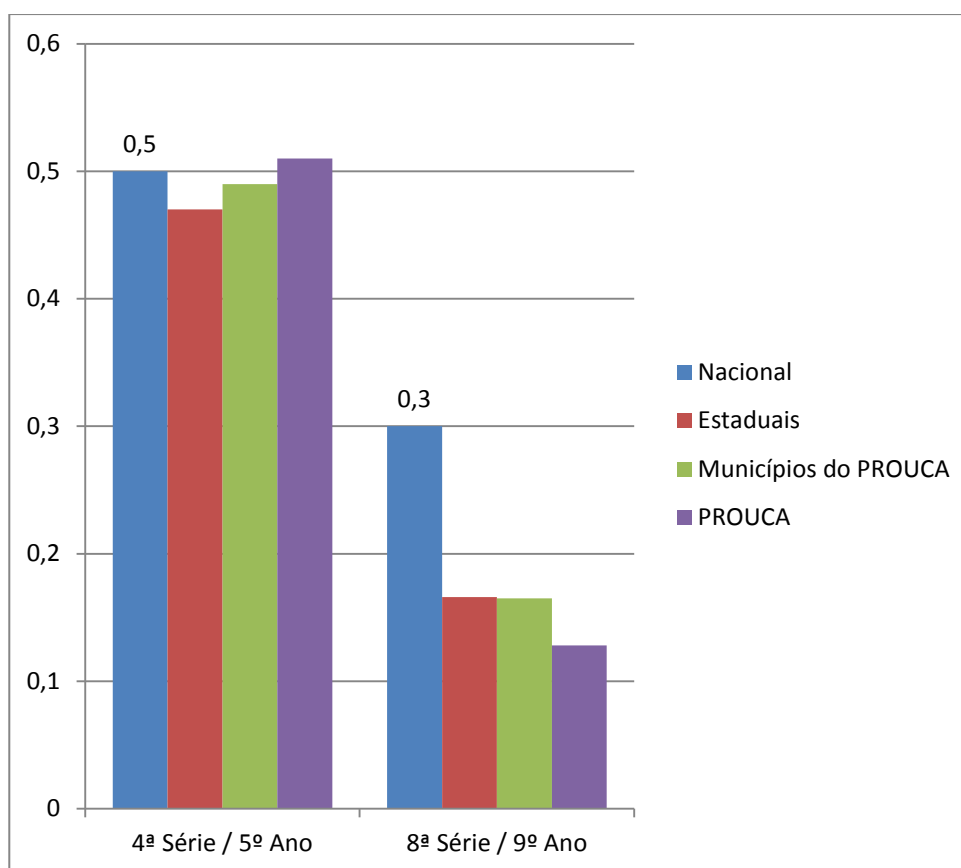
Fonte: elaborado pelo autor baseado no levantamento de dados junto ao site do IDEB

Até aqui não surgiram destaques numéricos relevantes que apontassem para a eficácia da inovação pedagógica a partir do uso de laptops educacionais ao qual se propunha o PROUCA. Em alguns estudos de caso o que se observou foi apenas a substituição dos livros pela mídia digital e acesso à internet. Fato é que, exclusivamente

a partir desses números faz-se precária qualquer interpretação que trate do uso de novas tecnologias enquanto panaceia, frente às dificuldades e desafios da educação no Brasil.

Prosseguindo com as análises, trazer apenas a relação entre 2009 e 2011 poderia soar impreciso se considerado o fator tempo para que resultados qualitativos de ensino e aprendizagem sejam mensurados. Desta forma, a pesquisa apontou também a relação do momento anterior da introdução dos equipamentos, ou seja, o ano de 2009, com o último ano de atuação previsto para o programa que coincide com a mais recente divulgação bianual do IDEB, o ano 2013. Neste caso, o número de leituras prejudicadas aumentou ainda mais, saltando para 124 unidades de análise, representando cerca de 29% do total. Das 302 unidades com possibilidades de leitura, 176 são de 4ª Série / 5º Ano e 126 de 8ª Série / 9º Ano.

Gráfico 4 – Variação Média do IDEB entre 2009 e 2013



Fonte: elaborado pelo autor baseado no levantamento de dados junto ao site do IDEB

No gráfico 4, é possível notar um desempenho de 0,01 pontos acima das escolas do PROUCA nos primeiros anos do ensino fundamental em relação aos demais índices, mas estes mesmos números sofrem uma queda mais acentuada junto aos anos finais, principalmente em relação aos índices nacionais.

No geral, destaca-se a partir desta metodologia de levantamentos numéricos uma incapacidade do principal índice de mensuração da qualidade da educação brasileira em apontar um ganho significativo para as escolas do programa analisado. Ao se constatar que as escolas do PROUCA se mantiveram no mesmo patamar das demais escolas conclui-se que o programa não contribuiu em nada para uma avaliação qualitativa da política pública em questão que até chega a apontar, por meio de fatores externos, algumas possibilidades de ganhos pontuais, mas que encontra barreiras ao ser analisado de forma global, principalmente se levado em consideração às subjetividades às quais os discursos de convencimento da adoção destas ações estão submetidos.

Trazer avaliações numéricas para a análise do programa pode até parecer contraditório num primeiro momento. Mas a intenção foi a de aproximar ambas as políticas públicas com a finalidade de observar as semelhanças das ações no que tange a prática da governamentalidade dos atores envolvidos. Assim como a crítica ao *modus operandi* dos discursos acerca da democratização das TICs aponta para o uso de estratégias neoliberais de disputa pelo biopoder e criação de novos mercados consumidores, há uma vasta leitura que aponta para o mesmo caminho quanto ao uso de métodos avaliativos como forma de mensurar a qualidade na educação. De acordo com Horta Neto (2014):

“Além de criar testes avaliativos próprios, o Brasil vem participando de alguns estudos internacionais, como o Programme for International Student Assessment (Pisa), patrocinado pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), e o Laboratório Latino Americano de Evaluación de la Calidad de la Educación (LLECE), programa coordenado pela Oficina Regional de Educación para América Latina y El Caribe (Orealc), entidade ligada à Unesco. (...)

Junto com essa quantidade de testes, cria-se, também, um mercado da avaliação educacional que está em franco desenvolvimento no Brasil, oferecendo livros e consultorias com o objetivo de preparar as escolas para a participação nesses testes, assim como empresas e instituições desenvolvendo instrumentos para testar o desempenho das escolas e seus alunos vendendo seus serviços para as secretarias estaduais e municipais ou para as escolas, nesse caso, privadas” (HORTA NETO, 2014: p.178).

A política educacional brasileira como um todo está atravessada por essas práticas, o que reafirma a necessidade de investigação e crítica a tal sistema. Ocorreu com o PROUCA, como ocorre com o IDEB e demais políticas públicas educacionais. A própria Presidência da República assume essa postura no documento que disponibilizou

para consulta pública em abril de 2015 daquilo que o atual governo pretendia com o lema “Pátria Educadora”, dizendo que:

“Nos últimos anos o Brasil viu grande número de experimentos na tentativa de melhorar os resultados do ensino público. Muitos destes experimentos seguiram lógica de eficiência empresarial, valendo-se de práticas como a fixação de metas de desempenho, a continuidade da avaliação, o uso de incentivos e de métodos de cobrança, o acompanhamento e, quando necessário, o afastamento de diretores, a despolitização da escolha de diretores e a individualização do ensino, especialmente para alunos em dificuldade” (PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, 2015: p.5).

Ao que parece, é visando a tal lógica de eficiência empresarial que a maioria das políticas públicas contemporâneas se desenrola. Atendem aos chamados de especialistas que se pautam por um discurso quantitativo, econômico e financeiro travestido de subsídio qualitativo para a solução de crises infindáveis. Sob essa ótica, as possibilidades de leituras da existência de linhas de fuga a partir do uso das TICs dentro da sala de aula, pautadas pela qualidade do ensino, tornam-se muito fugazes, pois a própria experiência de utilização dos equipamentos, enquanto instrumentos de emancipação ficam submetidos à mesma lógica daquilo que se quer escapar. É preciso outras formas de entender a realidade e o mundo digital tem potencial para tanto.

“A ‘crise da educação’, espectro que assombra quase todos os países, não pode ser resolvida dentro das salas de aula. Nem mesmo se houver um computador e uma conexão com a internet em cada uma delas”

(TOFFLER. In: SILVA, Marco. 2012: p.187)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao tratar da contemporaneidade parece que se está atravessando uma ponte de cordas que interliga duas belas montanhas. Olhar para baixo pode causar vertigem e aflição, mas a paisagem ao redor oferece recompensas incalculáveis. Deixa-se o conforto da primeira montanha para trás, em direção ao desconhecido. Os ventos refrescam, mas também balançam a plataforma. O segredo está no próprio caminhar. Um passo depois do outro e assim se avança rumo a uma nova realidade. Com a emergência do digital, o que está em disputa é a formatação da montanha que está à frente, a qual se deseja chegar. De longe ela até se parece com a primeira, porém há um número infinito de possibilidades que a nova lógica emergente oferece.

A epígrafe que abre esta última seção vem para tratar do foco a que se devem direcionar a atenção, àqueles que desejam solucionar a tal crise da educação. As considerações da presente pesquisa apontam para o erro de avaliar o uso das TICs em sala de aula como panaceia frente aos problemas educacionais. Entende que as crises são constituintes das relações de poder no mundo moderno e que, portanto, é a partir do uso de estratégias dessas relações que se pode resolver ou aprofundar esse cenário. As salas de aula, bem como as tecnologias de informação e comunicação são apenas instrumentos que servem ora para captura, e no momento seguinte enquanto possibilidades de resistência a tais condições.

O exercício do poder contemporâneo parte do pressuposto da liberdade, o que garante constantes alterações às relações agonísticas que o constituem. O uso estratégico de uma das principais tecnologias de governo, e que esteve exposto desde a revisão da literatura específica do primeiro capítulo, foi à introdução de *discursos de verdade* no novo regime político chamado de liberalismo, que inaugurou o processo de modernidade passando a determinar os modos, aos quais o sujeito moderno vem sendo governado. Na agenda dos enunciados de verdade desse início de século XXI o tema da inclusão digital tem cadeira cativa ao estabelecer que o acesso às TICs tem a

possibilidade de garantir a sobrevivência individual e coletiva frente aos inúmeros desafios da nova era informacional.

O “Programa Um Computador por Aluno”, por sua vez, surge a partir da premissa de superação da inversão dos valores da exclusão digital, que acomete países em desenvolvimento, e as justificativas de apoio à adoção de tal metodologia para a implantação da política pública em questão passou pelo crivo de especialistas no campo das novas tecnologias que deram sustentação às necessidades de inserir-se no mundo digital. Como mencionado no segundo capítulo, elencar essas autoridades também faz parte da estratégia biopolítica inerente à produção de regimes de verdade. ONGs, empresas transnacionais, entidades globais, técnicos e acadêmicos renomados são sempre citados como forma de comparar, quantitativamente, os avanços dos países desenvolvidos que buscam universalizar o uso das TICs em detrimento dos rendimentos pífios dos países emergentes, que se veem sempre em desvantagem perante o cenário mundial.

Para além dessas capturas, o PROUCA talvez tenha sido um primeiro passo dado em direção à criação de novas possibilidades. Sabe-se de uma série de vantagens que se configuraram a partir da nova lógica digital, a começar pelo esvaziamento das fronteiras de tempo e espaço que as novas plataformas interativas permitem. É do próprio uso das TICs que podem emergir outras formas de encarar essa realidade. No primeiro capítulo foi abordada a interatividade e ficou demonstrado que os novos alunos, por exemplo, carregam demandas inovadoras junto aos seus professores na tentativa de absorver melhor, manipular e até mesmo modificar o conteúdo que lhes é transmitido.

No entanto, ao adentrar o campo da educação, as *verificações* contemporâneas recaem sobre a necessidade de aprender a aprender. Tal prática, nada mais é que um modo sutil de subjetivação no qual o indivíduo é levado a praticas de *self*, ou seja, agir por si, na tentativa de superação das dificuldades, sobretudo as do mercado de trabalho. Viu-se que também se trata de uma estratégia moderna para controle dos corpos. Entra em prática a teoria do capital humano que tende a transformar a vida em mercadoria, no caso, atuando sobre a força de trabalho do sujeito e atribuindo-lhe, para além de um valor de troca, a possibilidade de capitalizar sua produção subjetiva, de forma que o acúmulo da mesma possibilite o investimento num futuro melhor. A instituição escolar aparece elencada como *locus* privilegiado de aperfeiçoamento dessas habilidades exigidas pelo mercado. Neste sentido, de fato, a introdução utilitarista das TICs em sala de aula pode incorrer no perigo de servirem como instrumentos capazes de otimizar as

metas educacionais dentro de um universo limitado de possibilidades, que visam, sobretudo, a empregabilidade do cidadão junto ao mercado de trabalho futuro. Em estudos de caso acerca do PROUCA houve citações da simples substituição das mídias tradicionais como livros e apostilas pelos equipamentos de informática, mantendo a lógica de ensino pautada pela transmissão vertical do conhecimento.

Tais constatações podem até vir a expor a influência direta de uma lógica racionalizada e econômica que descaracterizaria a função primeira da escola baseada na premissa da produção democrática de tempo livre para os alunos, quando de seu surgimento na Grécia antiga. Porém, é no próprio processo de experimentação que se criam as condições para o exercício da *minoridade*. Por mais que as estratégias biopolíticas existam para a manutenção de certa ordem vigente, permitir o uso consciente das TICs às crianças com idade escolar, em pleno processo de descoberta do mundo, não deixa de ser uma forma de aumentar as oportunidades para que explorem seus potenciais criativos. Um jovem com uma câmera digital em mãos, por exemplo, pode inventar uma nova modalidade de “contação” de histórias. A troca de mensagens com outras escolas conectadas à rede pode permitir processos de resistência contra os desmandos de autoridades governamentais, como se viu em episódio recente no processo de reorganização escolar no estado de São Paulo que previa o fechamento de mais de noventa escolas, cujo processo foi interrompido mediante reação espontânea dos alunos interconectados. De qualquer forma, o uso das novas tecnologias continuará permeado por paradoxos que são inerentes à contemporaneidade. Negar esse tipo de vivência por receio de capitulação do sistema é um equívoco, que além do mais, tende a abdicar das potencialidades de experiências inovadoras que podem vir a criar novas formas de resistência. Para Deleuze (1992) “...é ao nível de cada tentativa que se avaliam a capacidade de resistência ou, ao contrário, a submissão a um controle. Necessita-se ao mesmo tempo de criação e povo...” (DELEUZE, 1992^a: p.218)

No âmbito do programa de pós-graduação nomeado de Desenvolvimento Humano e Tecnologias a que foi inserido este mestrado, buscou-se, portanto, circunscrever a conjuntura internacional contemporânea a um processo de aperfeiçoamento das estratégias biopolíticas. Um desenvolvimento pautado por novas tecnologias de governo, cujas tecnologias de informática podem vir a cumprir uma função utilitarista que contribui para o caráter sutil dos novos processos de subjetivação dos sujeitos e controle das populações. O PROUCA teve por objetivo testar um novo modelo pedagógico que prometia auxiliar na melhoria da qualidade da educação. Propôs adotar o modelo 1:1 na tentativa de adequar-se às mudanças de interface dos

equipamentos eletrônicos sem fio, que cada vez mais se ajustam à mobilidade dos corpos dos usuários. É claro que ao tratar do tema em 2016, em plena era dos computadores vestíveis¹⁴, e considerando a velocidade das mudanças das plataformas digitais, pode soar obsoleta a utilização de ‘laptops educacionais’, mas vale ressaltar que se tratava da principal plataforma utilizada na época. Observa-se que essas mudanças, próprias da sociedade de consumo, são também um grande desafio a essas políticas que visam democratizar o acesso às novas tecnologias. Em espaços de tempo cada vez mais curtos os equipamentos de última geração tornam-se obsoletos em relação a sua funcionalidade total, sejam por questões meramente estético-anatômicas, ou então por questões técnicas, fatores que dificultam um planejamento logístico e financeiro de médio e longo prazo que preveja a distribuição, a manutenção e tão logo a substituição desses aparelhos.

A experiência advinda dessa dissertação foi de grande valia e espera-se que as análises e conclusões contribuam para as perspectivas de outros estudos acerca dos temas tratados, bem como na avaliação dos resultados da implantação da política pública implantada. Tratar da contemporaneidade torna-se relevante uma vez que as descobertas relacionadas a partir dessa lente teórica que trata, sobretudo, da biopolítica, imbricam-se pelos mais variados contextos presentes na complexa rede social, a qual se está inserida. Aqui, tratou-se da emergência do digital com seu discurso de acesso às TICs, permeado pela estrutura da instituição escolar enquanto política pública. Mas ao longo do percurso, diversos outros elementos surgiram e confirmaram a capilaridade das estruturas do poder governamental que atua de forma racionalizada a partir de uma leitura estritamente econômica de um mundo cada vez mais instrumentalizado para atuar por meio de uma lógica de mercado. Ter clareza desse mecanismo político faz-se fundamental àqueles que pretendem de alguma forma, questionar e quiçá, combater tal condição.

¹⁴ “O que diferencia um computador “vestível” de outros dispositivos móveis, como *palmtop*, *pager* ou celular, é a possibilidade de apreender informações, tanto do usuário como do ambiente, tornando seu funcionamento mais interativo” (DONATI, 2004: p.94).

REFERÊNCIAS

AVELINO, N. Feudalismo Acadêmico. In: GODOY, A.; FIGUEREDO, G.; AVELINO, N. (Org.) **Pedagogia, Sujeito e Resistências: Verdades do Poder e Poderes da Verdade**. 1ª Edição. Curitiba: Prismas, 2013. p. 15-35.

_____. Governamentalidade e democracia liberal: novas abordagens em Teoria Política. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, v. 5, p. 81-107, 2011.

BALBINO, J. **De corpo e alma no Laptop do MIT. Dicas-I**, 2006. Disponível em: http://www.dicas-i.com.br/educacao_tecnologia/educacao_tecnologia_20060906.php. Acesso em 08/01/2016

BARROS, M. **Livro sobre nada**. São Paulo: LeYa, 2013. (Coleção da Biblioteca Manoel de Barros).

BIESTA, G. **Para além da aprendizagem: educação democrática para um futuro humano**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

BUZATO, M. E. K. **Entre a Fronteira e a Periferia: Linguagem e Letramento na Inclusão Digital**. 2007. 284f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

CÂMARA DOS DEPUTADOS, **Um Computador por Aluno: a experiência brasileira**. – Brasília : Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2008.

CAPPELLETTI, I. F. Avaliação do programa "Um Computador por Aluno" (PROUCA): uma proposta inovadora em políticas públicas. **Revista e-Curriculum**. vol. 8, p. 1-13, 2012. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=76623542016>. Acesso em: 03/09/ 2014.

DELEUZE, G. Controle e Devir. In: DELEUZE, G. **Conversações**. 1ª Edição, Rio de Janeiro: Editora 34, 1992a. p. 209- 218.

_____. *Post-scriptum* sobre as sociedades de controle. In: DELEUZE, G. **Conversações**. 1ª Edição, Rio de Janeiro: Editora 34, 1992b. p. 219- 226.

DONATI, L. P. Computadores vestíveis: convivência de diferentes espacialidades. **Conexão – Comunicação e Cultura**, Caxias do Sul, v.3, n.6, p.93-102, 2004.

DUSSEL, I. Reseña de ‘Evaluación cualitativa de las experiencias de apropiación de las computadoras portátiles XO en las familias y comunidades beneficiarias del Plan Ceibal’ de Rosalía Winocur Iparraguirre y Rosario Sánchez Vilela. **Estudios de Comunicación y Política**, n.34, p.156-160, 2014. Disponível em: <http://version.xoc.uam.mx/>. Acesso em: 08/01/2016

FOUCAULT, M. **Nascimento da biopolítica: curso dado no Collège de France (1978-1979)**. São Paulo: Martins Fontes, 2008a.

_____. **Segurança, território, população: curso dado no Collège de France" (1977-1978)**. São Paulo: Martins Fontes, 2008b.

GADELHA, S. Educação, Políticas de Subjetivação e Sociedade de Controle. In: MACHADO, A. D. (org.). **Novos possíveis no encontro da psicologia com a educação**. São Paulo: Casa do psicólogo, 2013. p.15-36.

GADELHA, S. Governamentalidade neoliberal, Teoria do Capital Humano e Empreendedorismo. **Educação & Realidade**, v.34, n.2, p.171-186, 2009.

GALLO, S. Educação Menor: Produção de Heteropatias no espaço Escolar. In: GRUPO TRANSVERSAL. **Educação menor: conceitos e experimentações**. Curitiba: Prismas, 2013. p. 75-88.

GODOY, A. Sociedade de Controle, Universidade e Perspectiva Ambiental: capturas e resistências In: GODOY, A.; FIGUEREDO, G.; AVELINO, N. (Org.) **Pedagogia, Sujeito e Resistências: Verdades do Poder e Poderes da Verdade**. 1ª Edição, Curitiba: Prismas, 2013a. p. 37-57.

_____. Transkafka: uma Experimentação. In: GRUPO TRANSVERSAL. **Educação menor: conceitos e experimentações**. Curitiba: Prismas, 2013b. p. 121-139.

GOHN, M. G.; BRINGEL, B. M. Apresentação: a discussão contemporânea sobre os movimentos sociais. In GOHN, M. G.; BRINGEL, B. M. (orgs.). **Movimentos Sociais na era global**. Petrópolis: Editora Vozes, 2012. p. 7-16

GRUPO TRANSVERSAL. Uma Educação *Menor*. In: GRUPO TRANSVERSAL. **Educação menor: conceitos e experimentações**. Curitiba: Prismas, 2013. p. 19-29

HARDT, M.; NEGRI, A. **Império**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

HORTA NETO, J. L. Avaliações educacionais e seus reflexos em ações federais e na mídia eletrônica. **Estudos em avaliação educacional**, São Paulo, v.25, n.59, p.172-201, 2014.

LAZZARATO, M. Biopolítica/Bioeconomia. In: FRICHE, I. C. Passos (Org.). **Poder, normalização e violência: incursões foucaultianas para a atualidade**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008. p. 41-52.

LOPES, M. C. Políticas de Inclusão e Governamentalidade. **Educação & Realidade**, v.34, n.2, p.153-169, 2009.

MARTINS, C. Emergência e desdobramentos do conceito de biopolítica na obra de Michel Foucault. In: **Anais do III Colóquio Franco-Brasileiro de Filosofia da Educação**, Rio de Janeiro. UERJ, 2006. p. 9-1.

_____. Acerca de uma ‘pedagogia’ da Insubmissão. In: GODOY, A.; FIGUEREDO, G.; AVELINO, N. (Org.) **Pedagogia, Sujeito e Resistências: Verdades do Poder e Poderes da Verdade**. 1ª Edição, Curitiba: Prismas, 2013. p. 83-98.

MASSCHELEIN, J.; SIMONS, M. **Em defesa da escola: uma questão pública**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

PARTIDO DOS TRABALHADORES. **Felix Guattari entrevista Lula**. São Paulo: brasiliense, 1982.

PEDROSO, J. C. et al. As linhas de fuga na rede, In: V Simpósio Nacional da ABCiber, 2011, Florianópolis. **Editora**, 2011. Disponível em: <<http://150.162.39.1/simposio2011/index.php/simposio2011/2011/search/authors/view?firstName=Julio&middleName=Cesar&lastName=Pedroso&affiliation=Universidade%20Estadual%20Paulista%20%26ldquo%3BJulio%20de%20Mesquita%20Filho%26rdquo%3B%20Campus%20de%20Rio%20Claro&country=BR>> Acesso em: 08/01/2016

PEREIRA, T. B.; GUSSI, A. F. Os Caminhos da Inclusão Digital pelo projeto UCA Total em São João da Ponta/PA, In: **Congreso Internacional de Informática Educativa**, 2014, Editora, 2014. v.10, p. 566- 571. Disponível em: <http://www.tise.cl/2015/img/TISE2014.pdf> . Acesso em 13/08/2015

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. **Secretaria de Assuntos Estratégicos**. Pátria Educadora: a qualificação do ensino básico como obra de construção nacional. 2015. Disponível em: <https://www.fe.unicamp.br/patriaeducadora/documento-sae.pdf>. Acesso em 13/08/2015.

RABINOW, P.; ROSE, N. O conceito de biopoder hoje. **Revista Política & Trabalho**, v. 24, p, 27-57, 2006.

SANTOS, L. G. **Politizar as novas tecnologias – O impacto sociotécnico da informação digital e genética**. 2ª Edição. São Paulo: Editora 34, 2011.

SARAIVA, K.; VEIGA-NETO, A. Modernidade Líquida, Capitalismo Cognitivo e Educação Contemporânea. **Educação & Realidade**, v.34, n.2. p.187-201, 2009.

SILVA, Marco. **Sala de aula interativa: educação comunicação, mídia clássica, internet, tecnologias digitais, arte, mercado, sociedade, cidadania**. 6ª Edição. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

TEIXEIRA, A. C. C. **Identidades em construção: as Organizações Não-Governamentais no processo brasileiro de democratização**. 1ª Edição. São Paulo: Annablume; Fapesp; Instituto Pólis, 2003.

VIEIRA, F. B. “Articulações internacionais ‘desde baixo’ em tempos de globalização”. In GOHN, M. G.; BRINGEL, B. M. (orgs.). **Movimentos Sociais na era global**. Petrópolis: Editora Vozes, 2012. p. 189-210.

WINOCUR, R.; SÁNCHEZ VILELA, R. **Evaluación cualitativa de las experiencias de apropiación de las computadoras portátiles XO en las familias y comunidades beneficiarias del Plan Ceibal, informe inal de investigación**, 2013. Centro Ceibal/bid-Fomin, uam-x/Universidad Católica del Uruguay. Disponível em <http://ceibal.org.uy/docs/investigacion/Evaluacion-cualitativa-de-las-experiencias-deapropiaci%C3%B3n-de-las-computadoras-INFORME-FINAL.pdf> . Acesso em: 08/01/2016

ANEXO A – Email encaminhado a uma das escolas

De acordo com o que dialogamos ao telefone encaminho um primeiro email para mantermos contato acerca da experiência da escola no PROUCA.

Caso não se sinta confortável em responder alguma questão, ou se preferir um encontro presencial para dialogarmos fico inteiramente a disposição, deixando claro que meu objetivo é estritamente acadêmico com fins para embasar minha pesquisa de mestrado que trata do uso de novas Tecnologias em Políticas Públicas Educacionais.

Sobre o programa, gostaria de saber:

- 1- As expectativas iniciais em relação ao Programa foram superadas?
- 2- Quando a escola recebeu os equipamentos e por quanto tempo eles foram utilizados?
- 3- No início existia alguma previsão para o encerramento do programa?
- 4- Por que os equipamentos não estão mais sendo utilizados pela escola?
- 5- A escola precisou de algum tipo apoio da Secretaria Municipal, Estadual e/ou Ministério da Educação ao longo do programa? Se sim, foi atendido?
- 6- Em um levantamento acerca dos números do IDEB que fiz, nota-se que de 2009 para 2011 houve um significativo aumento da sua escola, tanto na 4ª série / 5º ano quanto na 8ª série / 9º ano. Você considera que essa melhora nos números teve alguma influência do PROUCA em sala de aula?
- 7- Deixo esse espaço aberto caso queira fazer algum apontamento, observação, elogio ou crítica que não foram contempladas nas questões anteriores.

Por enquanto são apenas esses os questionamentos iniciais.

Gostaria de agradecer, uma vez mais, a atenção prestada por você e garanto que essa sua colaboração na pesquisa irá contribuir para que possamos fazer a nossa parte no intuito de melhorarmos a educação como um todo em nosso país.

Camilo Cazonatto

Pesquisador em Desenvolvimento Humano e Tecnologias

UNESP - Rio Claro/SP

Contato: (19) 9-9729.8662

ANEXO B – Tabelas do IDEB das escolas do PROUCA

Nas páginas a seguir estão planilhadas todas as escolas participantes da Fase 2 do PROUCA – nomeadas individualmente enquanto “Unidades de Análise” – de acordo com levantamento feito junto ao site do IDEB. A pesquisa foi realizada ao longo do mês de março de 2015.

Na primeira parte de cada tabela, descrita como “Dados”, estão discriminadas as informações acerca das Unidades de Análise, como estado, município, nome da escola e a descrição dos anos escolares atendidos pela escola. Acompanha, ainda, a descrição das linhas separadas de forma a ordenar as leituras a partir do “IDEB observado”, a “Meta projetada” anteriormente, e os índices “Municipal”, “Estadual” e “Nacional”, de acordo com a localização da unidade de análise. O objetivo foi proporcionar a comparação numérica em relação aos índices individuais de cada escola com os entes federados, bem como com sua meta projetada e ainda a evolução a cada ano de amostragem.

Na segunda parte de cada tabela descrita como “Anos” estão separados os cinco biênios cujo IDEB foi avaliado e dado publicidade junto ao seu site oficial. Os levantamentos iniciaram-se em 2005 e até o término da presente pesquisa haviam sido divulgados bienalmente os números de 2007, 2009, 2011 e 2013. Na terceira e última parte de cada tabela descrita como “Relação com ente federado” estão os comparativos de cada cruzamento de dado proposto de acordo com ilustração a seguir:

Quando IDEB observado for MENOR que o IDEB de determinado ente federado, no mesmo ano analisado descreve-se ABAIXO no resultado do respectivo ano

Dados			Anos					Relação com ente federado					
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
AC	Rio Branco	ESC Colégio de Aplicação UFAC (4ª S / 5º A)	IDEB observado	5,4	4,9	5,8	5,1	5,4	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	5,4	5,7	6,1	6,3	x	ABAIXO	OK	ABAIXO	ABAIXO
			Municipal	3,9	4,2	4,9	4,9	5,5	OK	OK	OK	OK	ABAIXO
			Estadual	3,3	3,7	4,2	4,5	5,0	OK	OK	OK	OK	OK
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	OK	OK	OK	OK	OK

Quando IDEB observado for MAIOR que o IDEB de determinado ente federado, no mesmo ano analisado descreve-se OK no resultado do respectivo ano

Descrição quanto à Unidade de Análise
(4ª Série / 5º Ano) ou (8ª Série / 9º Ano)

Dados				Anos					Relação com ente federado					
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013	
AC	Acrelandia	ESC Marcilio Pontes dos Santos (não consta no site do IDEB)	IDE B observado	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	
			Meta Projetada	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Municipal	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Estadual	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Nacional	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
AC	Brasileia	ESC Getúlio Vargas (4ª S / 5º A)	IDE B observado	3,3	4,6	5,6	6,0	6,6	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	3,4	3,7	4,1	4,4	x	OK	OK	OK	OK
			Municipal	3,2	3,8	4,8	5,3	5,6	OK	OK	OK	OK	OK
			Estadual	3,3	3,7	4,2	4,5	5,0	OK	OK	OK	OK	OK
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	ABAIXO	OK	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
AC	Cruzeiro do Sul	ESC Barão do Rio Branco (4ª S / 5º A)	IDE B observado	3,1	3,0	3,3	4,2	3,9	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	3,2	3,5	3,9	4,2	x	ABAIXO	ABAIXO	OK	ABAIXO
			Municipal	3,5	3,9	4,3	4,6	4,8	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Estadual	3,3	3,7	4,2	4,5	5,0	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
AC	Rio Branco	ESC Colégio de Aplicação UFAC (4ª S / 5º A)	IDE B observado	5,4	4,9	5,8	5,1	5,4	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	5,4	5,7	6,1	6,3	x	ABAIXO	OK	ABAIXO	ABAIXO
			Municipal	3,9	4,2	4,9	4,9	5,5	OK	OK	OK	OK	ABAIXO
			Estadual	3,3	3,7	4,2	4,5	5,0	OK	OK	OK	OK	OK
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	OK	OK	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
AC	Rio Branco	ESC Colégio de Aplicação UFAC (8ª S / 9º A)	IDEB observado	4,9	4,4	4,7	4,7	4,8	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	4,9	5,1	5,3	5,7	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Municipal	3,5	3,8	4,2	4,2	4,5	OK	OK	OK	OK	OK
			Estadual	3,4	3,7	4,1	4,1	4,3	OK	OK	OK	OK	OK
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	OK	OK	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
AC	Rio Branco	ESC Dr. Santiago Danta (8ª S / 9º A)	IDEB observado	x	x	4,4	4,0	3,8	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	x	4,5	4,8	x	x	x	ABAIXO	ABAIXO
			Municipal	3,5	3,8	4,2	4,2	4,5	x	x	OK	ABAIXO	ABAIXO
			Estadual	3,4	3,7	4,1	4,1	4,3	x	x	OK	ABAIXO	ABAIXO
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	x	x	OK	OK	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
AC	Rio Branco	ESC Padre Peregrino Carneiro de Lima (4ª S / 5º A)	IDEB observado	4,9	5,0	5,4	6,0	5,4	x	x	x	x	X
			Meta Projetada	x	5,0	5,3	5,7	5,9	x	OK	OK	OK	ABAIXO
			Municipal	3,9	4,2	4,9	4,9	5,5	OK	OK	OK	OK	ABAIXO
			Estadual	3,3	3,7	4,2	4,5	5,0	OK	OK	OK	OK	OK
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	OK	OK	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
AC	Sena Madureira	ESC Euclides Feitosa Cavalcante (4ª S / 5º A)	IDEB observado	x	3,4	4,4	5,2	4,8	x	x	x	x	X
			Meta Projetada	x	x	3,6	3,9	4,2	x	x	OK	OK	OK
			Municipal	2,7	3,0	3,9	4,4	4,8	x	OK	OK	OK	OK
			Estadual	3,3	3,7	4,2	4,5	5,0	x	ABAIXO	OK	OK	ABAIXO
			Nacional	3,6	4	4,4	4,7	3,9	x	ABAIXO	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
AL	Coruripe	Escola Municipal São Rafael (4ª S / 5º A)	IDEB observado	x	x	3,7	4,9	5,4	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	x	4,0	4,3	x	x	x	OK	OK
			Municipal	3,1	4,1	4,5	4,8	5,1	x	x	ABAIXO	OK	OK
			Estadual	2,4	3,1	3,4	3,5	3,7	x	x	OK	OK	OK
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	x	x	ABAIXO	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
AL	Coruripe	Escola Municipal São Rafael (8ª S / 9º A)	IDEB observado	x	x	3,7	4,8	4,4	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	x	3,8	4,1	x	x	x	OK	OK
			Municipal	2,7	3,1	3,8	3,3	3,8	x	x	ABAIXO	OK	OK
			Estadual	2,3	2,6	2,7	2,6	2,8	x	x	OK	OK	OK
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	x	x	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
AL	Joaquim Gomes	Escola Indígena Estadual José Máximo de Oliveira (4ª S / 5º A)	IDEB observado	x	x	2,8	2,4	2,1	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	x	3,1	3,4	x	x	x	ABAIXO	ABAIXO
			Municipal	2,5	3,2	2,9	3,2	3,3	x	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Estadual	2,4	3,1	3,4	3,5	3,7	x	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	x	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
AL	Maceió	Esc Ens Fun Profª Neide Freitas Franca (4ª S / 5º A)	IDEB observado	2,6	2,8	3,9	3,9	2,7	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	2,7	3,0	3,4	3,7	x	OK	OK	OK	ABAIXO
			Municipal	3,1	3,5	3,6	3,7	3,9	ABAIXO	ABAIXO	OK	OK	ABAIXO
			Estadual	2,4	3,1	3,4	3,5	3,7	OK	ABAIXO	OK	OK	ABAIXO
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado					
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013	
AL	Maceió	Esc Ens Fun Profª Neide F. Franca (dados insuficientes no site do IDEB)	IDEB observado	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	
			Meta Projetada	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Municipal	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Estadual	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Nacional	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
AL	Maceió	Escola Estadual Engº Edson Salustiano dos Santos (4ª S / 5º A)	IDEB observado	3,5	3,4	3,2	4,2	3,8	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	3,6	3,9	4,3	4,6	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Municipal	3,1	3,5	3,6	3,7	3,9	OK	ABAIXO	ABAIXO	OK	ABAIXO
			Estadual	2,4	3,1	3,4	3,5	3,7	OK	OK	ABAIXO	OK	OK
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
AL	Palmeira dos Índios	Escola Estadual Prof. Douglas Apratto Tenório (Escola inativa) (4ª S / 5º A)	IDEB observado	2,6	3,5	3,6	4,2	x	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	2,7	3,0	3,4	3,7	x	OK	OK	OK	x
			Municipal	2,8	3,3	3,1	3,7	3,6	ABAIXO	OK	OK	OK	x
			Estadual	2,4	3,1	3,4	3,5	3,7	OK	OK	OK	OK	x
			Nacional	3,6	4	4,4	4,7	3,9	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	x

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
AL	Penedo	Esc Mun Edu Básica Prof. Douglas Apratto Tenório (4ª S / 5º A)	IDEB observado	1,8	2,6	2,9	2,7	2,8	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	2,0	2,4	2,8	3,1	x	OK	OK	ABAIXO	ABAIXO
			Municipal	3,1	3,6	3,9	3,7	3,6	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Estadual	2,4	3,1	3,4	3,5	3,7	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
AL	Penedo	Esc Mun Edu Básica Prof. Douglas Apratto Tenório (8ª S / 9º A)	IDE B observado	1,7	1,5	2,6	1,9	1,8	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	1,7	1,9	2,1	2,5	x	ABAIXO	OK	ABAIXO	ABAIXO
			Municipal	2,5	2,5	2,7	3,0	3,0	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Estadual	2,3	2,6	2,7	2,6	2,8	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
AL	Santana do Ipanema	Escola Estadual Rotary (4ª S / 5º A)	IDE B observado	x	3,4	2,8	3,4	4	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	3,6	3,9	4,2	x	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Municipal	2,1	2,6	3,2	3,0	3,2	x	OK	ABAIXO	OK	OK
			Estadual	2,4	3,1	3,4	3,5	3,7	x	OK	ABAIXO	ABAIXO	OK
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
AL	Traipu	Esc Mun Ed Básica Agapito Rodrigues de Medeiros (4ª S / 5º A)	IDE B observado	3,2	x	3,2	3,1	3,5	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	3,3	3,6	4,1	4,3	x	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Municipal	2,9	2,3	3,0	3,0	3,5	OK	x	OK	OK	OK
			Estadual	2,4	3,1	3,4	3,5	3,7	OK	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	ABAIXO	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
AL	Traipu	Esc Mun Ed Básica Agapito Rodrigues de Medeiros (8ª S / 9º A)	IDE B observado	x	1,9	3,4	2,3	x	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	2,0	2,3	2,6	x	x	OK	OK	x
			Municipal	2,7	2	2,4	2,2	2,5	x	ABAIXO	OK	OK	x
			Estadual	2,3	2,6	2,7	2,6	2,8	x	ABAIXO	OK	ABAIXO	x
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	x

Dados				Anos					Relação com ente federado					
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013	
AM	Anamá	Escola Estadual Tancredo Neves (dados insuficientes no site do IDEB)	IDEB observado	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	
			Meta Projetada	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Municipal	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Estadual	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Nacional	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
AM	Benjamin Constant	ESC Professora Sofia Barbosa (4ª S / 5º A)	IDEB observado	2,2	2,6	3,0	3,8	3,7	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	2,3	2,6	2,9	3,2	x	OK	OK	OK	OK
			Municipal	2,5	2,6	3,1	3,7	3,6	ABAIXO	OK	ABAIXO	OK	OK
			Estadual	2,9	3,4	3,8	4,2	4,5	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
AM	Beruri	Escola Estadual Professor Gilberto Mestrinho (4ª S / 5º A)	IDEB observado	2,8	5,4	4,8	6,3	8,0	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	2,9	3,2	3,6	3,9	x	OK	OK	OK	OK
			Municipal	2	3,1	3,6	4,8	4,9	OK	OK	OK	OK	OK
			Estadual	2,9	3,4	3,8	4,2	4,5	ABAIXO	OK	OK	OK	OK
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	ABAIXO	OK	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
AM	Borba	ESC Benedito Gumercindo de Souza (4ª S / 5º A)	IDEB observado	3,0	3,5	4,3	4,0	4,8	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	3,0	3,3	3,8	4,0	x	OK	OK	OK	OK
			Municipal	2,7	3	3,6	3,8	4,2	OK	OK	OK	OK	OK
			Estadual	2,9	3,4	3,8	4,2	4,5	OK	OK	OK	ABAIXO	OK
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
AM	Careiro da Várzea	Escola Estadual Alberto Santos Migueis (4ª S / 5º A)	IDE B observado	x	x	3,6	4,2	4,8	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	x	3,8	4,1	x	x	x	OK	OK
			Municipal	3,0	3,2	3,0	x	3,8	x	x	OK	x	OK
			Estadual	2,9	3,4	3,8	4,2	4,5	x	x	ABAIXO	OK	OK
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	x	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
AM	Careiro da Várzea	Escola Estadual Alberto Santos Migueis (8ª S / 9º A)	IDE B observado	x	x	4,1	3,8	4,4	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	x	4,3	4,6	x	x	x	ABAIXO	ABAIXO
			Municipal	3,1	3,7	3,7	x	3,9	x	x	OK	x	OK
			Estadual	2,6	3,2	3,4	3,7	3,8	x	x	OK	OK	OK
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	x	x	OK	ABAIXO	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
AM	Coari	Escola Estadual Professor Gilberto Mestrinho (4ª S / 5º A)	IDE B observado	3,2	3,4	4,3	5,9	5,4	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	3,2	3,6	4,0	4,3	x	OK	OK	OK	OK
			Municipal	2,8	3,0	3,6	4,2	4,3	OK	OK	OK	OK	OK
			Estadual	2,9	3,4	3,8	4,2	4,5	OK	OK	OK	OK	OK
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
AM	Itacoatia-ra	Escola Municipal Dr. Vicente de Mendonça Jr (4ª S / 5º A)	IDE B observado	x	4,4	3,6	5,0	4,7	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	4,6	4,9	5,2	x	ABAIXO	ABAIXO	OK	ABAIXO
			Municipal	2,6	3,3	3,5	4,2	4,7	x	OK	OK	OK	OK
			Estadual	2,9	3,4	3,8	4,2	4,5	x	OK	ABAIXO	OK	OK
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	x	OK	ABAIXO	OK	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
AM	Manaca-puru	EMEF Zoraida Ribeiro Alexandre (4ª S / 5º A)	IDE B observado	3,2	4,2	4,7	5,2	4,8	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	3,3	3,6	4,1	4,3	x	OK	OK	OK	OK
			Municipal	3,1	3,7	4,7	4,5	4,6	OK	OK	OK	OK	OK
			Estadual	2,9	3,4	3,8	4,2	4,5	OK	OK	OK	OK	OK
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	ABAIXO	OK	OK	OK	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
AM	Manaus	ESC MUL João Alfredo (8ª S / 9º A)	IDE B observado	x	3,2	2,7	2,9	3,1	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	3,3	3,5	3,8	x	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Municipal	2,8	3,2	3,2	3,6	3,7	x	OK	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Estadual	2,6	3,2	3,4	3,7	3,8	x	OK	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
AP	Amapá	ESC EST Veiga Cabral (4ª S / 5º A)	IDE B observado	3,6	2,4	3,2	3,2	2,4	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	3,6	4,0	4,4	4,7	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Municipal	2,8	3,0	3,5	3,5	3,5	OK	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Estadual	3,0	3,3	3,8	4,0	3,9	OK	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	OK	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
AP	Macapá	ESC EST Predicanda C. Amorim Lopes (4ª S / 5º A)	IDE B observado	3,4	3,8	4,1	3,9	3,6	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	3,4	3,8	4,2	4,5	x	OK	OK	ABAIXO	ABAIXO
			Municipal	3,4	3,5	3,9	4,0	3,9	OK	OK	OK	ABAIXO	ABAIXO
			Estadual	3,0	3,3	3,8	4,0	3,9	OK	OK	OK	ABAIXO	ABAIXO
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado					
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013	
AP	Macapá	ESC MUL Aracy Nascimento (dados insuficientes no site do IDEB)	IDE B observado	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	
			Meta Projetada	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Municipal	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Estadual	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Nacional	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
AP	Mazagão	ESC MUL Domingos Valente Barreto (4ª S / 5º A)	IDE B observado	x	3,1	3,6	3,9	3,3	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	3,3	3,6	3,9	x	x	OK	OK	ABAIXO
			Municipal	2,5	2,9	3,2	4,0	3,3	x	OK	OK	ABAIXO	OK
			Estadual	3,0	3,3	3,8	4,0	3,9	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
AP	Porto Grande	ESC MUL Adão Ferreira de Souza (4ª S / 5º A)	IDE B observado	x	2,8	2,9	3,7	3,6	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	2,9	3,3	3,6	x	x	OK	OK	OK
			Municipal	2,6	3,0	3,4	3,8	3,4	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	OK
			Estadual	3,0	3,3	3,8	4,0	3,9	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
AP	Porto Grande	ESC MUL Adão Ferreira de Souza (8ª S / 9º A)	IDE B observado	x	x	3,5	3,2	3,1	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	x	3,6	3,9	x	x	x	ABAIXO	ABAIXO
			Municipal	3,0	3,3	3,4	3,3	3,4	x	x	OK	ABAIXO	ABAIXO
			Estadual	3,4	3,4	3,6	3,5	3,4	x	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	x	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
AP	Santana	ESC EST Fonte Nova (4ª S / 5º A)	IDE B observado	3,2	3,5	3,6	4,7	3,7	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	3,3	3,6	4,0	4,3	x	OK	OK	OK	ABAIXO
			Municipal	3,2	3,5	4,0	4,4	4,3	OK	OK	ABAIXO	OK	ABAIXO
			Estadual	3,0	3,3	3,8	4,0	3,9	OK	OK	ABAIXO	OK	ABAIXO
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	OK	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado					
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013	
AP	Serra do Navio	ESC EST Sete de Setembro (não consta no site do IDEB)	IDE B observado	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	
			Meta Projetada	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Municipal	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Estadual	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Nacional	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
AP	Tartarugalzinho	ESC EST Profª. Maria José de Nazaré F. Lima (4ª S / 5º A)	IDE B observado	2,8	3,2	3,6	3,6	3,1	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	2,9	3,2	3,6	3,9	x	OK	OK	OK	ABAIXO
			Municipal	2,7	3,2	3,1	3,3	2,9	OK	OK	OK	OK	OK
			Estadual	3,0	3,3	3,8	4,0	3,9	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
BA	Barro Preto	Escola Municipal Jesus Bom Pastor (4ª S / 5º A)	IDE B observado	x	4,3	4,6	5,1	5,3	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	4,5	4,9	5,1	x	x	OK	OK	OK
			Municipal	2,6	2,8	3,3	3,8	4,1	x	OK	OK	OK	OK
			Estadual	2,5	3,2	3,5	3,9	3,9	x	OK	OK	OK	OK
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	x	OK	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
BA	Candeias	Colégio Professor Dasio José de Souza (8ª S / 9º A)	IDEB observado	2,4	x	2,4	3,1	2,9	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	2,4	2,6	2,8	3,2	x	x	ABAIXO	OK	ABAIXO
			Municipal	2,4	2,6	2,8	3,1	2,6	OK	x	ABAIXO	OK	OK
			Estadual	2,6	2,8	2,9	3,1	3,2	ABAIXO	x	ABAIXO	OK	ABAIXO
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	ABAIXO	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
BA	Cícero Dantas	EE - Escola Estadual Julia Montenegro Magalhães (8ª S / 9º A)	IDEB observado	x	x	2,5	1,7	2,3	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	x	2,7	2,9	x	x	x	ABAIXO	ABAIXO
			Municipal	2,6	2,3	2,8	2,7	2,7	x	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Estadual	2,6	2,8	2,9	3,1	3,2	x	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	x	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado					
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013	
BA	Feira de Santana	EE - CETEP Portal do Sertão (não consta no site do IDEB)	IDEB observado	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	
			Meta Projetada	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Municipal	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Estadual	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Nacional	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
BA	Gandu	Prédio Escolar Argentina Castelo Branco (4ª S / 5º A)	IDEB observado	2,5	2,7	2,9	3,5	4,1	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	2,7	3,3	3,9	4,2	x	OK	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Municipal	3,0	3,1	3,4	4,2	4,5	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Estadual	2,5	3,2	3,5	3,9	3,9	OK	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	OK
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
BA	Irecê	Escola Municipal Duque de Caxias (4ª S / 5º A)	IDEB observado	3,3	4,3	5,4	4,1	5,0	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	3,4	3,7	4,2	4,4	x	OK	OK	ABAIXO	OK
			Municipal	3,1	3,7	4,4	4,4	4,5	OK	OK	OK	ABAIXO	OK
			Estadual	2,5	3,2	3,5	3,9	3,9	OK	OK	OK	OK	OK
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	ABAIXO	OK	OK	ABAIXO	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
BA	Itabuna	EE - Escola Padre Carlo Salério (8ª S / 9º A)	IDEB observado	x	2,2	2,3	2,2	2,6	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	2,4	2,7	3,1	x	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Municipal	3	2,7	2,9	3,3	3,4	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Estadual	2,6	2,8	2,9	3,1	3,2	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
BA	Salvador	EE - Escola Estadual Lindenbergue Cardoso (4ª S / 5º A)	IDEB observado	2,3	2,6	3,0	2,8	x	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	2,5	3,0	3,4	3,7	x	OK	OK	ABAIXO	x
			Municipal	2,8	3,5	3,6	4,0	4,0	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	x
			Estadual	2,5	3,2	3,5	3,9	3,9	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	x
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	x

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
BA	Salvador	EE - Escola Estadual Lindenbergue Cardoso (8ª S / 9º A)	IDEB observado	2,2	2,9	2,1	1,6	2,4	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	2,3	2,6	2,9	3,4	x	OK	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Municipal	2,5	2,7	2,7	2,7	2,9	ABAIXO	OK	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Estadual	2,6	2,8	2,9	3,1	3,2	ABAIXO	OK	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
BA	Salvador	Escola Municipal Maria Antonieta Alfarano (4ª S / 5º A)	IDE B observado	2,2	3,2	3,5	4,2	4,5	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	2,3	2,6	3,0	3,3	x	OK	OK	OK	OK
			Municipal	2,8	3,5	3,6	4,0	4,0	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	OK	OK
			Estadual	2,5	3,2	3,5	3,9	3,9	ABAIXO	OK	OK	OK	OK
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
BA	São Sebastião do Passé	Escola Municipal Prof. Edgar Santos (4ª S / 5º A)	IDE B observado	x	x	4,1	4,2	3,8	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	x	4,3	4,6	x	x	x	x	ABAIXO
			Municipal	3	3,7	4,7	4,9	4,1	x	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Estadual	2,5	3,2	3,5	3,9	3,9	x	x	OK	OK	ABAIXO
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	x	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
CE	Barreira	Antônio Julião Neto EMEIEF (4ª S / 5º A)	IDE B observado	2,9	3,2	4,1	4,4	5,3	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	3,0	3,3	3,7	4,0	x	OK	OK	OK	OK
			Municipal	2,6	3,2	3,5	4,6	5,1	OK	OK	OK	ABAIXO	OK
			Estadual	2,8	3,5	4,1	4,7	5,0	OK	ABAIXO	OK	ABAIXO	OK
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
CE	Barreira	Antônio Julião Neto EMEIEF (8ª S / 9º A)	IDE B observado	x	3,4	4,2	4,5	4,7	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	3,5	3,7	4,0	x	x	OK	OK	OK
			Municipal	2,7	3,2	3,7	3,8	4,0	x	OK	OK	OK	OK
			Estadual	2,8	3,3	3,6	3,9	4,1	x	OK	OK	OK	OK
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	x	ABAIXO	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado					
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013	
CE	Crato	Joaquim Valdevino de Brito EEM (não consta no site do IDEB)	IDE B observado	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	
			Meta Projetada	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Municipal	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Estadual	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Nacional	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
CE	Fortaleza	Escola Municipal Monteiro Lobato (4ª S / 5º A)	IDE B observado	4,1	x	4,9	4,8	5,8	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	4,2	4,5	4,9	5,2	x	x	OK	ABAIXO	OK
			Municipal	3,3	3,5	3,9	4,2	4,7	OK	x	OK	OK	OK
			Estadual	2,8	3,5	4,1	4,7	5,0	OK	x	OK	OK	OK
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	OK	x	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
CE	Fortaleza	Estado do Paraná EEF (8ª S / 9º A)	IDE B observado	3,1	3,2	3,5	3,4	4,4	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	3,1	3,3	3,5	3,9	x	OK	OK	ABAIXO	OK
			Municipal	2,8	3,0	3,5	3,6	3,8	OK	OK	OK	ABAIXO	OK
			Estadual	2,8	3,3	3,6	3,9	4,1	OK	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	OK
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
CE	Fortaleza	São José EEFM (8ª S / 9º A)	IDE B observado	x	3,3	3,4	2,7	3,6	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	3,4	3,6	4,0	x	x	OK	ABAIXO	ABAIXO
			Municipal	2,8	3,0	3,5	3,6	3,8	x	OK	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Estadual	2,8	3,3	3,6	3,9	4,1	x	OK	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado					
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013	
CE	Iguatu	Francisco H. Montenegro EEM (não consta no site do IDEB)	IDE B observado	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	
			Meta Projetada	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Municipal	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Estadual	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Nacional	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
CE	Jijoca de Jericoacoara	Seandor Carlos Jereissati EMEF e LEB INF (8ª S / 9º A)	IDE B observado	3,5	4,9	5,3	5,4	4,7	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	3,5	3,6	3,9	4,3	x	OK	OK	OK	OK
			Municipal	3,5	4,4	4,7	5,2	4,6	OK	OK	OK	OK	OK
			Estadual	2,8	3,3	3,6	3,9	4,1	OK	OK	OK	OK	OK
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	OK	OK	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado					
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013	
CE	Quixadá	José Martins Rodrigues EEFM (dados insuficientes no site do IDEB)	IDE B observado	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	
			Meta Projetada	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Municipal	x	x	x	x	x	x	x	x	OK	x	x
			Estadual	x	x	x	x	x	x	x	x	OK	x	x
			Nacional	x	x	x	x	x	x	x	x	x	OK	x

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
CE	São Gonçalo do Amarante	Abigail Sampaio EEF Poetisa (4ª S / 8º A)	IDE B observado	x	x	4,8	4,7	5,0	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	x	5,1	5,4	x	x	x	ABAIXO	ABAIXO
			Municipal	3,8	4,5	4,7	5,1	4,9	x	x	OK	ABAIXO	OK
			Estadual	2,8	3,5	4,1	4,7	5,0	x	x	OK	OK	OK
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	x	x	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
CE	São Gonçalo do Amarante	Abigail Sampaio EEF Poetisa (8ª S / 9º A)	IDEB observado	x	x	4,5	3,7	3,9	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	x	4,7	5,0	x	x	x	ABAIXO	ABAIXO
			Municipal	3,7	4,1	4,3	4,4	4,3	x	x	OK	ABAIXO	ABAIXO
			Estadual	2,8	3,3	3,6	3,9	4,1	x	x	OK	ABAIXO	ABAIXO
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	x	x	OK	ABAIXO	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
CE	Sobral	Profissional São José EEFM (8ª S / 9º A)	IDEB observado	2,8	3,5	4,0	4,2	4,3	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	2,9	3,0	3,3	3,7	x	OK	OK	OK	OK
			Municipal	3,3	3,5	4,0	4,4	5,1	ABAIXO	OK	OK	ABAIXO	ABAIXO
			Estadual	2,8	3,3	3,6	3,9	4,1	OK	OK	OK	OK	OK
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	ABAIXO	OK	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
DF	Brasília	CEF 01 do Planalto (4ª S / 5º A)	IDEB observado	3,7	3,8	4,8	4,3	5,0	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	3,8	4,1	4,5	4,8	x	OK	OK	ABAIXO	OK
			Municipal	4,5	4,8	5,4	5,4	5,6	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Estadual	4,4	4,8	5,4	5,4	5,6	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	OK	ABAIXO	OK	ABAIXO	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
DF	Brasília	CEF 01 do Planalto (8ª S / 9º A)	IDEB observado	2,6	2,7	3,4	4,8	2,7	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	2,6	2,9	3,2	3,7	x	OK	OK	OK	ABAIXO
			Municipal	3,2	3,5	3,9	3,9	3,9	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	OK	ABAIXO
			Estadual	3,3	3,5	3,9	3,9	3,9	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	OK	ABAIXO
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	OK	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
DF	Brasília	CEF Piriripau II (4ª S / 5º A)	IDE B observado	x	x	5,4	5,1	4,8	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	x	5,6	5,9	x	x	x	ABAIXO	ABAIXO
			Municipal	4,5	4,8	5,4	5,4	5,6	x	x	OK	ABAIXO	ABAIXO
			Estadual	4,4	4,8	5,4	5,4	5,6	x	x	OK	ABAIXO	ABAIXO
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	x	x	OK	OK	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado					
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013	
DF	Brasília	CEF Piriripau II (dados insuficientes no site do IDEB)	IDE B observado	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	
			Meta Projetada	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Municipal	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Estadual	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Nacional	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
DF	Brasília	EC 01 do Guar (4ª S / 5º A)	IDE B observado	4,8	5,2	6,5	6,3	5,8	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	4,9	5,2	5,6	5,8	x	OK	OK	OK	OK
			Municipal	4,5	4,8	5,4	5,4	5,6	OK	OK	OK	OK	OK
			Estadual	4,4	4,8	5,4	5,4	5,6	OK	OK	OK	OK	OK
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	OK	OK	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
DF	Brasília	EC 10 de Ceilândia (4ª S / 5º A)	IDE B observado	5,3	4,9	5,0	5,5	5,9	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	5,4	5,7	6,0	6,5	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Municipal	4,5	4,8	5,4	5,4	5,6	OK	OK	ABAIXO	OK	OK
			Estadual	4,4	4,8	5,4	5,4	5,6	OK	OK	ABAIXO	OK	OK
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	OK	OK	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado					
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013	
DF	Brasília	EC 10 de Sobradinho (não consta no site do IDEB)	IDE B observado	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	
			Meta Projetada	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Municipal	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Estadual	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Nacional	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x

Dados				Anos					Relação com ente federado					
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013	
DF	Brasília	EC 102 do Recanto das Emas (dados insuficientes no site do IDEB)	IDE B observado	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	
			Meta Projetada	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Municipal	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Estadual	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Nacional	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
ES	Cariacica	EMEF São João Chrisostomo (4ª S / 5º A)	IDE B observado	x	3,4	4,2	4,2	4,9	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	3,6	3,9	4,2	x	x	OK	OK	OK
			Municipal	3,8	4,1	4,5	4,6	4,9	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	OK
			Estadual	3,9	4,3	4,8	5,0	5,2	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
ES	Conceição da Barra	EMEF Astrogildo Carneiro Setubal (4ª S / 5º A)	IDE B observado	3,3	3,8	4,3	5,2	4,8	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	3,4	3,7	4,1	4,4	x	OK	OK	OK	OK
			Municipal	3,4	4,3	4,5	5,4	5,2	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Estadual	3,9	4,3	4,8	5,0	5,2	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	OK	ABAIXO
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	OK	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
ES	Conceição da Barra	EMEF Astrogildo Carneiro Setubal (8ª S / 9º A)	IDE B observado	x	x	3,6	4,4	2,6	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	x	3,8	4,1	x	x	x	OK	ABAIXO
			Municipal	3,9	4,0	3,8	4,4	3,6	x	x	ABAIXO	OK	ABAIXO
			Estadual	3,5	3,7	3,8	3,9	3,9	x	x	ABAIXO	OK	ABAIXO
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	x	x	ABAIXO	OK	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
ES	Conceição da Barra	EMEIEF Angelo Luiz Sagrillo Smiderle (4ª S / 5º A)	IDE B observado	x	5,5	5,1	6,4	5,8	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	5,7	6,0	6,2	x	x	ABAIXO	OK	ABAIXO
			Municipal	3,4	4,3	4,5	5,4	5,2	x	OK	OK	OK	OK
			Estadual	3,9	4,3	4,8	5,0	5,2	x	OK	OK	OK	OK
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	x	OK	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
ES	Domingos Martins	EEEFM Gisela Salloker Fayet (4ª S / 5º A)	IDE B observado	x	5,5	5,6	6,7	6,2	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	5,7	6,0	6,2	x	x	ABAIXO	OK	OK
			Municipal	4,7	5,5	6	5,6	6,3	x	OK	ABAIXO	OK	ABAIXO
			Estadual	3,9	4,3	4,8	5,0	5,2	x	OK	OK	OK	OK
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	x	OK	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
ES	Domingos Martins	EEEFM Gisela Salloker Fayet (8ª S / 9º A)	IDE B observado	4,0	4,1	4,1	5,0	4,7	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	4,0	4,2	4,5	4,9	x	OK	ABAIXO	OK	ABAIXO
			Municipal	4,2	4,5	4,9	5,3	5,6	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Estadual	3,5	3,7	3,8	3,9	3,9	OK	OK	OK	OK	OK
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	OK	OK	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
ES	Guarapari	EEEF Manoel Rosindo da Silva (4ª S / 5º A)	IDE B observado	4,5	5,3	5,5	5,7	5,1	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	4,6	4,9	5,3	5,6	x	OK	OK	OK	ABAIXO
			Municipal	3,8	4,2	4,6	4,9	5,0	OK	OK	OK	OK	OK
			Estadual	3,9	4,3	4,8	5,0	5,2	OK	OK	OK	OK	ABAIXO
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	OK	OK	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
ES	Guarapari	EEEF Manoel Rosindo da Silva (8ª S / 9º A)	IDE B observado	4,4	4,1	4,3	4,7	x	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	4,5	4,6	4,9	5,3	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	x
			Municipal	3,4	3,6	3,5	3,7	3,6	OK	OK	OK	OK	x
			Estadual	3,5	3,7	3,8	3,9	3,9	OK	OK	OK	OK	x
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	OK	OK	OK	OK	x

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
ES	Linhares	EEEFM Baixo Quartel (4ª S / 5º A)	IDE B observado	x	x	5,2	5,2	5,5	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	x	5,5	5,7	x	x	x	ABAIXO	ABAIXO
			Municipal	3,9	4,3	5,0	5,3	5,2	x	x	OK	ABAIXO	OK
			Estadual	3,9	4,3	4,8	5,0	5,2	x	x	OK	OK	OK
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	x	x	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
ES	Linhares	EEEFM Baixo Quartel (8ª S / 9º A)	IDE B observado	x	x	4,4	4,8	4,6	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	x	4,6	4,9	x	x	x	OK	ABAIXO
			Municipal	3,6	3,7	3,8	4,1	4,2	x	x	OK	OK	OK
			Estadual	3,5	3,7	3,8	3,9	3,9	x	x	OK	OK	OK
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	x	x	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
ES	Nova Venêcia	EMEIEF Francisco Secchim (8ª S / 9º A)	IDEB observado	x	x	4,1	3,7	x	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	x	4,3	4,5	x	x	x	ABAIXO	x
			Municipal	4,1	4,9	5,1	5,7	5,7	x	x	ABAIXO	ABAIXO	x
			Estadual	3,5	3,7	3,8	3,9	3,9	x	x	OK	ABAIXO	x
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	x	x	OK	ABAIXO	x

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
ES	Serra	EEEF Profª Adevalni Azevedo (4ª S / 5º A)	IDEB observado	3,3	3,7	4,4	5,6	3,7	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	3,3	3,7	4,1	4,4	x	OK	OK	OK	ABAIXO
			Municipal	3,5	4,2	4,6	4,8	4,7	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	OK	ABAIXO
			Estadual	3,9	4,3	4,8	5,0	5,2	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	OK	ABAIXO
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	ABAIXO	ABAIXO	OK	OK	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
ES	Serra	EEEF Profª Adevalni Azevedo (8ª S / 9º A)	IDEB observado	2,7	4,0	3,1	3,5	3,9	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	2,7	2,9	3,1	3,5	x	OK	OK	OK	OK
			Municipal	3,4	3,4	3,4	3,7	3,6	ABAIXO	OK	ABAIXO	ABAIXO	OK
			Estadual	3,5	3,7	3,8	3,9	3,9	ABAIXO	OK	ABAIXO	ABAIXO	OK
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	ABAIXO	OK	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
ES	Vila Velha	EEEF Domingos José Martins - Vila Velha (4ª S / 5º A)	IDEB observado	4,2	4,5	5,5	5,1	5,1	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	4,3	4,6	5,0	5,3	x	OK	OK	OK	ABAIXO
			Municipal	4,0	4,4	5,0	4,9	5,1	OK	OK	OK	OK	OK
			Estadual	3,9	4,3	4,8	5,0	5,2	OK	OK	OK	OK	ABAIXO
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	OK	OK	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
ES	Vitória	EMEF Professora Regina Maria Silva (4ª S / 5º A)	IDE B observado	3,3	4,1	4,0	4,4	5,0	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	3,3	3,7	4,1	4,4	x	OK	OK	OK	OK
			Municipal	4,0	4,2	4,8	4,9	5,0	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	OK
			Estadual	3,9	4,3	4,8	5,0	5,2	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	ABAIXO	OK	ABAIXO	ABAIXO	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
ES	Vitória	EMEF Professora Regina Maria Silva (8ª S / 9º A)	IDE B observado	x	3,9	2,9	4,0	3,7	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	4,0	4,2	4,5	x	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Municipal	3,4	3,5	3,8	4,1	4,0	x	OK	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Estadual	3,5	3,7	3,8	3,9	3,9	x	OK	ABAIXO	OK	ABAIXO
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	x	OK	ABAIXO	OK	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
GO	Goiânia	Colégio Estadual Profª Vandy de Castro Carneiro (4ª S / 5º A)	IDE B observado	3,7	x	5,0	5,3	6,2	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	3,7	4,1	4,5	4,8	x	x	OK	OK	OK
			Municipal	3,9	4,2	5,0	5,3	5,5	ABAIXO	x	OK	OK	OK
			Estadual	3,8	4,1	4,7	5,1	5,5	ABAIXO	x	OK	OK	OK
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	OK	x	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
GO	Goiânia	Colégio Estadual Profª Vandy de Castro Carneiro (8ª S / 9º A)	IDE B observado	3,0	2,6	2,3	4,3	x	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	3,0	3,1	3,4	3,8	x	ABAIXO	ABAIXO	OK	x
			Municipal	3,2	3,4	3,8	3,9	4,6	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	OK	x
			Estadual	3,3	3,8	3,7	3,9	4,5	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	OK	x
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	OK	x

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
GO	Goiânia	ESC Municipal Jaime Camara (4ª S / 5º A)	IDEB observado	x	3,8	5,7	4,9	6,5	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	4,0	4,4	4,7	x	x	OK	OK	OK
			Municipal	3,9	4,2	5,0	5,3	5,5	x	ABAIXO	OK	ABAIXO	OK
			Estadual	3,8	4,1	4,7	5,1	5,5	x	ABAIXO	OK	ABAIXO	OK
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	x	ABAIXO	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
GO	Goiânia	ESC Municipal Jaime Camara (8ª S / 9º A)	IDEB observado	3,1	3,1	3,8	3,8	4,9	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	3,2	3,3	3,6	4,0	x	ABAIXO	OK	OK	OK
			Municipal	3,2	3,4	3,8	3,9	4,6	ABAIXO	ABAIXO	OK	ABAIXO	OK
			Estadual	3,3	3,8	3,7	3,9	4,5	ABAIXO	ABAIXO	OK	ABAIXO	OK
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	ABAIXO	ABAIXO	OK	ABAIXO	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
GO	Iporã	Colégio Estadual de Aplicação (4ª S / 5º A)	IDEB observado	4,4	3,6	5,2	5,0	6,3	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	4,5	4,8	5,2	5,5	x	ABAIXO	OK	ABAIXO	OK
			Municipal	4,4	4,5	5,6	5,6	6,6	OK	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Estadual	3,8	4,1	4,7	5,1	5,5	OK	ABAIXO	OK	ABAIXO	OK
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	OK	ABAIXO	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
GO	Iporã	Colégio Estadual de Aplicação (8ª S / 9º A)	IDEB observado	4,1	4,1	3,8	4,1	5,3	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	4,2	4,3	4,6	5,0	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	OK
			Municipal	3,8	3,8	3,9	4,4	5,0	OK	OK	ABAIXO	ABAIXO	OK
			Estadual	3,3	3,8	3,7	3,9	4,5	OK	OK	OK	OK	OK
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	OK	OK	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
GO	Jussara	Escola Municipal Professora Dolores Martins (4ª S / 5º A)	IDEB observado	3,7	4,4	5,0	5,6	6,0	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	3,8	4,1	4,5	4,8	x	OK	OK	OK	OK
			Municipal	3,4	4,4	4,8	5,4	5,7	OK	OK	OK	OK	OK
			Estadual	3,8	4,1	4,7	5,1	5,5	ABAIXO	OK	OK	OK	OK
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	OK	OK	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
GO	Mundo Novo	Colégio Estadual Profª Ivania Maria Ferrassoli (8ª S / 9º A)	IDEB observado	x	x	3,7	4,3	4,8	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	x	3,9	4,1	x	x	x	OK	OK
			Municipal	3,3	3,4	4,0	3,6	4,8	x	x	ABAIXO	OK	OK
			Estadual	3,3	3,8	3,7	3,9	4,5	x	x	OK	OK	OK
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	x	x	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
GO	Ouro Verde de Goiás	Colégio Estadual Roque Romeu Ramos (8ª S / 9º A)	IDEB observado	4,1	3,2	3,0	4,3	x	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	4,2	4,3	4,6	5,0	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	x
			Municipal	4,1	3,7	3,8	4,7	5,0	OK	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	x
			Estadual	3,3	3,8	3,7	3,9	4,5	OK	ABAIXO	ABAIXO	OK	x
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	OK	ABAIXO	ABAIXO	OK	x

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
GO	Rio Quente	Colégio Municipal Prof. Lourenço Batista (4ª S / 5º A)	IDEB observado	3,7	4,3	4,6	5,0	5,2	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	3,7	4,1	4,5	4,8	x	OK	OK	OK	OK
			Municipal	3,7	4,3	4,6	5,0	5,2	OK	OK	OK	OK	OK
			Estadual	3,8	4,1	4,7	5,1	5,5	ABAIXO	OK	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	OK	OK	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado					
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013	
MA	Codó	CE Raimundo Muniz Bayma (Escola Inativa)	IDE B observado	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	
			Meta Projetada	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Municipal	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Estadual	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Nacional	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
MA	Paço do Lumiar	UEB Conjunto Paraná (4ª S / 5º A)	IDE B observado	x	x	3,9	4,1	3,2	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	x	4,2	4,5	x	x	x	ABAIXO	ABAIXO
			Municipal	4,2	4,1	4,3	4,3	4,3	x	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Estadual	2,7	3,5	3,7	3,9	3,8	x	x	OK	OK	ABAIXO
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	x	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
MA	Paço do Lumiar	UEB Conjunto Paraná (8ª S / 9º A)	IDE B observado	x	x	4,0	4,5	x	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	x	4,2	4,5	x	x	x	OK	x
			Municipal	3,8	3,7	3,9	3,9	3,8	x	x	OK	OK	x
			Estadual	2,8	3,2	3,4	3,4	3,4	x	x	OK	OK	x
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	x	x	OK	OK	x

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
MA	Pinheiro	UE Presidente Médici (4ª S / 5º A)	IDE B observado	4,4	4,3	4,8	4,3	4,3	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	4,4	4,8	5,2	5,4	x	ABAIXO	OK	ABAIXO	ABAIXO
			Municipal	3,2	3,4	4,2	4,2	4,2	OK	OK	OK	OK	OK
			Estadual	2,7	3,5	3,7	3,9	3,8	OK	OK	OK	OK	OK
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	OK	OK	OK	ABAIXO	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
MA	São Luís	Colégio Universitário (8ª S / 9º A)	IDE B observado	x	3,4	4,0	4,5	5,4	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	3,5	3,7	4,0	4,4	x	ABAIXO	OK	OK	OK
			Municipal	3,3	3,6	4,0	3,9	3,8	x	ABAIXO	OK	OK	OK
			Estadual	2,8	3,2	3,4	3,4	3,4	x	OK	OK	OK	OK
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	x	ABAIXO	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
MA	São Luís	UEB ENS FUND Josué Montello (8ª S / 9º A)	IDE B observado	2,5	2,8	3,7	3,6	3,9	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	2,6	2,7	3,0	3,4	x	OK	OK	OK	OK
			Municipal	3,3	3,6	4,0	3,9	3,8	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	OK
			Estadual	2,8	3,2	3,4	3,4	3,4	ABAIXO	ABAIXO	OK	OK	OK
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	ABAIXO	ABAIXO	OK	ABAIXO	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
MA	São Luís	UEB ENS FUND Maria Rocha (4ª S / 5º A)	IDE B observado	3,6	3,8	4,3	4,3	4,2	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	3,7	4,0	4,4	4,7	x	OK	OK	ABAIXO	ABAIXO
			Municipal	3,8	4,0	4,3	4,3	4,2	ABAIXO	ABAIXO	OK	OK	OK
			Estadual	2,7	3,5	3,7	3,9	3,8	OK	OK	OK	OK	OK
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	OK	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
MA	São Luís	UEB ENS FUND Maria Rocha (8ª S / 9º A)	IDE B observado	x	3,4	4,7	4,0	x	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	3,5	3,7	4,0	x	ABAIXO	OK	OK	x
			Municipal	3,3	3,6	4,0	3,9	3,8	x	ABAIXO	OK	OK	x
			Estadual	2,8	3,2	3,4	3,4	3,4	x	OK	OK	OK	x
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	x	ABAIXO	OK	OK	x

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
MA	São Luís	UEB ENS FUND Mariana Pavão (4ª S / 5º A)	IDE B observado	2,9	4,1	4,2	4,3	4,1	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	3	3,3	3,7	4,0	x	OK	OK	OK	OK
			Municipal	3,8	4,0	4,3	4,3	4,2	ABAIXO	OK	ABAIXO	OK	ABAIXO
			Estadual	2,7	3,5	3,7	3,9	3,8	OK	OK	OK	OK	OK
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	ABAIXO	OK	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
MT	Água Boa	Escola Municipal Cristalino (4ª S / 5º A)	IDE B observado	x	3,7	5,1	4,6	5,9	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	3,9	4,3	4,6	x	x	OK	OK	OK
			Municipal	4,2	4,3	4,7	5,1	5,7	x	ABAIXO	OK	ABAIXO	OK
			Estadual	3,5	4,3	4,8	4,9	5,2	x	ABAIXO	OK	ABAIXO	OK
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	x	ABAIXO	OK	ABAIXO	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
MT	Arenápolis	EE 25 de Outubro (4ª S / 5º A)	IDE B observado	3,2	4,7	4,8	4,1	5,1	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	3,3	3,6	4	4,3	x	OK	OK	OK	OK
			Municipal	3,9	4,6	4,9	4,7	5,4	ABAIXO	OK	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Estadual	3,5	4,3	4,8	4,9	5,2	ABAIXO	OK	OK	ABAIXO	ABAIXO
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	ABAIXO	OK	OK	ABAIXO	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
MT	Arenápolis	EE 25 de Outubro (8ª S / 9º A)	IDE B observado	3,3	3,7	4,7	4,1	4,5	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	3,3	3,5	3,7	4,2	x	OK	OK	OK	OK
			Municipal	4,0	4,1	4,8	4,8	4,8	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Estadual	3,0	3,7	4,2	4,3	4,2	OK	OK	OK	ABAIXO	OK
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	OK	OK	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
MT	Barra do Garças	EE Profª Maria Nazareth M. Noletto (8ª S / 9º A)	IDEB observado	x	x	4,9	3,9	4,2	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	x	5,0	5,3	x	x	x	ABAIXO	ABAIXO
			Municipal	3,6	4,0	4,2	4,5	4,2	x	x	OK	ABAIXO	OK
			Estadual	3,0	3,7	4,2	4,3	4,2	x	x	OK	ABAIXO	OK
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	x	x	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
MT	Cuiabá	EMEB Profª Rita Caldas Castrillon (4ª S / 5º A)	IDEB observado	x	5,2	4,6	5,1	6,0	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	5,3	5,6	5,9	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	OK
			Municipal	3,6	4,1	4,5	4,8	5,0	x	OK	OK	OK	OK
			Estadual	3,5	4,3	4,8	4,9	5,2	x	OK	ABAIXO	OK	OK
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	x	OK	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
MT	Cuiabá	EMEB Profª Rita Caldas Castrillon (8ª S / 9º A)	IDEB observado	4,1	4,2	5,0	4,9	4,8	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	4,1	4,2	4,5	4,9	x	OK	OK	OK	ABAIXO
			Municipal	2,9	3,3	4,1	4,1	4,1	OK	OK	OK	OK	OK
			Estadual	3,0	3,7	4,2	4,3	4,2	OK	OK	OK	OK	OK
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	OK	OK	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
MT	Diamantino	EE Nilce Maria Magalhães (4ª S / 5º A)	IDEB observado	4,3	4,3	4,5	4,5	4,9	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	4,4	4,7	5,1	5,4	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Municipal	4,1	4,5	4,9	5,0	5,1	OK	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Estadual	3,5	4,3	4,8	4,9	5,2	OK	OK	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	OK	OK	OK	ABAIXO	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
MT	Santa Carmem	Escola Municipal Selvino Damian Preve (4ª S / 5º A)	IDE B observado	3,5	4,9	4,8	4,5	5,3	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	3,6	3,9	4,3	4,6	x	OK	OK	OK	OK
			Municipal	3,5	4,9	4,8	4,5	5,3	OK	OK	OK	OK	OK
			Estadual	3,5	4,3	4,8	4,9	5,2	OK	OK	OK	ABAIXO	OK
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	ABAIXO	OK	OK	ABAIXO	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
MT	Santa Carmem	Escola Municipal Selvino Damian Preve (8ª S / 9º A)	IDE B observado	2,2	4,3	4,4	4,5	3,5	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	2,3	2,5	2,8	3,2	x	OK	OK	OK	OK
			Municipal	2,2	4,1	4,5	4,5	3,5	OK	OK	ABAIXO	OK	OK
			Estadual	3,0	3,7	4,2	4,3	4,2	ABAIXO	OK	OK	OK	ABAIXO
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	ABAIXO	OK	OK	OK	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
MT	Vázea Grande	EE Manouel Gomes (4ª S / 5º A)	IDE B observado	x	4,6	3,8	3,8	x	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	4,8	5,1	5,4	x	x	ABAIXO	ABAIXO	x
			Municipal	3,6	4,2	4,6	4,7	4,7	x	OK	ABAIXO	ABAIXO	x
			Estadual	3,5	4,3	4,8	4,9	5,2	x	OK	ABAIXO	ABAIXO	x
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	x	OK	ABAIXO	ABAIXO	x

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
MS	Anastácio	EE Roberto Scaff (8ª S / 9º A)	IDE B observado	2,4	3,9	3,7	2,5	2,9	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	2,5	2,8	3,3	3,8	x	OK	OK	ABAIXO	ABAIXO
			Municipal	3	3,4	3,6	3,4	3,1	ABAIXO	OK	OK	ABAIXO	ABAIXO
			Estadual	3,1	3,7	3,9	3,8	3,9	ABAIXO	OK	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	ABAIXO	OK	OK	ABAIXO	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
MS	Campo Grande	EE Antônio Delfino Pereira e C. Cult. Ed. Tia Eva (4ª S / 5º A)	IDE B observado	2,5	2,6	3,6	5,1	3,7	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	2,6	3,1	3,6	3,9	x	OK	OK	OK	ABAIXO
			Municipal	4,0	4,9	5,1	5,6	5,3	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Estadual	3,4	4,1	4,5	5,0	5,0	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	OK	ABAIXO
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	OK	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
MS	Campo Grande	EM Agrícola Gov. Arnaldo Estevão de Figueiredo (4ª S / 5º A)	IDE B observado	x	x	6,1	7,0	5,8	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	x	6,4	6,6	x	x	x	OK	ABAIXO
			Municipal	4,0	4,9	5,1	5,6	5,3	x	x	OK	OK	OK
			Estadual	3,4	4,1	4,5	5,0	5,0	x	x	OK	OK	OK
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	x	x	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
MS	Costa Rica	EM Prof. Adenocre Alexandre de Moraes (4ª S / 5º A)	IDE B observado	3,6	3,9	4,9	6,2	6,8	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	3,7	4,1	4,5	4,8	x	OK	OK	OK	OK
			Municipal	3,6	4	4,7	5,5	6,2	OK	ABAIXO	OK	OK	OK
			Estadual	3,4	4,1	4,5	5,0	5,0	OK	ABAIXO	OK	OK	OK
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	OK	ABAIXO	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
MS	Costa Rica	EM Prof. Adenocre Alexandre de Moraes (8ª S / 9º A)	IDE B observado	x	4	3,7	4,3	5,0	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	4,1	4,3	4,6	x	x	ABAIXO	OK	OK
			Municipal	3,6	3,6	3,6	3,8	4,6	x	OK	OK	OK	OK
			Estadual	3,1	3,7	3,9	3,8	3,9	x	OK	ABAIXO	OK	OK
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	x	OK	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
MS	Dourados	EE Rotary Dr. Nelson de Araújo (4ª S / 5º A)	IDEB observado	4,4	4,7	5,9	6,7	7,1	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	4,4	4,8	5,2	5,4	x	OK	OK	OK	OK
			Municipal	3,7	4,2	4,2	4,7	5,1	OK	OK	OK	OK	OK
			Estadual	3,4	4,1	4,5	5,0	5,0	OK	OK	OK	OK	OK
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	OK	OK	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
MS	Ladário	EE 2 de Setembro (4ª S / 5º A)	IDEB observado	2,3	3,2	4,1	4,1	3,2	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	2,4	3,0	3,4	3,7	x	OK	OK	OK	ABAIXO
			Municipal	2,8	3,3	4,1	3,8	3,8	ABAIXO	ABAIXO	OK	OK	ABAIXO
			Estadual	3,4	4,1	4,5	5,0	5,0	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
MS	Ladário	EE 2 de Setembro (8ª S / 9º A)	IDEB observado	2,7	3,0	3,1	3,2	3,5	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	2,7	2,8	3,1	3,5	x	OK	OK	OK	OK
			Municipal	2,4	2,9	3,3	3,2	3,1	OK	OK	ABAIXO	OK	OK
			Estadual	3,1	3,7	3,9	3,8	3,9	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
MS	Nova Andradina	EE Padre Anchieta (4ª S / 5º A)	IDEB observado	3	3,5	3,4	4,8	5,1	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	3,0	3,4	3,8	4,1	x	OK	OK	OK	OK
			Municipal	3,3	3,9	4,7	5,4	5,9	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Estadual	3,4	4,1	4,5	5,0	5,0	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	OK
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
MS	Paranaíba	EM Profª Liduvina Motta Camargo (4ª S / 5º A)	IDEB observado	4,1	4,2	4,5	4,9	4,4	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	4,2	4,5	4,9	5,2	x	OK	OK	OK	ABAIXO
			Municipal	3,4	4,2	4,6	5	4,9	OK	OK	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Estadual	3,4	4,1	4,5	5,0	5,0	OK	OK	OK	ABAIXO	ABAIXO
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	OK	OK	OK	OK	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
MS	Paranaíba	EM Profª Liduvina Motta Camargo (8ª S / 9º A)	IDEB observado	x	3,8	4,4	4,5	3,3	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	3,9	4,1	4,4	x	x	OK	OK	ABAIXO
			Municipal	3,1	3,8	3,7	3,4	3,3	x	OK	OK	OK	OK
			Estadual	3,1	3,7	3,9	3,8	3,9	x	OK	OK	OK	ABAIXO
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	x	OK	OK	OK	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
MS	Ponta Porã	EM Maria Lígia Borges Garcia (4ª S / 5º A)	IDEB observado	3,4	3,5	4,6	4,9	5,0	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	3,4	3,8	4,2	4,5	x	OK	OK	OK	OK
			Municipal	3,3	4,0	4,5	5,0	5,2	OK	ABAIXO	OK	ABAIXO	ABAIXO
			Estadual	3,4	4,1	4,5	5,0	5,0	OK	ABAIXO	OK	ABAIXO	OK
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	ABAIXO	ABAIXO	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
MS	São Gabriel do Oeste	EM Armelindo Tonon (4ª S / 5º A)	IDEB observado	4,6	4,9	4,8	5,4	6,1	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	4,6	5	5,4	5,6	x	OK	ABAIXO	OK	OK
			Municipal	3,9	4,7	4,9	5,3	5,4	OK	OK	ABAIXO	OK	OK
			Estadual	3,4	4,1	4,5	5,0	5,0	OK	OK	OK	OK	OK
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	OK	OK	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
MS	Terenos *UCA TOTAL	EE Antonio Nogueira da Fonseca (4ª S / 5º A)	IDE B observado	2,9	x	4,2	4,8	4,4	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	3,0	3,3	3,7	4,0	x	x	OK	OK	OK
			Municipal	3,2	3,6	4,5	4,8	5,6	ABAIXO	x	ABAIXO	OK	ABAIXO
			Estadual	3,4	4,1	4,5	5,0	5,0	ABAIXO	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	ABAIXO	x	ABAIXO	OK	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
MS	Terenos *UCA TOTAL	EE Antonio Valadares (4ª S / 5º A)	IDE B observado	3	3,1	4,3	4,5	4,0	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	3,1	3,4	3,8	4,1	x	OK	OK	OK	ABAIXO
			Municipal	3,2	3,6	4,5	4,8	5,6	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Estadual	3,4	4,1	4,5	5,0	5,0	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
MS	Terenos *UCA TOTAL	EE Antonio Valadares (8ª S / 9º A)	IDE B observado	3,6	3,1	3,1	3,2	2,9	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	3,6	3,7	4,0	4,4	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Municipal	3,5	3,6	3,7	3,3	4,0	OK	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Estadual	3,1	3,7	3,9	3,8	3,9	OK	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	OK	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
MS	Terenos *UCA TOTAL	EE Eduardo Perez (4ª S / 5º A)	IDE B observado	2,7	3,6	4,5	3,6	4,4	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	2,8	3,2	3,6	3,9	x	OK	OK	OK	OK
			Municipal	3,2	3,6	4,5	4,8	5,6	ABAIXO	OK	OK	ABAIXO	ABAIXO
			Estadual	3,4	4,1	4,5	5,0	5,0	ABAIXO	ABAIXO	OK	ABAIXO	ABAIXO
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	ABAIXO	ABAIXO	OK	ABAIXO	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
MS	Terenos *UCA TOTAL	EM Isabel de Campos Widal Rodrigues (4ª S / 5º A)	IDE B observado	x	x	4,0	5,6	x	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	x	4,3	4,6	x	x	x	OK	x
			Municipal	3,2	3,6	4,5	4,8	5,6	x	x	ABAIXO	OK	x
			Estadual	3,4	4,1	4,5	5,0	5,0	x	x	ABAIXO	OK	x
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	x	x	ABAIXO	OK	x

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
MS	Terenos *UCA TOTAL	EM Jamic - Pólo e Extensões (4ª S / 5º A)	IDE B observado	x	x	5,0	6,1	5,7	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	x	5,3	5,5	x	x	x	OK	OK
			Municipal	3,2	3,6	4,5	4,8	5,6	x	x	OK	OK	OK
			Estadual	3,4	4,1	4,5	5,0	5,0	x	x	OK	OK	OK
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	x	x	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
MS	Terenos *UCA TOTAL	EM Jamic - Pólo e Extensões (8ª S / 9º A)	IDE B observado	x	x	3,9	5,6	5,1	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	x	4,1	4,4	x	x	x	OK	OK
			Municipal	3,5	3,6	3,7	3,3	4,0	x	x	OK	OK	OK
			Estadual	3,1	3,7	3,9	3,8	3,9	x	x	OK	OK	OK
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	x	x	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
MS	Terenos *UCA TOTAL	EM Salustiano da Motta (4ª S / 5º A)	IDE B observado	x	x	4,2	4,3	4,7	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	x	4,5	4,8	x	x	x	ABAIXO	ABAIXO
			Municipal	3,2	3,6	4,5	4,8	5,6	x	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Estadual	3,4	4,1	4,5	5,0	5,0	x	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	x	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
MS	Terenos *UCA TOTAL	EM Salustiano da Motta (8ª S / 9º A)	IDE B observado	x	x	3,7	3,5	3,7	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	x	3,9	4,2	x	x	x	ABAIXO	ABAIXO
			Municipal	3,5	3,6	3,7	3,3	4,0	x	x	OK	OK	ABAIXO
			Estadual	3,1	3,7	3,9	3,8	3,9	x	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	x	x	OK	ABAIXO	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
MG	Almenara	EM Corina Ferraz de Brito (4ª S / 5º A)	IDE B observado	4,4	4,5	4,3	5,3	4,3	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	4,5	4,8	5,2	5,5	x	OK	ABAIXO	OK	ABAIXO
			Municipal	3,3	3,9	4,4	5,0	4,7	OK	OK	ABAIXO	OK	ABAIXO
			Estadual	4,6	4,6	5,5	5,8	5,9	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	OK	OK	ABAIXO	OK	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
MG	Almenara	EM Corina Ferraz de Brito (8ª S / 9º A)	IDE B observado	3,2	3,7	3,5	3,5	x	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	3,2	3,3	3,6	4,0	x	OK	OK	ABAIXO	x
			Municipal	2,9	3,1	3,8	3,8	3,9	OK	OK	ABAIXO	ABAIXO	x
			Estadual	3,6	3,8	4,1	4,4	4,6	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	x
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	OK	OK	ABAIXO	ABAIXO	x

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
MG	Barbacena	EM Acadêmico Abgar Renault (8ª S / 9º A)	IDE B observado	4,3	4,8	4,6	4,5	3,9	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	4,3	4,5	4,8	5,1	x	OK	OK	ABAIXO	ABAIXO
			Municipal	4,1	4,4	4,6	4,6	4,7	OK	OK	OK	ABAIXO	ABAIXO
			Estadual	3,6	3,8	4,1	4,4	4,6	OK	OK	OK	OK	ABAIXO
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	OK	OK	OK	OK	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
MG	Barbacena	EM EMB Martim Francisco (4ª S / 5º A)	IDE B observado	4,3	4,0	5,0	6,3	6,5	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	4,4	4,7	5,1	5,4	x	ABAIXO	OK	OK	OK
			Municipal	4,9	4,6	5,9	6,2	6,5	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	OK	OK
			Estadual	4,6	4,6	5,5	5,8	5,9	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	OK	OK
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	OK	OK	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
MG	Barbacena	EM EMB Martim Francisco (8ª S / 9º A)	IDE B observado	4,3	4,6	4,6	4,5	4,6	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	4,3	4,4	4,7	5,1	x	OK	OK	ABAIXO	ABAIXO
			Municipal	4,1	4,4	4,6	4,6	4,7	OK	OK	OK	ABAIXO	ABAIXO
			Estadual	3,6	3,8	4,1	4,4	4,6	OK	OK	OK	OK	OK
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	OK	OK	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
MG	Belo Horizonte	Escola de Educação Básica e Profissional da UFMG (4ª S / 5º A)	IDE B observado	6,1	6,6	6,0	6,8	7,1	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	6,2	6,5	6,8	7,0	x	OK	ABAIXO	OK	OK
			Municipal	4,6	4,8	5,6	5,8	6,0	OK	OK	OK	OK	OK
			Estadual	4,6	4,6	5,5	5,8	5,9	OK	OK	OK	OK	OK
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	OK	OK	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
MG	Belo Horizonte	Escola de Educação Básica e Profissional da UFMG (8ª S / 9º A)	IDE B observado	5,6	5,5	5,8	5,8	6,0	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	5,6	5,7	6,0	6,3	x	ABAIXO	OK	ABAIXO	ABAIXO
			Municipal	3,6	3,6	3,9	4,2	4,4	OK	OK	OK	OK	OK
			Estadual	3,6	3,8	4,1	4,4	4,6	OK	OK	OK	OK	OK
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	OK	OK	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
MG	Belo Horizonte	Escola Municipal Levindo Lopes (4ª S / 5º A)	IDE B observado	3,9	4,2	6,4	5,6	6,1	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	4,0	4,3	4,8	5,0	x	OK	OK	OK	OK
			Municipal	4,6	4,8	5,6	5,8	6,0	ABAIXO	ABAIXO	OK	ABAIXO	OK
			Estadual	4,6	4,6	5,5	5,8	5,9	ABAIXO	ABAIXO	OK	ABAIXO	OK
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	OK	OK	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
MG	Belo Horizonte	Escola Municipal Padre Guilherme Peters (4ª S / 5º A)	IDE B observado	x	2,4	4,6	4,0	4,6	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	2,5	2,9	3,1	x	x	OK	OK	OK
			Municipal	4,6	4,8	5,6	5,8	6,0	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Estadual	4,6	4,6	5,5	5,8	5,9	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	x	ABAIXO	OK	ABAIXO	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
MG	Carmo da Cachoeira	EM Profª Wanderleia Nascimento (4ª S / 5º A)	IDE B observado	3,7	4,1	5,6	5,2	6,7	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	3,8	4,1	4,5	4,8	x	OK	OK	OK	OK
			Municipal	3,8	4,6	5,7	5,7	6,3	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	OK
			Estadual	4,6	4,6	5,5	5,8	5,9	ABAIXO	ABAIXO	OK	ABAIXO	OK
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	OK	OK	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
MG	Itabira	EM Antônio Camilo Alvim (4ª S / 5º A)	IDE B observado	3,9	3,9	4,8	5,4	6,4	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	4,0	4,3	4,7	5,0	x	ABAIXO	OK	OK	OK
			Municipal	4,3	4,7	5,7	5,8	5,9	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	OK
			Estadual	4,6	4,6	5,5	5,8	5,9	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	OK
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	OK	ABAIXO	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
MG	Itabira	EM Antônio Camilo Alvim (8ª S / 9º A)	IDEB observado	3,4	3,4	4,1	4,7	4,8	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	3,4	3,6	3,9	4,3	x	OK	OK	OK	OK
			Municipal	3,6	3,7	4,1	4,7	4,9	ABAIXO	ABAIXO	OK	OK	ABAIXO
			Estadual	3,6	3,8	4,1	4,4	4,6	ABAIXO	ABAIXO	OK	OK	OK
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	OK	ABAIXO	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
MG	Ituiutaba	EM Professor Ildfonso Mascarenhas da Silva (4ª S / 5º A)	IDEB observado	5	5,6	5,8	7,0	6,9	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	5,1	5,4	5,8	6,0	x	OK	OK	OK	OK
			Municipal	4,6	5,0	5,5	6,1	6,0	OK	OK	OK	OK	OK
			Estadual	4,6	4,6	5,5	5,8	5,9	OK	OK	OK	OK	OK
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	OK	OK	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado					
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013	
MG	Monte Sião	Esc. Municipal Dona Ina (dados insuficientes no site do IDEB)	IDEB observado	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	
			Meta Projetada	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Municipal	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Estadual	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Nacional	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
MG	Montes Claros	EM Mariana Santos (8ª S / 9º A)	IDEB observado	x	x	2,8	3,5	4,0	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	x	3,0	3,3	x	x	x	OK	OK
			Municipal	3,5	3,7	4,0	4,4	4,5	x	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Estadual	3,6	3,8	4,1	4,4	4,6	x	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	x	x	ABAIXO	ABAIXO	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
MG	Ponte Nova	EM Luiz Martins Soares Sobrinho (4ª S / 5º A)	IDE B observado	3,8	4,5	3,7	5,5	5,7	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	3,8	4,2	4,6	4,9	x	OK	ABAIXO	OK	OK
			Municipal	3,9	4,5	5,2	5,8	5,9	ABAIXO	OK	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Estadual	4,6	4,6	5,5	5,8	5,9	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	OK	OK	ABAIXO	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
MG	Ponte Nova	EM Luiz Martins Soares Sobrinho (8ª S / 9º A)	IDE B observado	x	3,7	3,4	4,6	3,6	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	3,8	4,0	4,4	x	x	ABAIXO	OK	ABAIXO
			Municipal	3,2	3,3	3,7	3,9	4,3	x	OK	ABAIXO	OK	ABAIXO
			Estadual	3,6	3,8	4,1	4,4	4,6	x	ABAIXO	ABAIXO	OK	ABAIXO
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	x	OK	ABAIXO	OK	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
MG	Timóteo	EM Novo Tempo (4ª S / 5º A)	IDE B observado	4,4	4,1	4,8	5,3	5,3	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	4,4	4,8	5,2	5,4	x	ABAIXO	OK	OK	ABAIXO
			Municipal	5,1	5,2	5,9	6,1	6,3	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Estadual	4,6	4,6	5,5	5,8	5,9	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	OK	OK	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
MG	Timóteo	EM Novo Tempo (8ª S / 9º A)	IDE B observado	2,9	3,5	3,2	3,7	4,3	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	2,9	3,1	3,4	3,8	x	OK	OK	OK	OK
			Municipal	3,8	4,0	4,5	4,9	4,9	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Estadual	3,6	3,8	4,1	4,4	4,6	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	ABAIXO	OK	ABAIXO	ABAIXO	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado					
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013	
MG	Tiradentes *UCA TOTAL	Escola Municipal José Custódio Filho (não consta no site do IDEB)	IDEB observado	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	
			Meta Projetada	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Municipal	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Estadual	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Nacional	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
MG	Tiradentes *UCA TOTAL	Escola Municipal Marília de Dirceu (4ª S / 5º A)	IDEB observado	4,2	3,7	4,9	4,9	5,6	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	4,2	4,6	5,0	5,2	x	ABAIXO	OK	ABAIXO	OK
			Municipal	4,2	3,8	4,8	4,8	5,6	OK	ABAIXO	OK	OK	OK
			Estadual	4,6	4,6	5,5	5,8	5,9	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	OK	ABAIXO	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado					
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013	
MG	Tiradentes *UCA TOTAL	Esc Mun Profª Alice Lima Barbosa (não consta no site do IDEB)	IDEB observado	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	
			Meta Projetada	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Municipal	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Estadual	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Nacional	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
MG	Uberaba	EM Uberaba (4ª S / 5º A)	IDEB observado	4,5	5,2	6,3	6,2	6,4	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	4,6	4,9	5,3	5,6	x	OK	OK	OK	OK
			Municipal	4,4	4,7	5,4	5,4	5,8	OK	OK	OK	OK	OK
			Estadual	4,6	4,6	5,5	5,8	5,9	ABAIXO	OK	OK	OK	OK
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	OK	OK	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
MG	Unaí	EM Profª Glória Moreira (4ª S / 5º A)	IDE B observado	4,8	4,8	5,3	6,0	6,2	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	4,9	5,2	5,6	5,9	x	ABAIXO	OK	OK	OK
			Municipal	4,5	4,6	5,3	5,6	5,9	OK	OK	OK	OK	OK
			Estadual	4,6	4,6	5,5	5,8	5,9	OK	OK	ABAIXO	OK	OK
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	OK	OK	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
MG	Unaí	EM Profª Glória Moreira (8ª S / 9º A)	IDE B observado	3,8	4,2	4,4	4,3	5,3	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	3,8	4,0	4,3	4,7	x	OK	OK	OK	OK
			Municipal	3,8	3,9	4,3	4,3	4,5	OK	OK	OK	OK	OK
			Estadual	3,6	3,8	4,1	4,4	4,6	OK	OK	OK	ABAIXO	OK
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	OK	OK	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
MG	Unaí	EM Profª Jovelmira J. Vasconcelos (4ª S / 5º A)	IDE B observado	3,9	4,2	4,5	4,9	5,6	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	4	4,3	4,7	5,0	x	OK	OK	OK	OK
			Municipal	4,5	4,6	5,3	5,6	5,9	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Estadual	4,6	4,6	5,5	5,8	5,9	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	OK	OK	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
MG	Unaí	EM Profª Jovelmira J. Vasconcelos (8ª S / 9º A)	IDE B observado	3,2	3,8	3,5	5,0	5,0	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	3,3	3,4	3,7	4,1	x	OK	OK	OK	OK
			Municipal	3,8	3,9	4,3	4,3	4,5	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	OK	OK
			Estadual	3,6	3,8	4,1	4,4	4,6	ABAIXO	OK	ABAIXO	OK	OK
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	OK	OK	ABAIXO	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
PA	Abaete-tuba	EMEF Santa Luzia (4ª S / 5º A)	IDEB observado	2,7	3,1	3,1	3,4	3,9	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	2,8	3,1	3,6	3,8	x	OK	OK	ABAIXO	OK
			Municipal	2,8	3,1	3,6	3,9	4,0	ABAIXO	OK	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Estadual	2,7	3,0	3,6	4,0	3,8	OK	OK	ABAIXO	ABAIXO	OK
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado					
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013	
PA	Belém	EEEF Rui Barbosa (dados insuficientes no site do IDEB)	IDEB observado	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	
			Meta Projetada	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Municipal	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Estadual	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Nacional	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x

Dados				Anos					Relação com ente federado					
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013	
PA	Cachoeira do Arari	EEEFM Retiro Grande (dados insuficientes no site do IDEB)	IDEB observado	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	
			Meta Projetada	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Municipal	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Estadual	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Nacional	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
PA	Conceição do Araguaia	EMEIF Maria de Fátima (4ª S / 5º A)	IDEB observado	2,7	2,8	3,3	3,9	4,1	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	2,8	3,1	3,5	3,8	x	OK	OK	OK	OK
			Municipal	2,8	2,9	3,4	4,3	3,8	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	OK
			Estadual	2,7	3,0	3,6	4,0	3,8	OK	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	OK
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado					
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013	
PA	Faro	EEEFM Flora Teixeira (dados insuficientes no site do IDEB)	IDEB observado	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	
			Meta Projetada	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Municipal	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Estadual	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Nacional	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
PA	Itaituba	EMEF Coronel Raimundo Pereira Brasil (4ª S / 5º A)	IDEB observado	2,3	3,3	3,5	3,2	4,1	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	2,5	3,0	3,5	3,7	x	OK	OK	ABAIXO	OK
			Municipal	2,5	3,3	3,5	3,5	3,8	ABAIXO	OK	OK	ABAIXO	OK
			Estadual	2,7	3,0	3,6	4,0	3,8	ABAIXO	OK	ABAIXO	ABAIXO	OK
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
PA	Itaituba	EMEF Coronel Raimundo Pereira Brasil (8ª S / 9º A)	IDEB observado	x	3,3	3,2	4,4	3,2	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	3,4	3,6	3,9	x	x	ABAIXO	OK	ABAIXO
			Municipal	3,1	3,5	3,6	3,8	3,5	x	ABAIXO	ABAIXO	OK	ABAIXO
			Estadual	3,2	3,1	3,4	3,5	3,4	x	OK	ABAIXO	OK	ABAIXO
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	x	ABAIXO	ABAIXO	OK	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
PA	Limoeiro do Ajuru	EEEFM Jerônimo Milhomem Tavares (8ª S / 9º A)	IDEB observado	x	x	1,6	3,7	3,2	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	x	2,3	2,8	x	x	x	OK	OK
			Municipal	x	2,7	2,8	3,2	3,3	x	x	ABAIXO	OK	ABAIXO
			Estadual	3,2	3,1	3,4	3,5	3,4	x	x	ABAIXO	OK	ABAIXO
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	x	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado					
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013	
PA	São João da Ponta *UCA TOTAL	EMEI 15 de Agosto (não consta no site do IDEB)	IDEB observado	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	
			Meta Projetada	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Municipal	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Estadual	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Nacional	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x

Dados				Anos					Relação com ente federado					
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013	
PA	São João da Ponta *UCA TOTAL	EMEIF Prof. Teodoro P. Gurjão (dados insuficientes no site do IDEB)	IDEB observado	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	
			Meta Projetada	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Municipal	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Estadual	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Nacional	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x

Dados				Anos					Relação com ente federado					
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013	
PA	São João da Ponta *UCA TOTAL	EMEIF Profª Clarinda M. Rod. (dados insuficientes no site do IDEB)	IDEB observado	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	
			Meta Projetada	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Municipal	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Estadual	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Nacional	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
PA	São João da Ponta *UCA TOTAL	EMEIF Prof. Feliciano Rodrigues (4ª S / 5º A)	IDEB observado	x	x	2,6	2,7	3,0	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	x	2,9	3,1	x	x	x	ABAIXO	ABAIXO
			Municipal	2,4	2,7	3,0	x	4,4	x	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Estadual	2,7	3,0	3,6	4,0	3,8	x	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	x	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado					
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013	
PB	Bananeiras	ESC N. EST Prof. Pedro A. de Almeida (dados insuficientes no site do IDEB)	IDEB observado	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	
			Meta Projetada	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Municipal	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Estadual	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Nacional	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
PB	Brejo do Cruz	EMEF Professora Terezinha Garcia Pereira (4ª S / 5º A)	IDEB observado	3,5	3,1	3,9	4,4	5,0	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	3,6	3,9	4,3	4,6	x	ABAIXO	OK	OK	OK
			Municipal	2,7	2,6	3,3	3,9	4,4	OK	OK	OK	OK	OK
			Estadual	2,7	3,3	3,6	4,0	4,2	OK	ABAIXO	OK	OK	OK
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
PB	Brejo do Cruz	EMEF Professora Terezinha Garcia Pereira (8ª S / 9º A)	IDEB observado	x	x	3,6	4,0	4,0	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	x	3,7	4,0	x	x	x	OK	OK
			Municipal	2,7	2,3	3,0	2,9	3,3	x	x	OK	OK	OK
			Estadual	2,5	2,8	2,9	3,1	3,2	x	x	OK	OK	OK
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	x	x	ABAIXO	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
PB	Campina Grande	EEEF NSA do Rosário (4ª S / 5º A)	IDEB observado	4,5	4,2	4,8	4,7	5,1	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	4,6	4,9	5,3	5,6	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Municipal	3,1	3,4	3,8	4,2	4,3	OK	OK	OK	OK	OK
			Estadual	2,7	3,3	3,6	4,0	4,2	OK	OK	OK	OK	OK
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	OK	OK	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
PB	Campina Grande	EEEF NSA do Rosário (8ª S / 9º A)	IDEB observado	2,8	2,9	2,8	3,5	4,5	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	2,9	3,0	3,3	3,7	x	OK	ABAIXO	OK	OK
			Municipal	2,6	2,8	2,7	2,9	3,0	OK	OK	OK	OK	OK
			Estadual	2,5	2,8	2,9	3,1	3,2	OK	OK	ABAIXO	OK	OK
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
PB	Campina Grande	EMEF Rotary Dr. Francisco Brasileiro (4ª S / 5º A)	IDEB observado	2,9	3,1	2,7	3,5	3,5	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	3	3,3	3,7	4,0	x	OK	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Municipal	3,1	3,4	3,8	4,2	4,3	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Estadual	2,7	3,3	3,6	4,0	4,2	OK	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
PB	Campina Grande	EMEF Rotary Dr. Francisco Brasileiro (8ª S / 9º A)	IDEB observado	x	2,3	1,9	3,2	3,4	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	2,3	2,5	2,8	x	x	ABAIXO	OK	OK
			Municipal	2,6	2,8	2,7	2,9	3,0	x	ABAIXO	ABAIXO	OK	OK
			Estadual	2,5	2,8	2,9	3,1	3,2	x	ABAIXO	ABAIXO	OK	OK
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
PB	Campina Grande	Escola Municipal CEAI Dr. Elpídio de Almeida (4ª S / 5º A)	IDEB observado	2,6	2,8	3,7	4,0	4,0	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	2,6	3,0	3,4	3,6	x	OK	OK	OK	OK
			Municipal	3,1	3,4	3,8	4,2	4,3	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Estadual	2,7	3,3	3,6	4,0	4,2	ABAIXO	ABAIXO	OK	OK	ABAIXO
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
PB	Catolé do Rocha	EEEIEF João Suassuna (4ª S / 5º A)	IDE B observado	3,7	3,8	4,6	5,0	4,2	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	3,8	4,1	4,6	4,8	x	OK	OK	OK	ABAIXO
			Municipal	3,3	3,6	4,2	4,4	4,4	OK	OK	OK	OK	ABAIXO
			Estadual	2,7	3,3	3,6	4,0	4,2	OK	OK	OK	OK	OK
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	OK	ABAIXO	OK	OK	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
PB	João Pessoa	EEEF DES Boto de Menezes (4ª S / 5º A)	IDE B observado	3,7	3,9	4,0	4,6	5,1	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	3,7	4,1	4,5	4,8	x	OK	ABAIXO	OK	OK
			Municipal	3,1	3,5	3,9	4,4	4,5	OK	OK	OK	OK	OK
			Estadual	2,7	3,3	3,6	4,0	4,2	OK	OK	OK	OK	OK
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	OK	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
PB	Nazare-zinho	EMEIEF Amelia Maria Sarmiento (4ª S / 5º A)	IDE B observado	2,2	3,4	3,1	3,7	4,0	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	2,3	2,7	3,2	3,5	x	OK	OK	OK	OK
			Municipal	2,5	3,7	3,6	3,5	3,9	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	OK	OK
			Estadual	2,7	3,3	3,6	4,0	4,2	ABAIXO	OK	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
PB	Patos	EMEF Dona Zefinha Mora (4ª S / 5º A)	IDE B observado	x	3,1	3,0	3,3	3,9	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	3,2	3,6	3,9	x	x	ABAIXO	ABAIXO	OK
			Municipal	2,7	3,4	3,9	4,2	4,3	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Estadual	2,7	3,3	3,6	4,0	4,2	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
PB	Sapé	EEEF Fazenda Buracão (4ª S / 5º A)	IDE B observado	x	x	2,2	2,8	x	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	x	2,6	2,8	x	x	x	OK	x
			Municipal	2,6	2,9	3,3	3,6	3,9	x	x	ABAIXO	ABAIXO	x
			Estadual	2,7	3,3	3,6	4,0	4,2	x	x	ABAIXO	ABAIXO	x
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	x	x	ABAIXO	ABAIXO	x

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
PB	Sapé	EEEF Fazenda Buracão (8ª S / 9º A)	IDE B observado	x	x	3,1	3,1	3,3	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	x	3,2	3,5	x	OK	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Municipal	2,1	2,5	2,7	2,6	2,7	OK	OK	OK	OK	OK
			Estadual	2,5	2,8	2,9	3,1	3,2	OK	OK	OK	OK	OK
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	OK	OK	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado					
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013	
PB	Vieirópolis	EEEFM Maria Moreira Pinto (dados insuficientes no site do IDEB)	IDE B observado	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	
			Meta Projetada	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Municipal	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Estadual	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Nacional	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
PR	Almirante Tamandaré	Floripa Teixeira de Faria CEEFM (8ª S / 9º A)	IDE B observado	3,3	3,8	4,3	3,4	3,7	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	3,4	3,5	3,8	4,2	x	OK	OK	ABAIXO	ABAIXO
			Municipal	2,9	3,3	3,3	3,3	3,5	OK	OK	OK	OK	OK
			Estadual	3,3	4,0	4,1	4,1	4,1	OK	ABAIXO	OK	ABAIXO	ABAIXO
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	OK	OK	OK	ABAIXO	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado					
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013	
PR	Apuca-rana	Antonio Vieira EMPEEF (dados insuficientes no site do IDEB)	IDE B observado	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	
			Meta Projetada	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Municipal	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Estadual	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Nacional	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x

Dados				Anos					Relação com ente federado					
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013	
PR	Boa Ventura de São Roque	Nossa Senhora Aparecida EMCEIEF (dados insuficientes no site do IDEB)	IDE B observado	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	
			Meta Projetada	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Municipal	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Estadual	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Nacional	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
PR	Campo Largo	Mauro Portugal EMEIEF (4ª S / 5º A)	IDE B observado	4,4	4,3	4,6	4,6	4,8	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	4,5	4,8	5,2	5,5	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Municipal	4,5	4,8	5,2	5,4	5,6	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Estadual	4,4	4,8	5,3	5,4	5,8	OK	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	OK	OK	OK	ABAIXO	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
PR	Cerro Azul	Augusto A. da Paixão CECEFM (8ª S / 9º A)	IDE B observado	x	x	3,7	3,1	3,7	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	x	3,8	4,1	x	x	x	ABAIXO	ABAIXO
			Municipal	3,6	4,3	4,0	4,0	3,9	x	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Estadual	3,3	4,0	4,1	4,1	4,1	x	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	x	x	OK	ABAIXO	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
PR	Curitiba	Escola Municipal CEI Julio Moreira (4ª S / 5º A)	IDEB observado	4,7	5,2	5,2	5,4	5,6	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	4,8	5,1	5,5	5,8	x	OK	OK	ABAIXO	ABAIXO
			Municipal	4,7	5,1	5,7	5,8	5,9	OK	OK	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Estadual	4,4	4,8	5,3	5,4	5,8	OK	OK	ABAIXO	OK	ABAIXO
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	OK	OK	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
PR	Curitiba	Gottlieb Mueller CEEFM (8ª S / 9º A)	IDEB observado	2,9	3,1	3,3	3,0	3,5	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	2,9	3,1	3,4	3,9	x	OK	OK	ABAIXO	ABAIXO
			Municipal	3,7	4,1	4,1	4,1	4,1	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Estadual	3,3	4,0	4,1	4,1	4,1	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado					
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013	
PR	Engenheiro Beltrão	Castelo Branco EMEIEF (dados insuficientes no site do IDEB)	IDEB observado	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	
			Meta Projetada	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Municipal	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Estadual	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Nacional	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
PR	Engenheiro Beltrão	Maria Aparecida Medeiro EMEF (4ª S / 5º A)	IDEB observado	4,4	4,6	5,1	5,9	5,7	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	4,5	4,8	5,2	5,5	x	OK	OK	OK	OK
			Municipal	4,3	4,6	5,1	5,9	5,8	OK	OK	OK	OK	ABAIXO
			Estadual	4,4	4,8	5,3	5,4	5,8	OK	ABAIXO	ABAIXO	OK	ABAIXO
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	OK	OK	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
PE	Caetés	Projeto de Assistência ao Menor Carente (4ª S / 5º A)	IDE B observado	x	x	2,6	3,5	x	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	x	2,9	3,2	x	x	x	OK	x
			Municipal	2,1	3,7	3,7	3,8	2,9	x	x	ABAIXO	ABAIXO	x
			Estadual	2,8	3,3	3,7	3,9	4,1	x	x	ABAIXO	ABAIXO	x
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	x	x	ABAIXO	ABAIXO	x

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
PE	Canho-tinho	Escola Pe. Antonio Callou de Alencar (8ª S / 9º A)	IDE B observado	3,2	3,1	3,6	4,6	4,6	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	3,2	3,4	3,7	4,1	x	ABAIXO	OK	OK	OK
			Municipal	2,2	2,6	3,2	4,1	3,8	OK	OK	OK	OK	OK
			Estadual	2,4	2,6	3,0	3,2	3,4	OK	OK	OK	OK	OK
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	OK	ABAIXO	ABAIXO	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
PE	Gara-nhuns	Esc. Municipal Ranser Alexandre Gomes (4ª S / 5º A)	IDE B observado	x	3,1	3,6	4,2	4,2	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	3,3	3,6	3,9	x	x	OK	OK	OK
			Municipal	2,9	3,2	3,7	3,9	4,1	x	ABAIXO	ABAIXO	OK	OK
			Estadual	2,8	3,3	3,7	3,9	4,1	x	ABAIXO	ABAIXO	OK	OK
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
PE	Ingazeira	Escola Municipal Argemiro Ferreira Veras (4ª S / 5º A)	IDE B observado	x	3,5	3,9	4,8	4,9	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	3,7	4,1	4,3	x	x	OK	OK	OK
			Municipal	x	3,8	4,2	4,8	4,9	x	ABAIXO	ABAIXO	OK	OK
			Estadual	2,8	3,3	3,7	3,9	4,1	x	OK	OK	OK	OK
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	x	ABAIXO	ABAIXO	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
PE	Recife	Colégio de Aplicação do CE da UFPE (8ª S / 9º A)	IDEB observado	x	8,2	8,0	8,1	8,4	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	8,3	8,3	8,5	8,6	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Municipal	2,4	2,3	2,8	3,1	3,5	x	OK	OK	OK	OK
			Estadual	2,4	2,6	3,0	3,2	3,4	x	OK	OK	OK	OK
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	x	OK	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
PE	Recife	Escola Municipal General Emídio Dantas Barreto (4ª S / 5º A)	IDEB observado	3,9	3,1	3,6	3,8	x	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	3,9	4,3	4,7	5,0	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	x
			Municipal	3,3	3,8	4,1	4,1	4,3	OK	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	x
			Estadual	2,8	3,3	3,7	3,9	4,1	OK	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	x
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	OK	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	x

Dados				Anos					Relação com ente federado					
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013	
PE	Surubim	Esc. de Ref.em E M Natalícia Mª Figueiredo (dados insuf. no site do IDEB)	IDEB observado	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	
			Meta Projetada	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Municipal	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Estadual	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Nacional	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
PI	Floriano	Esc Mul Raimundinha Carvalho (4ª S / 5º A)	IDEB observado	2,9	3,6	4,2	4,1	4,5	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	3,0	3,3	3,7	4,0	x	OK	OK	OK	OK
			Municipal	3,1	3,5	4,2	4,7	4,6	ABAIXO	OK	OK	ABAIXO	ABAIXO
			Estadual	2,9	3,3	3,8	4,1	4,1	OK	OK	OK	OK	OK
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado					
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013	
PI	Joaquim Pires	Unid Esc José Mendes Vasconcelos (não consta no site do IDEB)	IDE B observado	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	
			Meta Projetada	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Municipal	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Estadual	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Nacional	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x

Dados				Anos					Relação com ente federado					
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013	
PI	Nazaria	Unid Esc Hilton Leite de Carvalho (não consta no site do IDEB)	IDE B observado	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	
			Meta Projetada	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Municipal	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Estadual	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Nacional	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
PI	Oeiras	Unid Esc Armando Burlamaqui (4ª S / 5º A)	IDE B observado	3,6	4,5	5,1	5,0	x	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	3,6	4,0	4,4	4,7	x	OK	OK	OK	x
			Municipal	3,0	3,6	4,1	4,3	4,0	OK	OK	OK	OK	x
			Estadual	2,9	3,3	3,8	4,1	4,1	OK	OK	OK	OK	x
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	OK	OK	OK	OK	x

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
PI	Parnaíba	Esc Mul Prof. José Rodrigues e Silva (4ª S / 5º A)	IDE B observado	3,3	3,8	4,0	3,3	3,7	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	3,3	3,7	4,1	4,4	x	OK	OK	ABAIXO	ABAIXO
			Municipal	3,0	3,7	3,9	4,0	4,1	OK	OK	OK	ABAIXO	ABAIXO
			Estadual	2,9	3,3	3,8	4,1	4,1	OK	OK	OK	ABAIXO	ABAIXO
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
PI	Piripiri	Centro Educ Mul Maria de Lourdes Assunção (4ª S / 5º A)	IDE B observado	3	2,5	3,9	4,1	4,3	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	3,0	3,4	3,8	4,1	x	ABAIXO	OK	OK	OK
			Municipal	3,3	3,3	4,2	4,0	4,5	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	OK	ABAIXO
			Estadual	2,9	3,3	3,8	4,1	4,1	OK	ABAIXO	OK	OK	OK
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
PI	Piripiri	Centro Educ Mul Maria de Lourdes Assunção (8ª S / 9º A)	IDE B observado	3,5	3,5	3,7	3,7	x	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	3,5	3,6	3,9	4,3	x	OK	OK	ABAIXO	x
			Municipal	3,6	3,8	4,0	4,1	4,4	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	x
			Estadual	2,8	3,2	3,5	3,6	3,6	OK	OK	OK	OK	x
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	OK	OK	OK	ABAIXO	x

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
PI	São João do Piauí	Unidade Escolar Areolino de Abreu (Escola Inativa) (4ª S / 5º A)	IDE B observado	2,2	x	3,6	3,3	x	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	2,2	2,5	2,9	3,2	x	x	OK	OK	x
			Municipal	2,5	3,1	3,6	4,5	3,2	ABAIXO	x	OK	ABAIXO	x
			Estadual	2,9	3,3	3,8	4,1	4,1	ABAIXO	x	ABAIXO	ABAIXO	x
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	ABAIXO	x	ABAIXO	ABAIXO	x

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
PI	Teresina	Escola Municipal Galileu Veloso (4ª S / 5º A)	IDE B observado	5,0	4,8	5,1	5,3	5,3	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	5,1	5,4	5,8	6,0	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Municipal	3,8	4,0	4,8	5,0	4,9	OK	OK	OK	OK	OK
			Estadual	2,9	3,3	3,8	4,1	4,1	OK	OK	OK	OK	OK
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	OK	OK	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
PI	União	Unid Esc Benedito Moura (4ª S / 5º A)	IDEB observado	2,8	2,8	4,0	4,1	x	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	2,9	3,2	3,6	3,9	x	ABAIXO	OK	OK	x
			Municipal	2,4	2,9	3,6	3,6	3,4	OK	ABAIXO	OK	OK	x
			Estadual	2,9	3,3	3,8	4,1	4,1	ABAIXO	ABAIXO	OK	OK	x
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	x

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
RJ	Angra dos Reis	EM Brigadeiro Nóbrega (4ª S / 5º A)	IDEB observado	4,1	4,8	4,6	4,7	5,5	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	4,2	4,5	4,9	5,2	x	OK	OK	ABAIXO	OK
			Municipal	3,6	4,4	4,3	5,1	5,1	OK	OK	OK	ABAIXO	OK
			Estadual	4,0	4,1	4,4	4,8	4,9	OK	OK	OK	ABAIXO	OK
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	OK	OK	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
RJ	Angra dos Reis	EM Brigadeiro Nóbrega (8ª S / 9º A)	IDEB observado	x	2,9	4,2	4,2	3,9	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	3,1	3,4	3,8	4,2	x	x	OK	OK	ABAIXO
			Municipal	3,2	3,0	3,0	3,6	3,4	x	ABAIXO	OK	OK	OK
			Estadual	3,2	3,5	3,4	3,7	3,9	x	ABAIXO	OK	OK	OK
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	x	ABAIXO	OK	OK	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
RJ	Arraial do Cabo	CE Vinte de Julho (8ª S / 9º A)	IDEB observado	3,8	2,9	2,8	3,8	x	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	3,8	4,0	4,2	4,6	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	x
			Municipal	3,2	2,9	3,1	4,2	2,8	OK	OK	ABAIXO	ABAIXO	x
			Estadual	3,2	3,5	3,4	3,7	3,9	OK	ABAIXO	ABAIXO	OK	x
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	OK	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	x

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
RJ	Nova Iguaçu	EE Mestre Hiram (8ª S / 9º A)	IDEB observado	4,6	4,2	4,9	4,9	6,4	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	4,6	4,7	5,0	5,4	x	ABAIXO	OK	ABAIXO	OK
			Municipal	3,6	3,8	3,9	4,1	3,9	OK	OK	OK	OK	OK
			Estadual	3,2	3,5	3,4	3,7	3,9	OK	OK	OK	OK	OK
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	OK	OK	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
RJ	Piraí	CIEP 477 Professora Rosa da Conceição Guedes (4ª S / 5º A)	IDEB observado	2,6	4,2	4,5	4,9	4,4	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	2,7	3,1	3,6	3,9	x	OK	OK	OK	OK
			Municipal	4,2	4,8	4,9	5,2	5,1	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Estadual	4,0	4,1	4,4	4,8	4,9	ABAIXO	OK	OK	OK	ABAIXO
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	ABAIXO	OK	OK	OK	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
RJ	Piraí	CIEP 477 Professora Rosa da Conceição Guedes (8ª S / 9º A)	IDEB observado	x	4,0	4,5	4,2	4,2	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	4,1	4,3	4,7	x	x	OK	ABAIXO	ABAIXO
			Municipal	4,0	3,8	4,1	4,4	4,6	x	OK	OK	ABAIXO	ABAIXO
			Estadual	3,2	3,5	3,4	3,7	3,9	x	OK	OK	OK	OK
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	x	OK	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
RJ	Rio das Flores	Escola Municipal Santa Tereza (4ª S / 5º A)	IDEB observado	x	4,3	3,9	4,7	4,9	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	4,5	4,8	5,1	x	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Municipal	3,9	4,2	4,6	4,6	4,7	x	OK	ABAIXO	OK	OK
			Estadual	4,0	4,1	4,4	4,8	4,9	x	OK	ABAIXO	ABAIXO	OK
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	x	OK	ABAIXO	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
RN	Ceará-Mirim	EE General João Varela (4ª S / 5º A)	IDE B observado	3,4	3,4	3,4	3,7	x	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	3,4	3,8	4,2	4,5	x	OK	ABAIXO	ABAIXO	x
			Municipal	2,2	2,7	2,9	3,5	3,5	OK	OK	OK	OK	x
			Estadual	2,5	3,2	3,5	3,8	4,0	OK	OK	ABAIXO	ABAIXO	x
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	x

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
RN	Extremoz	EE Manoel Carneiro da Cunha (4ª S / 5º A)	IDE B observado	x	x	2,6	2,6	x	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	x	2,9	3,2	x	x	x	ABAIXO	x
			Municipal	2,8	2,7	3,0	3,3	3,4	x	x	ABAIXO	ABAIXO	x
			Estadual	2,5	3,2	3,5	3,8	4,0	x	x	ABAIXO	ABAIXO	x
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	x	x	ABAIXO	ABAIXO	x

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
RN	Extremoz	EE Manoel Carneiro da Cunha (8ª S / 9º A)	IDE B observado	x	x	3,5	3,5	3,5	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	x	3,6	3,9	x	x	x	ABAIXO	ABAIXO
			Municipal	2,7	2,7	3,0	3,1	3,1	x	x	OK	OK	OK
			Estadual	2,5	2,8	2,9	3,0	3,2	x	x	OK	OK	OK
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	x	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
RN	Ipanguaçu	Esc. Municipal Profª Francisca da Saete Ribeiro Barros (4ª S / 5º A)	IDE B observado	x	x	2,8	3,7	3,6	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	x	3,1	3,4	x	x	x	OK	OK
			Municipal	2,6	2,8	2,5	3,4	3,1	x	x	OK	OK	OK
			Estadual	2,5	3,2	3,5	3,8	4,0	x	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	x	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
RN	Parana-mirim	Escola Estadual Maria Cristina Ens de 1 grau (4ª S / 5º A)	IDE B observado	3,3	3,1	2,9	3,6	x	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	3,4	3,7	4,1	4,4	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	x
			Municipal	3,2	3,7	4,0	4,1	4,2	OK	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	x
			Estadual	2,5	3,2	3,5	3,8	4,0	OK	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	x
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	x

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
RN	Parana-mirim	Escola Estadual Maria Cristina Ens de 1 grau (8ª S / 9º A)	IDE B observado	x	2,9	3,3	3,4	x	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	3,0	3,2	3,5	x	x	OK	OK	x
			Municipal	2,9	3,2	3,2	3,2	3,4	x	ABAIXO	OK	OK	x
			Estadual	2,5	2,8	2,9	3,0	3,2	x	OK	OK	OK	x
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	x

Dados				Anos					Relação com ente federado					
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013	
RN	Santa Cruz	Unidade VII João de Oliveira Confessor (não consta no site do IDEB)	IDE B observado	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	
			Meta Projetada	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Municipal	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Estadual	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Nacional	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
RN	São Paulo do Potengi	Esc. Municipal Professora Francisca Azevedo (4ª S / 5º A)	IDE B observado	2,5	4,2	3,3	3,3	3,8	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	2,6	2,9	3,3	3,6	x	OK	OK	OK	OK
			Municipal	2,8	3,4	3,2	3,8	3,7	ABAIXO	OK	OK	ABAIXO	OK
			Estadual	2,5	3,2	3,5	3,8	4,0	OK	OK	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	ABAIXO	OK	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado					
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013	
RS	Arambaré	Esc Mun Ens Fund Gustavo Xavier (dados insuficientes no site do IDEB)	IDE B observado	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	
			Meta Projetada	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Municipal	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Estadual	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Nacional	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x

Dados				Anos					Relação com ente federado					
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013	
RS	Arroio do Sal	Esc. Est. de Ensino Fund. Prof. Dietschi (não consta no site do IDEB)	IDE B observado	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	
			Meta Projetada	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Municipal	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Estadual	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Nacional	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
RS	Bagé	Esc Mun Ens Fun Reny Rosa Collares (4ª S / 5º A)	IDE B observado	3,2	4,2	3,7	4,7	4,4	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	3,3	3,6	4,0	4,3	x	OK	OK	OK	OK
			Municipal	3,4	4,1	4,2	4,8	5,0	ABAIXO	OK	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Estadual	4,1	4,5	4,7	5,1	5,4	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	ABAIXO	OK	ABAIXO	OK	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
RS	Candiota	Esc Mun de Ens Fund Neli Betemps (8ª S / 9º A)	IDE B observado	x	3,1	3,7	3,4	3,3	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	3,2	3,4	3,7	x	x	OK	OK	ABAIXO
			Municipal	3,6	4,0	3,9	4,6	4,9	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Estadual	3,6	3,7	3,9	3,9	4,0	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	x	ABAIXO	OK	ABAIXO	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado					
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013	
RS	Candiota	Esc Mun Ens Fun Santa Izabel (dados insuficientes no site do IDEB)	IDE B observado	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	
			Meta Projetada	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Municipal	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Estadual	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Nacional	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
RS	Canela	Esc Mun Ens Fun Santa Terezinha (4ª S / 5º A)	IDE B observado	x	4,5	4,7	5,8	5,6	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	4,7	5,0	5,3	x	x	OK	OK	OK
			Municipal	4,2	4,6	4,8	5,4	5,6	x	ABAIXO	ABAIXO	OK	OK
			Estadual	4,1	4,5	4,7	5,1	5,4	x	OK	OK	OK	OK
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	x	OK	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
RS	Canela	Esc Mun Ens Fun Santa Terezinha (8ª S / 9º A)	IDE B observado	x	x	4,6	4,3	4,0	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	x	4,8	5,1	x	x	x	ABAIXO	ABAIXO
			Municipal	4,1	4,0	4,3	4,1	4,2	x	x	OK	OK	ABAIXO
			Estadual	3,6	3,7	3,9	3,9	4,0	x	x	OK	OK	OK
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	x	x	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
RS	Canguçu	EMEF Heitor Soares Ribeiro (4ª S / 5º A)	IDE B observado	x	x	5,2	5,6	5,3	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	x	5,4	5,7	x	x	x	OK	ABAIXO
			Municipal	4,2	4,6	5,5	5,5	5,7	x	x	ABAIXO	OK	ABAIXO
			Estadual	4,1	4,5	4,7	5,1	5,4	x	x	OK	OK	ABAIXO
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	x	x	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
RS	Carazinho	Esc Est Ens Fun Manuel Arruda Câmara (4ª S / 5º A)	IDE B observado	3,9	5,3	5,2	5,6	5,3	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	3,9	4,3	4,7	5,0	x	OK	OK	OK	OK
			Municipal	3,9	4,6	5,0	5,2	5,7	OK	OK	OK	OK	ABAIXO
			Estadual	4,1	4,5	4,7	5,1	5,4	ABAIXO	OK	OK	OK	ABAIXO
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	OK	OK	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
RS	Carazinho	Esc Est Ens Fun Manuel Arruda Câmara (8ª S / 9º A)	IDE B observado	3,7	4,3	4,4	4,3	3,8	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	3,8	3,9	4,2	4,6	x	OK	OK	OK	ABAIXO
			Municipal	4,1	4,2	4,2	4,2	3,9	ABAIXO	OK	OK	OK	ABAIXO
			Estadual	3,6	3,7	3,9	3,9	4,0	OK	OK	OK	OK	ABAIXO
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	OK	OK	OK	OK	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
RS	Caxias do Sul	Esc Mun Ens Fun Caldas Junior (4ª S / 5º A)	IDE B observado	5,6	5,7	6,4	6,2	6,6	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	5,6	5,9	6,3	6,5	x	OK	OK	ABAIXO	OK
			Municipal	4,5	5,1	5,4	5,7	5,7	OK	OK	OK	OK	OK
			Estadual	4,1	4,5	4,7	5,1	5,4	OK	OK	OK	OK	OK
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	OK	OK	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
RS	Caxias do Sul	Esc Mun Ens Fun Caldas Junior (8ª S / 9º A)	IDE B observado	4,5	5,5	5,4	5,5	5,5	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	4,5	4,6	4,9	5,3	x	OK	OK	OK	OK
			Municipal	4,1	4,3	4,7	4,5	4,5	OK	OK	OK	OK	OK
			Estadual	3,6	3,7	3,9	3,9	4,0	OK	OK	OK	OK	OK
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	OK	OK	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado					
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013	
RS	Ijuí	EEEF Osvaldo Aranha (dados insuficientes no site do IDEB)	IDEB observado	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	
			Meta Projetada	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Municipal	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Estadual	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Nacional	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x

Dados				Anos					Relação com ente federado					
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013	
RS	Lagoa dos Três Cantos	EMEF Dona Leopoldina (não consta no site do IDEB)	IDEB observado	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	
			Meta Projetada	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Municipal	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Estadual	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Nacional	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x

Dados				Anos					Relação com ente federado					
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013	
RS	Novo Hambur-go	Esc Mun Ens Fun Marcos Moog (dados insuficientes no site do IDEB)	IDEB observado	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	
			Meta Projetada	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Municipal	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Estadual	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Nacional	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
RS	Novo Hambur-go	Esc Mun Ens Fun Pres Getúlio D. Vargas (4ª S / 5º A)	IDEB observado	4,6	4,8	4,4	5,9	6,9	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	4,7	5,0	5,4	5,7	x	OK	ABAIXO	OK	OK
			Municipal	4,5	4,8	4,9	5,4	5,6	OK	OK	ABAIXO	OK	OK
			Estadual	4,1	4,5	4,7	5,1	5,4	OK	OK	ABAIXO	OK	OK
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	OK	OK	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
RS	Novo Hamburgo	Esc Mun Ens Fun Pres Getúlio D. Vargas (8ª S / 9º A)	IDEB observado	x	x	4,5	4,9	5,6	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	x	4,7	5,0	x	x	x	OK	OK
			Municipal	3,5	3,7	3,7	3,9	3,8	x	x	OK	OK	OK
			Estadual	3,6	3,7	3,9	3,9	4,0	x	x	OK	OK	OK
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	x	x	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
RS	Panambi	EMEF Presidente Costa e Silva (4ª S / 5º A)	IDEB observado	4,7	4,6	4,8	4,8	4,9	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	4,7	5,0	5,4	5,7	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Municipal	4,4	4,9	5,4	5,6	5,9	OK	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Estadual	4,1	4,5	4,7	5,1	5,4	OK	OK	OK	ABAIXO	ABAIXO
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	OK	OK	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
RS	Panambi	EMEF Presidente Costa e Silva (8ª S / 9º A)	IDEB observado	4,1	4,0	3,6	3,8	3,5	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	4,2	4,3	4,6	5,0	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Municipal	4,1	4,3	4,5	4,4	4,6	OK	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Estadual	3,6	3,7	3,9	3,9	4,0	OK	OK	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	OK	OK	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
RS	Portão	Esc Mun Ens Fun Vila São Jorge (4ª S / 5º A)	IDEB observado	4,6	4,6	5,1	5,9	5,6	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	4,7	5,0	5,4	5,7	x	ABAIXO	OK	OK	ABAIXO
			Municipal	4,3	4,7	4,8	5,5	5,4	OK	ABAIXO	OK	OK	OK
			Estadual	4,1	4,5	4,7	5,1	5,4	OK	OK	OK	OK	OK
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	OK	OK	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado					
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013	
RS	Quaraí	EMEF João Tubino (não consta no site do IDEB)	IDE B observado	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	
			Meta Projetada	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Municipal	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Estadual	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Nacional	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x

Dados				Anos					Relação com ente federado					
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013	
RS	Quaraí	Esc Mun Ens Fun Emílio Callo (dados insuficientes no site do IDEB)	IDE B observado	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	
			Meta Projetada	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Municipal	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Estadual	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Nacional	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
RS	Santo Ângelo	Esc Est de Ens Fun Madre Catarina Lepori (4ª S / 5º A)	IDE B observado	3,8	4,4	4,8	5,2	5,8	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	3,9	4,2	4,6	4,9	x	OK	OK	OK	OK
			Municipal	4,3	4,5	4,9	5,1	5,6	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	OK	OK
			Estadual	4,1	4,5	4,7	5,1	5,4	ABAIXO	ABAIXO	OK	OK	OK
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	OK	OK	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
RS	Sapucaia do Sul	Esc Est Ens Fun Miguel Gustavo (4ª S / 5º A)	IDE B observado	4,1	4,6	5,6	5,0	5,9	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	4,2	4,5	4,9	5,2	x	OK	OK	OK	OK
			Municipal	3,8	4,2	4,7	5,2	5,2	OK	OK	OK	ABAIXO	OK
			Estadual	4,1	4,5	4,7	5,1	5,4	OK	OK	OK	ABAIXO	OK
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	OK	OK	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
RO	Ariquemes	EEEFM Jardim das Pedras (4ª S / 5º A)	IDE B observado	4,0	4,0	5,0	4,8	4,9	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	4,0	4,4	4,8	5,0	x	OK	OK	OK	ABAIXO
			Municipal	3,7	3,9	4,4	4,6	4,9	OK	OK	OK	OK	OK
			Estadual	3,5	3,9	4,3	4,6	5,1	OK	OK	OK	OK	ABAIXO
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	OK	OK	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
RO	Ariquemes	EEEFM Jardim das Pedras (8ª S / 9º A)	IDE B observado	x	3,6	3,8	3,9	4,0	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	3,7	3,9	4,2	x	x	OK	OK	ABAIXO
			Municipal	3,5	3,2	3,5	4,0	4,2	x	OK	OK	ABAIXO	ABAIXO
			Estadual	3,1	3,3	3,5	3,6	3,8	x	OK	OK	OK	OK
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	x	OK	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
RO	Caculândia	EMEF Nelso Alquieri (4ª S / 5º A)	IDE B observado	x	3	4,1	4,7	5,1	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	3,2	3,5	3,8	x	x	OK	OK	OK
			Municipal	x	3,5	4,2	4,8	5,1	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	OK
			Estadual	3,5	3,9	4,3	4,6	5,1	x	ABAIXO	ABAIXO	OK	OK
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	x	ABAIXO	ABAIXO	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
RO	Ji-Paraná	EMEF Prof. Irineu Antonio Dresch (8ª S / 9º A)	IDE B observado	x	x	3,7	5,0	5,0	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	x	3,9	4,2	x	x	x	OK	OK
			Municipal	3,4	3,3	3,3	3,7	3,9	x	x	OK	OK	OK
			Estadual	3,1	3,3	3,5	3,6	3,8	x	x	OK	OK	OK
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	x	x	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
RO	Ouro Preto do Oeste	EEEF Joaquim Nabuco (4ª S / 5º A)	IDE B observado	3,8	3,5	4,4	4,5	6,4	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	3,8	4,2	4,6	4,9	x	ABAIXO	OK	ABAIXO	OK
			Municipal	3,5	3,9	4,2	4,6	5,5	OK	ABAIXO	OK	ABAIXO	OK
			Estadual	3,5	3,9	4,3	4,6	5,1	OK	ABAIXO	OK	ABAIXO	OK
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	OK	ABAIXO	OK	ABAIXO	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado					
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013	
RO	Porto Velho	EEEF Gov. Paulo Nunes Leal (dados insuficientes no site do IDEB)	IDE B observado	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	
			Meta Projetada	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Municipal	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Estadual	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Nacional	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
RO	Porto Velho	EMEF João Ribeiro Soares (4ª S / 5º A)	IDE B observado	3,6	4,3	5,3	4,9	5,8	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	3,7	4,0	4,4	4,7	x	OK	OK	OK	OK
			Municipal	3,6	3,9	4,2	4,3	4,6	OK	OK	OK	OK	OK
			Estadual	3,5	3,9	4,3	4,6	5,1	OK	OK	OK	OK	OK
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	OK	OK	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
RO	Rolim de Moura	EEEF Maria Comandolli Lira (4ª S / 5º A)	IDE B observado	3,8	3,7	4,8	4,3	4,8	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	3,8	4,2	4,6	4,9	x	ABAIXO	OK	ABAIXO	ABAIXO
			Municipal	4,0	4,0	4,5	4,8	5,5	ABAIXO	ABAIXO	OK	ABAIXO	ABAIXO
			Estadual	3,5	3,9	4,3	4,6	5,1	OK	ABAIXO	OK	ABAIXO	ABAIXO
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	OK	ABAIXO	OK	ABAIXO	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado					
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013	
RR	Boa Vista	Escola Estadual Boas Novas (Escola Inativa)	IDEB observado	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	
			Meta Projetada	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Municipal	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Estadual	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Nacional	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
RR	Bonfim	Escola Municipal Maciel Ribeiro Vicente da Silva (4ª S / 5º A)	IDEB observado	3,6	3,4	3,3	3,5	3,7	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	3,7	4,0	4,4	4,7	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Municipal	3,1	3,9	3,4	3,9	3,7	OK	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	OK
			Estadual	3,6	4,1	4,2	4,5	4,8	OK	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	OK	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
RR	Bonfim	Escola Municipal Maciel Ribeiro Vicente da Silva (8ª S / 9º A)	IDEB observado	x	x	3,3	3,4	3,8	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	x	3,5	3,8	x	x	x	ABAIXO	OK
			Municipal	3,6	3,7	3,5	3,5	3,1	x	x	ABAIXO	ABAIXO	OK
			Estadual	3,2	3,5	3,7	3,6	3,5	x	x	ABAIXO	ABAIXO	OK
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	x	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
RR	Cantá	Esc Mun Tia Ercília (4ª S / 5º A)	IDEB observado	x	x	3,7	3,5	4,0	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	x	4,0	4,3	x	x	x	ABAIXO	ABAIXO
			Municipal	2,9	3,5	3,6	3,2	x	x	x	OK	OK	x
			Estadual	3,6	4,1	4,2	4,5	4,8	x	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	x	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
RR	Mucajá	Escola Estadual Antônio Nascimento Fº (Escola Inativa) (8ª S / 9º A)	IDEB observado	x	3,1	3,5	2,8	x	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	3,2	3,4	3,8	x	x	OK	ABAIXO	x
			Municipal	3,2	3,3	3,0	3,0	3,8	x	ABAIXO	OK	ABAIXO	x
			Estadual	3,2	3,5	3,7	3,6	3,5	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	x
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	x

Dados				Anos					Relação com ente federado					
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013	
RR	Pacaraima	Esc. Est. Ind. Tuxaua Antônio Horácio (dados insuficientes no site do IDEB)	IDEB observado	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	
			Meta Projetada	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Municipal	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Estadual	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Nacional	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
RR	Rorainópolis	Escola Estadual Tenente João Azevedo Cruz (4ª S / 5º A)	IDEB observado	x	x	3,5	4,0	x	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	x	3,8	4,1	x	x	x	OK	x
			Municipal	2,7	3,4	4,1	4,1	4,2	x	x	ABAIXO	ABAIXO	x
			Estadual	3,6	4,1	4,2	4,5	4,8	x	x	ABAIXO	ABAIXO	x
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	x	x	ABAIXO	ABAIXO	x

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
RR	Rorainópolis	Escola Estadual Tenente João Azevedo Cruz (8ª S / 9º A)	IDEB observado	x	x	3,3	3,0	2,0	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	x	3,4	3,7	x	x	x	ABAIXO	ABAIXO
			Municipal	3,2	3,0	3,3	3,1	3,1	x	x	OK	ABAIXO	ABAIXO
			Estadual	3,2	3,5	3,7	3,6	3,5	x	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	x	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
SC	Agrolân-dia	Centro de Educação Adolfo Hedel (4ª S / 8º A)	IDE B observado	3,5	4,3	5,0	5,5	4,9	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	3,5	3,9	4,3	4,6	x	OK	OK	OK	OK
			Municipal	4,0	4,7	5,3	6,3	5,6	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Estadual	4,3	4,7	5,1	5,7	5,9	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	ABAIXO	OK	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
SC	Agrolân-dia	Centro de Educação Adolfo Hedel (8ª S / 9º A)	IDE B observado	3,7	4,1	4,0	5,3	4,2	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	3,7	3,9	4,1	4,5	x	OK	OK	OK	ABAIXO
			Municipal	4,1	4,2	3,8	5,1	4,0	ABAIXO	ABAIXO	OK	OK	OK
			Estadual	4,1	4,1	4,3	4,7	4,3	ABAIXO	OK	ABAIXO	OK	ABAIXO
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	OK	OK	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
SC	Brusque	EEF Padre Theodoro Becker (4ª S / 8º A)	IDE B observado	4,1	4,6	4,5	5,5	5,4	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	4,2	4,5	4,9	5,2	x	OK	OK	OK	OK
			Municipal	4,8	5,0	5,3	6,0	6,0	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Estadual	4,3	4,7	5,1	5,7	5,9	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	OK	OK	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
SC	Brusque	EEF Padre Theodoro Becker (8ª S / 9º A)	IDE B observado	2,8	4,0	4,4	4,8	3,1	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	2,8	2,9	3,2	3,6	x	OK	OK	OK	ABAIXO
			Municipal	4,1	4,4	4,3	4,9	4,3	ABAIXO	ABAIXO	OK	ABAIXO	ABAIXO
			Estadual	4,1	4,1	4,3	4,7	4,3	ABAIXO	ABAIXO	OK	OK	ABAIXO
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	ABAIXO	OK	OK	OK	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado					
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013	
SC	Caçador	EMEB da Esperança (dados insuficientes no site do IDEB)	IDEB observado	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	
			Meta Projetada	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Municipal	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Estadual	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Nacional	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
SC	Chapecó	EB Mun Pe. José Anchieta (4ª S / 8º A)	IDEB observado	4,3	4,4	4,8	5,3	5	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	4,3	4,7	5,1	5,4	x	OK	OK	OK	ABAIXO
			Municipal	4,5	4,6	5,2	6,0	6,0	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Estadual	4,3	4,7	5,1	5,7	5,9	OK	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	OK	OK	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
SC	Chapecó	EB Mun Pe. José Anchieta (8ª S / 9º A)	IDEB observado	x	3,9	4,6	4,5	3,9	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	4,0	4,2	4,6	x	x	OK	OK	ABAIXO
			Municipal	3,9	4,0	4,4	4,7	4,4	x	ABAIXO	OK	ABAIXO	ABAIXO
			Estadual	4,1	4,1	4,3	4,7	4,3	x	ABAIXO	OK	ABAIXO	ABAIXO
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	x	OK	OK	OK	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
SC	Chapecó	EEB Profª Sonia de Oliveira Zani (4ª S / 8º A)	IDEB observado	x	4,2	4,8	5,7	5,7	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	4,4	4,7	5,0	x	x	OK	OK	OK
			Municipal	4,5	4,6	5,2	6,0	6,0	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Estadual	4,3	4,7	5,1	5,7	5,9	x	ABAIXO	ABAIXO	OK	ABAIXO
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	x	OK	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
SC	Chapecó	EEB Profª Sonia de Oliveira Zani (8ª S / 9º A)	IDE B observado	3,4	3,9	3,7	4,6	3,9	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	3,4	3,6	3,9	4,3	x	OK	OK	OK	ABAIXO
			Municipal	3,9	4,0	4,4	4,7	4,4	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Estadual	4,1	4,1	4,3	4,7	4,3	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	OK	OK	OK	OK	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
SC	Florianópolis	Colégio de Aplicação UFSC (4ª S / 8º A)	IDE B observado	5,1	6,1	6,4	7,2	7,7	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	5,2	5,5	5,9	6,1	x	OK	OK	OK	OK
			Municipal	4,0	4,6	4,9	5,6	5,6	OK	OK	OK	OK	OK
			Estadual	4,3	4,7	5,1	5,7	5,9	OK	OK	OK	OK	OK
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	OK	OK	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
SC	Florianópolis	Colégio de Aplicação UFSC (8ª S / 9º A)	IDE B observado	x	5,8	5,7	5,9	4,7	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	5,9	6,1	6,4	x	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Municipal	3,7	3,9	4,2	4,5	3,8	x	OK	OK	OK	OK
			Estadual	4,1	4,1	4,3	4,7	4,3	x	OK	OK	OK	OK
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	x	OK	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
SC	Florianópolis	EB Vitor Miguel de Souza (4ª S / 8º A)	IDE B observado	4,2	4,9	4,9	6,0	6,9	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	4,3	4,6	5,0	5,3	x	OK	OK	OK	OK
			Municipal	4,0	4,6	4,9	5,6	5,6	OK	OK	OK	OK	OK
			Estadual	4,3	4,7	5,1	5,7	5,9	ABAIXO	OK	ABAIXO	OK	OK
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	OK	OK	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
SC	Florianópolis	EB Vitor Miguel de Souza (8ª S / 9º A)	IDE B observado	3,5	3,7	4,7	3,5	4,0	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	3,6	3,7	4,0	4,4	x	OK	OK	ABAIXO	ABAIXO
			Municipal	3,7	3,9	4,2	4,5	3,8	ABAIXO	ABAIXO	OK	ABAIXO	OK
			Estadual	4,1	4,1	4,3	4,7	4,3	ABAIXO	ABAIXO	OK	ABAIXO	ABAIXO
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	OK	OK	OK	ABAIXO	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
SC	Herval D'oeste	EEB Melo e Alvim (4ª S / 8º A)	IDE B observado	4,2	4,1	4,1	5,1	6,1	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	4,3	4,6	5,0	5,3	x	ABAIXO	ABAIXO	OK	OK
			Municipal	4,1	4,6	4,4	5,3	5,9	OK	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	OK
			Estadual	4,3	4,7	5,1	5,7	5,9	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	OK
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	OK	OK	ABAIXO	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
SC	Herval D'oeste	EEB Melo e Alvim (8ª S / 9º A)	IDE B observado	3,5	3,6	3,4	3,9	3,5	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	3,5	3,7	4,0	4,4	x	OK	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Municipal	4,3	4,2	3,9	4,4	3,6	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Estadual	4,1	4,1	4,3	4,7	4,3	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	OK	OK	ABAIXO	OK	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
SC	Jaraguá do Sul	Esc Mun Ens Fun Waldemar Schmitz (4ª S / 5º A)	IDE B observado	x	5,1	6,1	6,2	6,5	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	5,2	5,6	5,8	x	x	OK	OK	OK
			Municipal	5,0	5,1	5,5	6,1	6,2	x	OK	OK	OK	OK
			Estadual	4,3	4,7	5,1	5,7	5,9	x	OK	OK	OK	OK
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	x	OK	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
SC	Jaraguá do Sul	Esc Mun Ens Fun Waldemar Schmitz (8ª S / 9º A)	IDE B observado	x	4,8	5,3	5,5	5,7	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	4,9	5,1	5,4	x	x	OK	OK	OK
			Municipal	4,7	4,7	5,1	5,3	5,1	x	OK	OK	OK	OK
			Estadual	4,1	4,1	4,3	4,7	4,3	x	OK	OK	OK	OK
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	x	OK	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
SC	Joinville	EEB Francisco Eberhardt (8ª S / 9º A)	IDE B observado	x	x	4,4	4,4	3,7	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	x	4,6	4,9	x	x	x	ABAIXO	ABAIXO
			Municipal	4,4	4,5	4,9	5,2	5,1	x	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Estadual	4,1	4,1	4,3	4,7	4,3	x	x	OK	ABAIXO	ABAIXO
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	x	x	OK	OK	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
SC	São Bonifácio	EEb São Tarcísio (4ª S / 5º A)	IDE B observado	x	4,7	5,7	6,4	6,1	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	4,9	5,2	5,5	x	x	OK	OK	OK
			Municipal	x	4,6	5,7	6,3	6,1	x	OK	OK	OK	OK
			Estadual	4,3	4,7	5,1	5,7	5,9	x	OK	OK	OK	OK
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	x	OK	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
SC	São Bonifácio	EEb São Tarcísio (8ª S / 9º A)	IDE B observado	4,7	5,2	5,8	4,9	5,2	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	4,7	4,9	5,1	5,5	x	OK	OK	ABAIXO	ABAIXO
			Municipal	4,7	5,2	5,8	4,9	5,2	OK	OK	OK	OK	OK
			Estadual	4,1	4,1	4,3	4,7	4,3	OK	OK	OK	OK	OK
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	OK	OK	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
SC	Tubarão	EEB Visconde de Mauá (4ª S / 5º A)	IDEB observado	4,2	5	4,3	5,4	x	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	4,3	4,6	5,0	5,3	x	OK	ABAIXO	OK	x
			Municipal	4,5	4,7	4,9	6,0	6,0	ABAIXO	OK	ABAIXO	ABAIXO	x
			Estadual	4,3	4,7	5,1	5,7	5,9	ABAIXO	OK	ABAIXO	ABAIXO	x
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	OK	OK	ABAIXO	OK	x

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
SC	Tubarão	EEB Visconde de Mauá (8ª S / 9º A)	IDEB observado	2,8	3,5	3,4	5,0	4,2	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	2,9	3,1	3,5	4,0	x	OK	OK	OK	OK
			Municipal	4,0	4,2	4,3	5,0	4,2	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	OK	OK
			Estadual	4,1	4,1	4,3	4,7	4,3	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	OK	ABAIXO
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	ABAIXO	OK	ABAIXO	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
SP	Campinas	Elza Maria P. de Aguiar Profª EMEF (4ª S / 8º A)	IDEB observado	x	5,1	5,2	6,2	6,1	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	5,3	5,6	5,9	x	x	ABAIXO	OK	OK
			Municipal	5,0	4,8	5,2	5,3	5,7	x	OK	OK	OK	OK
			Estadual	4,5	4,8	5,3	5,4	5,8	x	OK	ABAIXO	OK	OK
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	x	OK	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
SP	Campinas	Elza Maria P. de Aguiar Profª EMEF (8ª S / 9º A)	IDEB observado	x	4,1	4,8	5,2	5,1	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	4,2	4,4	4,8	x	x	OK	OK	OK
			Municipal	4,1	4,1	4,3	4,3	4,4	x	OK	OK	OK	OK
			Estadual	3,8	4,0	4,3	4,4	4,4	x	OK	OK	OK	OK
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	x	#REF!	#REF!	#REF!	#REF!

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
SP	Campo Limpo Paulista	André Franco Montoro Governador EMEF (4ª S / 8º A)	IDE B observado	3,9	4,8	4,2	5,2	4,8	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	4,0	4,4	4,8	5,0	x	OK	ABAIXO	OK	ABAIXO
			Municipal	4,6	4,9	5,2	5,5	5,6	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Estadual	4,5	4,8	5,3	5,4	5,8	ABAIXO	OK	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	OK	OK	ABAIXO	OK	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
SP	Campo Limpo Paulista	André Franco Montoro Governador EMEF (8ª S / 9º A)	IDE B observado	x	3,6	5,3	4,7	3,9	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	3,7	3,9	4,2	x	x	OK	OK	ABAIXO
			Municipal	4,4	4,3	4,6	4,6	4,4	x	ABAIXO	OK	OK	ABAIXO
			Estadual	3,8	4,0	4,3	4,4	4,4	x	ABAIXO	OK	OK	ABAIXO
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	x	OK	OK	OK	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado					
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013	
SP	Guarulhos	EPG Jocymara de Falchi Jorge (dados insuficientes no site do IDEB)	IDE B observado	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	
			Meta Projetada	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Municipal	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Estadual	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Nacional	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
SP	Mairiporã	Maria Zeza Gomes de Oliveira (8ª S / 9º A)	IDE B observado	x	3,2	4,6	3,6	4,3	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	3,3	3,5	3,8	x	x	OK	OK	OK
			Municipal	3,6	4,0	4,5	4,4	4,6	x	ABAIXO	OK	ABAIXO	ABAIXO
			Estadual	3,8	4,0	4,3	4,4	4,4	x	ABAIXO	OK	ABAIXO	ABAIXO
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	x	ABAIXO	OK	ABAIXO	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
SP	Onda Verde	José Ribeiro dos Santos Filho EM (4ª S / 8º A)	IDE B observado	5,0	4,8	5,6	6,2	5,4	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	5,1	5,4	5,8	6,0	x	ABAIXO	OK	OK	ABAIXO
			Municipal	5,0	4,8	5,6	6,2	5,4	OK	OK	OK	OK	OK
			Estadual	4,5	4,8	5,3	5,4	5,8	OK	OK	OK	OK	ABAIXO
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	OK	OK	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
SP	Pedreira	Airton Policarpo Doutor EMEF (4ª S / 8º A)	IDE B observado	x	5,5	5,8	5,5	5,9	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	5,7	5,9	6,2	x	x	OK	ABAIXO	ABAIXO
			Municipal	5,4	5,7	6,5	6,1	6,5	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Estadual	4,5	4,8	5,3	5,4	5,8	x	OK	OK	OK	OK
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	x	OK	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
SP	Salesó-polis	Elisiário Pinto de Morais (8ª S / 9º A)	IDE B observado	x	x	3,8	4,3	4,4	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	x	4,0	4,3	x	x	ABAIXO	OK	OK
			Municipal	x	5	5,6	5,1	5,5	x	OK	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Estadual	3,8	4,0	4,3	4,4	4,4	x	OK	ABAIXO	ABAIXO	OK
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	x	OK	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
SP	Santo André	Nagib miguel Elchmer Professor (8ª S / 9º A)	IDE B observado	x	3,7	4,2	4,7	4,5	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	3,8	4	4,3	x	x	OK	OK	OK
			Municipal	4,1	4,2	4,4	4,2	4,2	x	ABAIXO	ABAIXO	OK	OK
			Estadual	3,8	4,0	4,3	4,4	4,4	x	ABAIXO	ABAIXO	OK	OK
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	x	OK	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
SP	São Paulo	Antonio Carlos Ferreira Nobre Professor (8ª S / 9º A)	IDEB observado	x	4,6	4,9	5,2	4,6	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	4,7	4,9	5,2	x	x	OK	OK	ABAIXO
			Municipal	3,9	3,8	4,0	4,2	4,2	x	OK	OK	OK	OK
			Estadual	3,8	4,0	4,3	4,4	4,4	x	OK	OK	OK	OK
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	x	OK	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
SP	São Paulo	Escola de Aplicação da Faculdade de Educ. da USP (4ª S / 5º A)	IDEB observado	x	6,4	6,6	7,3	6,9	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	6,6	6,8	7,0	x	x	OK	OK	ABAIXO
			Municipal	4,3	4,5	5,0	5,1	x	x	OK	OK	OK	x
			Estadual	4,5	4,8	5,3	5,4	5,8	x	OK	OK	OK	OK
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	x	OK	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
SP	São Paulo	Escola de Aplicação da Faculdade de Educ. da USP (8ª S / 9º A)	IDEB observado	x	5,7	6,2	5,8	6,1	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	5,8	6,0	6,3	x	x	OK	ABAIXO	ABAIXO
			Municipal	3,9	3,8	4,0	4,2	4,2	x	OK	OK	OK	OK
			Estadual	3,8	4,0	4,3	4,4	4,4	x	OK	OK	OK	OK
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	x	OK	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
SP	São Paulo	Jamil Pedro Sawaya Prof (8ª S / 9º A)	IDEB observado	x	3,2	3,3	4,3	4,1	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	3,3	3,5	3,9	x	x	OK	OK	OK
			Municipal	3,9	3,8	4,0	4,2	4,2	x	ABAIXO	ABAIXO	OK	ABAIXO
			Estadual	3,8	4,0	4,3	4,4	4,4	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	x	ABAIXO	ABAIXO	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
SP	São Paulo	Olga Benatti Professora (8ª S / 9º A)	IDE B observado	x	4,5	4,4	4,8	4,9	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	4,6	4,8	5,1	x	x	ABAIXO	OK	ABAIXO
			Municipal	3,9	3,8	4,0	4,2	4,2	x	OK	OK	OK	OK
			Estadual	3,8	4,0	4,3	4,4	4,4	x	OK	OK	OK	OK
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	x	OK	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
SP	Sud Mennucci	José Benigo Gomes EMEF (4ª S / 5º A)	IDE B observado	4,3	5,8	6,6	6,0	6,8	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	4,4	4,7	5,1	5,4	x	OK	OK	OK	OK
			Municipal	5,9	5,9	6,2	6,4	6,3	ABAIXO	ABAIXO	OK	ABAIXO	OK
			Estadual	4,5	4,8	5,3	5,4	5,8	ABAIXO	OK	OK	OK	OK
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	OK	OK	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
SP	Sud Mennucci	José Benigo Gomes EMEF (8ª S / 9º A)	IDE B observado	x	5,2	5,6	5,4	5,0	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	5,2	5,4	5,7	x	x	OK	OK	ABAIXO
			Municipal	2,9	3,8	4,9	5,5	5,3	x	OK	OK	ABAIXO	ABAIXO
			Estadual	3,8	4,0	4,3	4,4	4,4	x	OK	OK	OK	OK
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	x	OK	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
SP	Votuporanga	Neyde Tonanni Marão Professora CEM (4ª S / 5º A)	IDE B observado	6,7	5,9	5,6	5,1	5,4	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	6,7	7,0	7,2	7,4	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Municipal	6,0	6,2	6,3	6,4	6,4	OK	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Estadual	4,5	4,8	5,3	5,4	5,8	OK	OK	OK	ABAIXO	ABAIXO
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	OK	OK	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
SE	Aracajú	Esc Ens Fund Profª Maria Tethis Nunes (4ª S / 8º A)	IDEB observado	2,6	2,9	2,3	3,4	4,0	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	2,8	3,4	3,9	4,2	x	OK	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Municipal	3,2	3,4	3,6	3,8	4,1	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Estadual	2,8	3,2	3,4	3,6	3,8	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	OK
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
SE	Aracajú	Esc Ens Fund Profª Maria Tethis Nunes (8ª S / 9º A)	IDEB observado	x	3,2	4,0	3,1	x	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	3,3	3,5	3,8	x	x	OK	ABAIXO	x
			Municipal	2,8	3,0	2,7	3,0	2,9	x	OK	OK	OK	x
			Estadual	2,7	2,8	2,8	2,9	2,8	x	OK	OK	OK	x
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	x	ABAIXO	OK	ABAIXO	x

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
SE	Barra dos Coqueiros *UCA TOTAL	Colégio Estadual Dr. Carlos Firpo (8ª S / 9º A)	IDEB observado	1,8	2,2	1,8	1,4	2,0	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	1,9	2,3	2,8	3,4	x	OK	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Municipal	2,0	2,3	2,1	1,9	2,2	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Estadual	2,7	2,8	2,8	2,9	2,8	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
SE	Barra dos Coqueiros *UCA TOTAL	EMEF Professora Creuza Gomes dos Santos (4ª S / 8º A)	IDEB observado	2,3	3,3	3,8	4,2	4,0	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	2,4	2,8	3,3	3,5	x	OK	OK	OK	OK
			Municipal	2,8	2,8	3,3	3,7	3,6	ABAIXO	OK	OK	OK	OK
			Estadual	2,8	3,2	3,4	3,6	3,8	ABAIXO	OK	OK	OK	OK
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
SE	Barra dos Coqueiros *UCA TOTAL	EMEF Professora Creuza Gomes dos Santos (8ª S / 9º A)	IDEB observado	2,7	2,7	3,4	2,5	2,5	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	2,7	2,9	3,1	3,5	x	OK	OK	ABAIXO	ABAIXO
			Municipal	2,0	2,3	2,1	1,9	2,2	OK	OK	OK	OK	OK
			Estadual	2,7	2,8	2,8	2,9	2,8	OK	ABAIXO	OK	ABAIXO	ABAIXO
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado					
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013	
SE	Barra dos Coqueiros *UCA TOTAL	Esc Mul de Ens. Fund Mª de L. Santos Oliveira (não consta no site do IDEB)	IDEB observado	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	
			Meta Projetada	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Municipal	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Estadual	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Nacional	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
SE	Barra dos Coqueiros *UCA TOTAL	Escola Estadual Professor José Franklin (4ª S / 8º A)	IDEB observado	2,9	2,4	2,6	3,0	x	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	2,9	3,3	3,7	4,0	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	x
			Municipal	2,8	2,8	3,3	3,7	3,6	OK	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	x
			Estadual	2,8	3,2	3,4	3,6	3,8	OK	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	x
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	x

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
SE	Barra dos Coqueiros *UCA TOTAL	Escola Estadual Professor José Franklin (8ª S / 9º A)	IDEB observado	x	x	1,0	2,1	x	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	x	2,1	2,7	x	x	ABAIXO	OK	x
			Municipal	2,0	2,3	2,1	1,9	2,2	x	x	ABAIXO	OK	x
			Estadual	2,7	2,8	2,8	2,9	2,8	x	x	ABAIXO	ABAIXO	x
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	x	x	ABAIXO	ABAIXO	x

Dados				Anos					Relação com ente federado					
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013	
SE	Barra dos Coqueiros *UCA TOTAL	Escola Iolada José Joaquim Montalvão (Escola Inativa)	IDEB observado	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	
			Meta Projetada	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Municipal	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Estadual	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Nacional	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x

Dados				Anos					Relação com ente federado					
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013	
SE	Barra dos Coqueiros *UCA TOTAL	Escola Mul Dr. José Augusto Cruz Santana (não consta no site do IDEB)	IDEB observado	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	
			Meta Projetada	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Municipal	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Estadual	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
			Nacional	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
SE	Barra dos Coqueiros *UCA TOTAL	Esc. Mun. de Ens. Fund. João Cruz (4ª S / 8º A)	IDEB observado	3,2	3,0	3,1	3,9	3,4	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	3,3	3,6	4,1	4,3	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Municipal	2,8	2,8	3,3	3,7	3,6	OK	OK	ABAIXO	OK	ABAIXO
			Estadual	2,8	3,2	3,4	3,6	3,8	OK	ABAIXO	ABAIXO	OK	ABAIXO
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
SE	Barra dos Coqueiros *UCA TOTAL	Esc Mun Ens Fun Maria Terezinha dos Anjos Santos (4ª S / 8º A)	IDEB observado	2,9	2,5	3,1	3,6	3,4	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	3,0	3,3	3,7	4,0	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Municipal	2,8	2,8	3,3	3,7	3,6	OK	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Estadual	2,8	3,2	3,4	3,6	3,8	OK	ABAIXO	ABAIXO	OK	ABAIXO
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
SE	Capela	Escola Estadual Professora Maria Berenice Barreto Alves (4ª S / 8º A)	IDE B observado	x	x	2,7	4,2	3,6	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	x	3,0	3,2	x	x	x	OK	OK
			Municipal	2,8	2,9	3,5	3,4	3,8	x	x	ABAIXO	OK	ABAIXO
			Estadual	2,8	3,2	3,4	3,6	3,8	x	x	ABAIXO	OK	ABAIXO
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	x	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
SE	Capela	Escola Estadual Professora Maria Berenice Barreto Alves (8ª S / 9º A)	IDE B observado	x	2,1	3,0	3,0	3,0	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	2,2	2,3	2,6	x	x	OK	OK	OK
			Municipal	2,3	2,4	2,6	2,7	2,8	x	ABAIXO	OK	OK	OK
			Estadual	2,7	2,8	2,8	2,9	2,8	x	ABAIXO	OK	OK	OK
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
SE	Itabaiana	Escola Municipal Profª Maria Elizete Santos (4ª S / 8º A)	IDE B observado	2,1	2,3	2,6	2,2	x	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	2,2	2,6	3,0	3,3	x	OK	OK	ABAIXO	x
			Municipal	2,7	3,3	3,6	3,7	3,9	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	x
			Estadual	2,8	3,2	3,4	3,6	3,8	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	x
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	x

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
SE	Moita Bonita	Escola Estadual Engenheiro Elias Andrade (8ª S / 9º A)	IDE B observado	3,3	3,1	3,5	2,5	2,1	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	3,3	3,5	3,7	4,1	x	ABAIXO	OK	ABAIXO	ABAIXO
			Municipal	2,8	3,0	3,5	3,3	3,0	OK	OK	OK	ABAIXO	ABAIXO
			Estadual	2,7	2,8	2,8	2,9	2,8	OK	OK	OK	ABAIXO	ABAIXO
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	OK	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
SE	São Cristóvão	Colégio de Aplicação da UFS (8ª S / 9º A)	IDE B observado	x	5,4	6,5	6,9	4,4	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	5,5	5,7	5,9	x	x	OK	OK	ABAIXO
			Municipal	2,9	3,0	2,7	2,7	2,4	x	OK	OK	OK	OK
			Estadual	2,7	2,8	2,8	2,9	2,8	x	OK	OK	OK	OK
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	x	OK	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
SE	Simão Dias	Escola Estadual João de Mattos Carvalho (4ª S / 8º A)	IDE B observado	3,2	3,4	4,1	4,4	4,8	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	3,2	3,6	4,0	4,3	x	OK	OK	OK	OK
			Municipal	2,7	3,1	3,4	3,5	4,0	OK	OK	OK	OK	OK
			Estadual	2,8	3,2	3,4	3,6	3,8	OK	OK	OK	OK	OK
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
SE	Simão Dias	Escola Estadual João de Mattos Carvalho (8ª S / 9º A)	IDE B observado	3,0	3,8	4,1	2,5	3,4	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	3,0	3,2	3,5	3,9	x	OK	OK	ABAIXO	ABAIXO
			Municipal	3,1	3,3	3,6	2,7	3,0	ABAIXO	OK	OK	ABAIXO	OK
			Estadual	2,7	2,8	2,8	2,9	2,8	OK	OK	OK	ABAIXO	OK
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	ABAIXO	OK	OK	ABAIXO	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
SE	Tobias Barreto	Esc Mul de Ensino Fund Pedro Izídio de Oliveira (4ª S / 8º A)	IDE B observado	x	x	2,9	2,9	4,0	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	x	3,2	3,4	x	x	x	ABAIXO	OK
			Municipal	2,5	2,9	3,5	3,5	3,8	x	x	ABAIXO	ABAIXO	OK
			Estadual	2,8	3,2	3,4	3,6	3,8	x	x	ABAIXO	ABAIXO	OK
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	x	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
TO	Ara-guaína	Escola Estadual Girassol de Tempo Integral Sancha Ferreira (8ª S / 9º A)	IDEB observado	x	3,8	3,9	3,4	3,7	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	3,9	4,1	4,4	x	x	OK	ABAIXO	ABAIXO
			Municipal	3,6	3,6	4,0	3,9	3,6	x	OK	ABAIXO	ABAIXO	OK
			Estadual	3,3	3,6	3,9	4,0	3,8	x	OK	OK	ABAIXO	ABAIXO
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	x	OK	OK	ABAIXO	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
TO	Ara-guaína	Escola Municipal William Castelo Branco Martins (4ª S / 5º A)	IDEB observado	x	4,2	5,1	4,2	5,7	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	4,0	4,2	4,5	x	x	OK	OK	OK
			Municipal	4,2	4,4	4,8	5,1	5,4	x	ABAIXO	OK	ABAIXO	OK
			Estadual	3,4	4	4,4	4,8	5,0	x	OK	OK	ABAIXO	OK
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	x	OK	OK	ABAIXO	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
TO	Ara-guaína	Escola Municipal william Castelo Branco Martins (8ª S / 9º A)	IDEB observado	x	3,9	4,6	4,1	x	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	4,0	4,2	4,5	x	x	OK	ABAIXO	x
			Municipal	3,6	3,6	4,0	3,9	3,6	x	OK	OK	OK	x
			Estadual	3,3	3,6	3,9	4,0	3,8	x	OK	OK	OK	x
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	x	OK	OK	OK	x

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
TO	Dianópolis	Esc Est Joca Costa (4ª S / 5º A)	IDEB observado	x	3,9	4,3	4,0	4,6	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	4,1	4,4	4,7	x	x	OK	ABAIXO	ABAIXO
			Municipal	4,1	4,4	4,4	4,6	5,1	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Estadual	3,4	4	4,4	4,8	5,0	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
TO	Guaraí	Escola Estadual José Costa Soares (4ª S / 5º A)	IDEB observado	4,5	3,6	4,5	4,3	4,8	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	4,6	4,9	5,3	5,6	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Municipal	4,2	4,2	4,6	5,0	5,4	OK	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Estadual	3,4	4	4,4	4,8	5,0	OK	ABAIXO	OK	ABAIXO	ABAIXO
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	OK	ABAIXO	OK	ABAIXO	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
TO	Gurupi	Escola Estadual Presidente Costa e Silva (8ª S / 9º A)	IDEB observado	4,1	3,7	5,1	4,6	4,3	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	4,1	4,3	4,5	4,9	x	ABAIXO	OK	OK	ABAIXO
			Municipal	3,9	4,1	4,2	4,3	4,1	OK	ABAIXO	OK	OK	OK
			Estadual	3,3	3,6	3,9	4,0	3,8	OK	OK	OK	OK	OK
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	OK	OK	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
TO	Gurupi	Escola Municipal Antonio de Almeida Veras (4ª S / 5º A)	IDEB observado	3,5	3,7	4,3	4,2	3,6	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	3,6	3,9	4,4	4,6	x	OK	OK	ABAIXO	ABAIXO
			Municipal	4,2	4,5	5,2	5,4	5,5	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Estadual	3,4	4	4,4	4,8	5,0	OK	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
TO	Gurupi	Escola Municipal Antonio de Almeida Veras (8ª S / 9º A)	IDEB observado	2,8	3,7	3,7	3,8	3,1	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	2,8	3,0	3,3	3,7	x	OK	OK	OK	ABAIXO
			Municipal	3,9	4,1	4,2	4,3	4,1	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Estadual	3,3	3,6	3,9	4,0	3,8	ABAIXO	OK	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	ABAIXO	OK	OK	ABAIXO	ABAIXO

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
TO	Palmas	Colégio Estadual Dom Alano Marie Du Noday (4ª S / 5º A)	IDE B observado	5,0	5,3	6,4	5,6	6,2	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	5,1	5,4	5,8	6,0	x	OK	OK	ABAIXO	OK
			Municipal	4,1	4,4	5,4	5,7	5,6	OK	OK	OK	ABAIXO	OK
			Estadual	3,4	4	4,4	4,8	5,0	OK	OK	OK	OK	OK
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	OK	OK	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
TO	Palmas	Colégio Estadual Dom Alano Marie Du Noday (8ª S / 9º A)	IDE B observado	4,1	5,0	4,7	4,3	4,2	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	4,2	4,3	4,6	5,0	x	OK	OK	ABAIXO	ABAIXO
			Municipal	3,6	3,8	4,6	4,7	4,6	OK	OK	OK	ABAIXO	ABAIXO
			Estadual	3,3	3,6	3,9	4,0	3,8	OK	OK	OK	OK	OK
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	OK	OK	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
TO	Palmas	Escola Municipal Crispim Pereira Alencar (4ª S / 5º A)	IDE B observado	3,4	3,9	4,9	5,0	4,9	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	3,4	3,8	4,2	4,5	x	OK	OK	OK	OK
			Municipal	4,1	4,4	5,4	5,7	5,6	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Estadual	3,4	4	4,4	4,8	5,0	OK	ABAIXO	OK	OK	ABAIXO
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	ABAIXO	ABAIXO	OK	OK	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDE B	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
TO	Paraíso do Tocantins	Escola Municipal Professora Luzia Tavares (8ª S / 9º A)	IDE B observado	3,5	3,7	4,5	3,8	x	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	3,5	3,7	3,9	4,3	x	OK	OK	ABAIXO	x
			Municipal	3,8	4,0	4,2	4,3	3,8	ABAIXO	ABAIXO	OK	ABAIXO	x
			Estadual	3,3	3,6	3,9	4,0	3,8	OK	OK	OK	ABAIXO	x
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	OK	OK	OK	ABAIXO	x

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
TO	Porto Nacional	Escola Estadual Beira Rio (4ª S / 5º A)	IDEB observado	x	x	3,9	4,1	5,0	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	x	4,2	4,5	x	x	x	ABAIXO	OK
			Municipal	4,0	4,2	4,6	4,9	5,0	x	x	ABAIXO	ABAIXO	OK
			Estadual	3,4	4	4,4	4,8	5,0	x	x	ABAIXO	ABAIXO	OK
			Nacional	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	x	x	ABAIXO	ABAIXO	OK

Dados				Anos					Relação com ente federado				
Estado	Município	Nome da Escola	IDEB	2005	2007	2009	2011	2013	2005	2007	2009	2011	2013
TO	Porto Nacional	Escola Estadual Beira Rio (8ª S / 9º A)	IDEB observado	x	x	3,2	3,0	3,2	x	x	x	x	x
			Meta Projetada	x	x	x	3,3	3,6	x	x	x	ABAIXO	ABAIXO
			Municipal	4,0	4,1	4,2	4,3	4,0	x	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Estadual	3,3	3,6	3,9	4,0	3,8	x	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO
			Nacional	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	x	x	ABAIXO	ABAIXO	ABAIXO